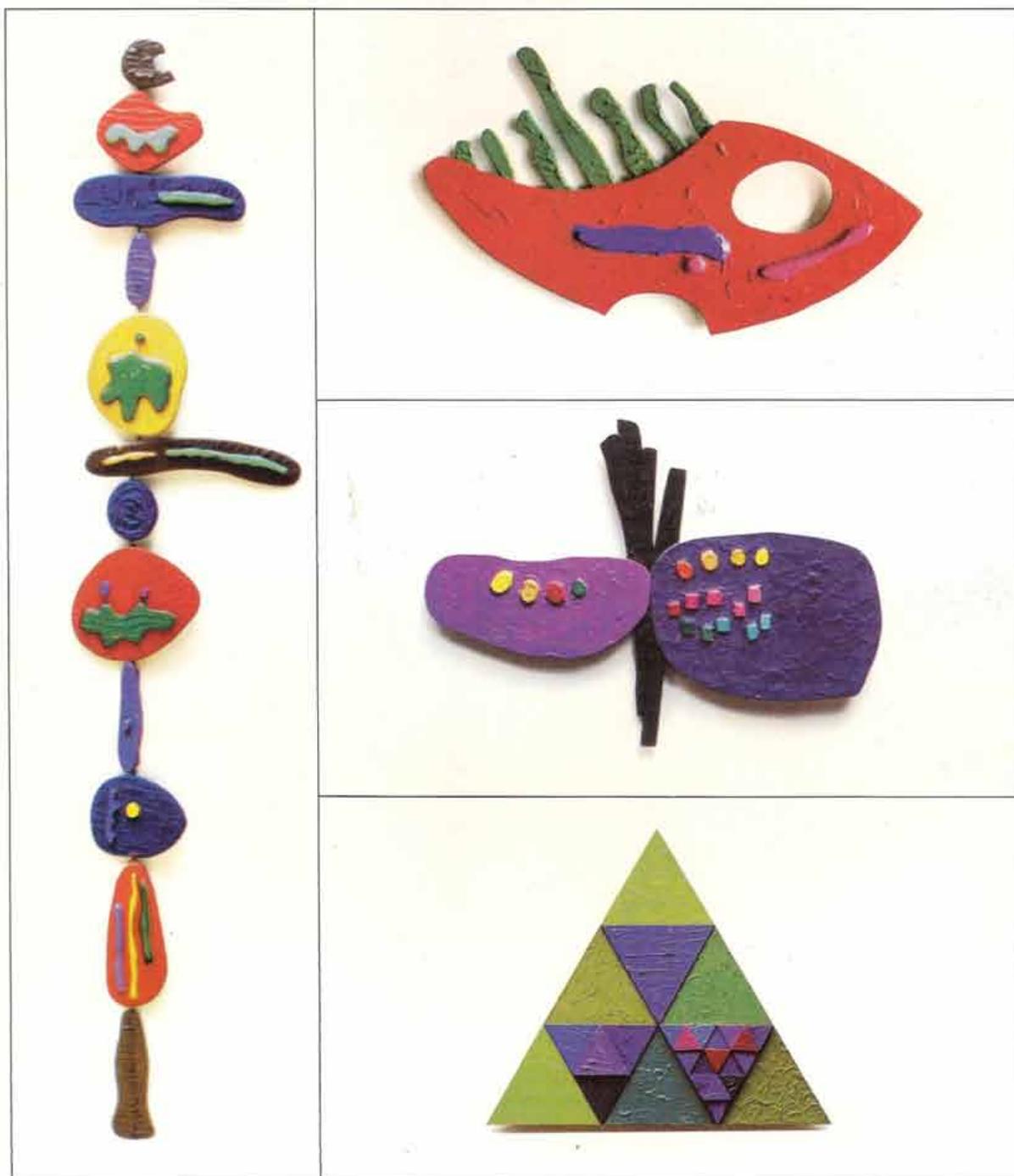




Thot

UMA PUBLICAÇÃO
TRANSDISCIPLINAR
DA ASSOCIAÇÃO
PALAS ATHENA
Nº 64 - 1997
ISSN 1413-893x



A CULTURA BRASILEIRA NO FIM DO MILÊNIO
O Complexo Cérebro-Mente
Estudos Sobre a Consciência na Era Pós-Moderna
Os Castelos Medievais do Século XXI



ASSOCIAÇÃO PALAS ATHENA

CENTRO DE ESTUDOS FILOSÓFICOS

Rua Leôncio de Carvalho, 99 - Paraíso
CEP 04003-010 - São Paulo - SP
Fones (011) 288.7356 e 283.0867 - Fax: (011) 287.8941



GRÁFICA E EDITORA PALAS ATHENA

Rua Serra de Paracaina, 240 - Cambuci
CEP 01522-020 - São Paulo - SP
Fone (011) 279.6288 - Fax: (011) 277.8137



CENTRO PEDAGÓGICO CASA DOS PANDAVAS

Av. Santa Rita, 551 - Bairro do Souza
CEP 12250-000 - Monteiro Lobato - SP
Fone: (012) 973.9061



CENTRO DE ESTUDOS PALAS ATHENA (Santos) Rua João Pinho, 46 - Boqueirão

CEP 11050-060 - Santos - SP
Fone: (013) 222.5569

A mente, o cérebro e a filosofia em evidência



THOT é uma publicação da Associação Palas Athena. Seu nome é a forma grega de uma antiga divindade egípcia padroeira dos escribas e dos matemáticos, criadora da escrita, fundadora da ordem social, intérprete e conselheira dos deuses. Geralmente representado com a cabeça de íbis, Thot manifesta a essência do pensamento criador.

Thot nº 64 - janeiro de 1997
tiragem: 2.500 exemplares
ISSN 1413-893x

Editores: Associação Palas Athena do Brasil, Basilio Pawlowicz, Humberto Mariotti, Lia Diskin, Primo Augusto Gerbelli, Roberto Ziemer, Ubiratan D'Ambrosio - **Edição de Texto:** Edvaldo Pereira Lima
Equipe Thot: Carmen Fischer, Collaço Vêras, Daniela Moreau, George Barcat, Isabel Cristina M. de Azevedo, Lucia Benfatti Marques, Lucia Brandão S. Moufarrige, Maria Léa Schwarcz, Maria Tereza Bryg, Marli Montesano, Paulo Mariotti, Therezinha Siqueira Campos, Verônica Rapp de Eston, Yara Bonomo, Yone A. Guimarães Pitto - **Capa:** Takeshi Assaoka - **Diagramação e Editoração Eletrônica:** Maria do Carmo de Oliveira - **Fotolitos:** Binhas - **Produção:** Emilio Moufarrige, Sérgio Marques - **Impressão e Distribuição:** Gráfica e Editora Palas Athena - **Assinaturas:** Lucia Benfatti Marques - **Colaboradores:** José Luiz Martinez (Finlândia), Leo Matos (EUA), Alex Berzin (Índia), Conrad Richter (Canadá), Henryk Skolimovski (EUA).

Jornalista responsável: José Caruso Filho

Não publicamos matérias redacionais pagas. Permitida a reprodução, citando a origem. Os números atrasados serão vendidos conforme a última tabela de preços publicada pela Editora Palas Athena. Periodicidade: trimestral. Assinatura por quatro números - Pedidos em nome da Associação Palas Athena do Brasil - Rua Leônida de Carvalho, 99 - São Paulo - SP - CEP 04003-010 - Fones: 288.7356 e 283.0867.

A responsabilidade pelos artigos assinados cabe aos autores. Matrícula nº 2046. Registro no DDCP do Departamento de Polícia Federal sob nº 1586 P 290/73.

No começo dos anos 90, as revistas internacionais especializadas em ciência informavam que esta seria a década do cérebro. Na verdade, publicações anteriores já vinham renunciando o crescente interesse pelo tema, em escala mundial. Em praticamente todas elas é nítida a proposta de integração cérebro-mente. A tridentária separação cartesiana entre corpo e alma começa, enfim, a ser questionada em termos práticos.

O que nos leva a outro desdobramento. O aparecimento cada vez mais frequente desses textos mostra que a integração razão-emoção deixa, aos poucos, de ser um tema exclusivamente filosófico e surge como proposição aplicável ao dia-a-dia das pessoas. Mais importante ainda não é só a publicação desses trabalhos, mas também o interesse que eles vêm despertando nos leitores. Essa é naturalmente uma boa notícia, que se faz acompanhar de outra, igualmente auspiciosa: nos textos que têm sido publicados sobre o tema, fica ainda evidente que as preocupações de ordem prática não implicam uma diminuição do interesse pelas bases filosóficas.

Este é, talvez, o dado isolado mais significativo de toda a questão. Se, em nome das abordagens práticas, a filosofia estivesse ameaçada de ser posta de lado, toda essa orientação integradora seria presa fácil dos modismos que costumam acompanhar as grandes mudanças de pensamento, ao longo da história.

Nem sempre este ponto é destacado, mas o papel da reflexão filosófica como garantia de que os modismos e maneirismos continuarão sob exame crítico, ininterrupto e aberto a todos, é fundamental. Não é por acaso que a observação do conteúdo do que se publica atualmente no mundo inteiro revela a manutenção do interesse - do interesse popular, inclusive - pela filosofia. Basta lembrar que a vendagem, no mundo todo, de livros cuja proposta é pôr o pensamento filosófico ao alcance de todos se expressa em milhões de exemplares.

THOT procura estar em sintonia com essas evidências, e o faz ao longo de todo o seu conteúdo. Pode-se apontar trabalhos como o do professor Wilson Sanvito, em que a neurologia, a filosofia, a história e outras disciplinas se entrelaçam, proporcionando claros exemplos da visão integradora que progressivamente se firma nos dias atuais. (*Humberto Mariotti*)

ÍNDICE

Entrevista com Marcos Rey	3	Encontro com Madre Teresa de Calcutá	46
O mascote Abraham Szajman	12	Collaço Vêras	
O complexo cérebro-mente Wilson Sanvito	14	Normose: a patologia da normalidade	50
A educação tradicional na África Amadou Hampaté-Bâ	23	Pierre Weil	
Os castelos medievais do século XXI Luis Norberto Pascoal	27	No final de uma era	56
Os estudos sobre a consciência na era pós-moderna Stanley Krippner	32	Joseph Campbell	
Globalização e reestruturação: os dilemas da economia Ubiratan D'Ambrosio	41	Painel	61
		Epifanias	62
		Paulo Bomfim	
		Capa: Trabalhos de Domenico Calabrane: Totem da Amazônia I (1992) 135x30cm; Cromofóssil (1191) 82x45cm; Flor da Amazônia II (1992) 90x65cm e Fractalização de um triângulo verde (1993) 70x82cm.	

GALERIA

Como aconteceu no número anterior, GALERIA homenageia mais um artista: DOMENICO CALABRONE. Vêm de sua obra todas as imagens que ilustram esta edição.

CALABRONE – a síntese de um processo



Calabrone, italiano radicado no Brasil desde 1954, é escultor, gravador, pintor e *designer* de objetos e jóias. Tem participado de inúmeras exposições no Brasil e no exterior, destacando-se a Bienal de São Paulo, a de Budapeste (Hungria) e a de Skironio (Grécia). Realizou exposições individuais em Genebra, Roma, Milão, Tel Aviv, Montevidéu, Nova York, Lausanne, Rio de Janeiro e São Paulo, entre outras capitais.

Artista múltiplo, Calabrone trabalha com uma grande diversidade de materiais. Mantém atelier em São Paulo e em Carrara (Itália). Desde o início, suas obras não seguiram uma linearidade estilística, e podem ser agrupadas em quatro fases:

A MÁQUINA – durante os anos 60 e 70, o artista usou a máquina como tema e conteúdo de seus trabalhos. Por meio de sucatas, restos de máquinas e engrenagens, criou os chamados *objetos* e *assemblages*, seguindo o experimentalismo da época.

PSICOMEMÓRIA – Nessa fase, Calabrone trabalhou com formas arcaicas, preexistentes no inconsciente das pessoas. Há uma relação muito grande entre suas propostas estéticas e a psicologia analítica de Jung. É dessa época a série de *totens*, *megatérios* e *fósseis*. Como um arqueólogo, o artista remontou a um passado longínquo, às origens do homem e a um tempo perdido mas ainda existente na memória inconsciente da humanidade. Com o sentido estético da fase Psicomemória, também chamada Fase da Imanência, Calabrone ergueu um grande monumento no centro de São Paulo, na praça da Sé. A escultura *Construção da Sé*, em granito, com mais de 5 metros de altura, simboliza a memória dos antigos totens que persistem em uma cidade contemporânea.

GEOMETRIA POÉTICA – Essa etapa representou um desafio, aliou a criação artística ao uso de instrumentos contemporâneos de trabalho, como o computador, e material industrializado, como o *fiberglass*. O computador foi utilizado como facilitador de cálculos e de respostas às probabilidades formais. Mas as propostas, a criação e a execução ficaram sempre a cargo do artista. A fase da Geometria Poética completou, para Calabrone, suas preocupações em relação à máquina.

POÉTICA FRACTAL – Atualmente, e desde o final dos anos 80, Calabrone vem desenvolvendo suas criações segundo a estética fractal. Uniu a natureza como matriz das formas plásticas à contemporaneidade intelectual. As recentes pesquisas da Teoria do Caos e dos Fractais foram elaboradas artisticamente, resultado o que se chamou de Forma-transformação, ou seja, formas como estruturas em processo. Para quem acompanhou Calabrone por mais de 40 anos de carreira, essa etapa vem a ser uma síntese de todas as suas pesquisas e postura estética. *(Dalva de Abrantes)*

ENTREVISTA COM MARCOS REY

A LITERATURA E A CULTURA BRASILEIRAS NO FIM DO MILÊNIO



Neste fim de século, as mudanças no cenário mundial têm sido tema constante de incontáveis publicações, em todas as latitudes. No Brasil, embora com o atraso habitual, essas transformações também vêm ocorrendo e sendo notadas.

Há tempos, THOT vem buscando uma forma de abordar o assunto que não caia no modelo teórico e discursivo.

Surgiu, enfim, a oportunidade. Em outubro de 1996 o escritor Marcos Rey, nosso entrevistado desta edição, recebeu, em solenidade da Academia Paulista de Letras, o prêmio Juca Pato, atribuído ao

Intelectual do Ano e patrocinado pela União Brasileira de Escritores (UBE) e pela Folha de São Paulo.

O Intelectual do Ano é tradicionalmente eleito por um público de escritores de todo o Brasil. Não se trata de um prêmio literário, entretanto; ao prestar essa homenagem, a UBE e a Folha premiam o escritor cuja obra é considerada fundamental para a cultura brasileira. Ao fim da entrevista, THOT acabou descobrindo que a versátil vida profissional de Marcos Rey, tal como aqui vista e contada por ele mesmo, confunde-se com a evolução de um amplo setor da cultura de nosso país. É o que veremos a seguir.



Turmalina (1993) 104x45cm.
Relevo em cores.

THOT – *O que você acha que está mudando na cultura brasileira, neste fim de século?*

REY – Acho que está havendo um grande *stacatto*, um grande intervalo. Por isso, acredito que talvez não se deva falar em cultura brasileira, e sim de cultura mundial, quando nos referimos a essa parada. É um fenômeno planetário. No terreno da arte, o que parece – e venho observando isso há muito tempo – é que não estão surgindo muitas coisas novas. Continua aquele velho fluxo e refluxo de sempre. Mas este século já deu muita coisa boa, grandes ondas de transformação, não só no meu terreno, que é mais ligado às artes, como no da cultura em geral; deu grandes escritores, por exemplo. Tudo isso foi impulsionado por idéias políticas, científicas, pelo sonho do marxismo.

Surgiram muitos autores importantes. A luta contra o marxismo, por sua vez, abriu espaço para outros tantos. A psicanálise também exerceu o seu fascínio, proporcionou uma abertura enorme, por onde entraram autores como Proust e Virgínia Woolf. Foram artistas que libertaram o inconsciente, que o puseram no papel. Hoje estamos num tempo de expectativa geral, uns olhando para os outros e perguntando: “e agora?”

Parece que não vivemos mais numa época de grandes sonhos. Estamos num compasso de espera; essa expectativa é torturante e, ao mesmo tempo, nos faz pensar sobre as mudanças que estão a caminho. Não me sinto capaz, nem tenho lido coisas que me capacitem a dizer o que é que vem por aí, o que vai acontecer no começo do Terceiro Milênio. Qual o tipo de revolução que vai surgir? Até que ponto a informática e outras maravilhas eletrônicas vão influir no pensamento humano? Tudo isso fará com que desapareçam os gêneros literários? Fará com que a poesia, por exemplo, saia de sua rota por algumas décadas? Estamos num período de mais interrogações do que respostas.

THOT – *Você fala de transformações que estão em curso. Até que ponto a literatura pode estar nesse stacatto porque muitos escritores ainda estão tentando entender o que está acontecendo?*

REY – Francamente, não sei. O que se pode dizer com certeza é que não existe mais aquele temor, típico dos anos 70, de que a literatura desapareceria. Acho que esse medo foi superado. Nenhum tipo de evolução da informática eliminará a criatividade humana. Essa certeza é o que há de mais importante. Não sabemos que rumo tomaremos, mas o fato é que não vamos ficar sempre parados. O que vai acontecer? Quem sabe virá um novo rumo político universal, a volta do pragmatismo, a decadência dos idealismos.

O século 20 foi uma época de ideais, um tempo marcadamente idealista. Talvez tudo isso vá desaparecer e dar lugar a coisas muito mais práticas. Hoje, quando se fala em governos, diz-se que os que mais produzirem, os que proporcionarem mais produtos e serviços, são os que irão ficar, os que irão conseguir mais aceitação popular. É provável que no terreno das artes essa tendência também se reproduza, de uma forma ou de outra.

THOT – *Esse pragmatismo, aliás, vem sendo assinalado por diversos observadores. Você acredita que isso pode ser responsável por um fenômeno, que acontece também na sua obra, e que consiste na tendência a produzir textos mais concisos?*

REY – Parece que essa tendência existe. Mas acredito que ela não se concretizará *in totum*. Aquela coisa do “tempo é dinheiro”, que também foi um dos grandes temas do século 20, talvez se torne ainda mais forte de agora em diante. A pouca disposição das pessoas para a leitura pode levar à preferência por produções mais sintéticas, mas não sei se isso será uma regra geral. Acredito que um bom romance,

mesmo muito extenso, continuará tendo sucesso. Mas, no geral, acho que as coisas mais breves ocuparão mais espaço no agrado do leitor.

THOT – *Você acredita que a chamada globalização pode mudar radicalmente o conteúdo, não só das obras literárias, mas das cinematográficas, pictóricas etc.? Existe mesmo a tendência de produção de uma literatura mundial?*

REY – Sim. A literatura, por exemplo, passará a ser menos informativa. Ainda outro dia estive pensando em Balzac, até reli algumas coisas dele. Balzac foi um escritor da primeira metade do século passado que, além de outras qualidades, tinha a de passar informações por meio de suas obras. As pessoas liam a produção dele inclusive para se informar. Em todo livro ele mostrava conhecimento de um determinado ramo profissional. Numa de suas obras, por exemplo, o escritor francês descreve o funcionamento das gráficas que imprimiam jornais. Esse é o tipo da coisa que vai desaparecer. O livro de ficção vai perder, como já perdeu em parte, essa característica de valer também pelo seu teor informativo. A informação hoje vem pela Internet. Mas talvez tudo isso até dê mais liberdade para a criação artística.

THOT – *Na solenidade de entrega do título de Intelectual do Ano, houve quem se movesse quando você se referiu a alguns de seus personagens, porque eles são sempre muito marcantes. Como acontece com Balzac, alguns de seus heróis costumam aparecer em mais de um livro. Você acha que, ao deixar de lado esse aspecto mais informativo, a literatura vai procurar criar personagens cada vez mais diferenciados?*

REY – O que aconteceu, nos últimos tempos, foi que a literatura narrativa, que

incluía o desenho dos personagens, parece ter perdido a importância. Surgiu uma forma de escrever, muito ligada à obra de James Joyce, por exemplo, em que o pensamento nebuloso era a grande constante. Contar histórias passou a ser visto até como um sintoma de mediocridade. Por isso, os personagens acabaram perdendo a importância. Aqui no Brasil, dada a nossa tendência a imitar, muitas vezes com grande atraso, o que ocorre no estrangeiro, passou-se a fazer uma literatura incolor, em que tudo era de difícil entendimento; parece que os autores já sabiam que, se fizessem uma coisa meio enigmática, baseada em flashes, nada esclarecendo, seriam aplaudidos pela crítica.

Para mim esse foi um dos grandes males que aconteceram à literatura brasileira. Isso ocorreu também no exterior, só que lá a recuperação foi mais rápida. Você vê que a literatura americana de hoje, em que se destacam autores como Paul Auster, Sam Shepard, retornou à história bem bolada, ao personagem bem desenhado. Isso cria uma nova espécie de elo com o público leitor. No Brasil, sob a influência mais longínqua de Joyce, e mais próxima de autores como Clarice Lispector, Guimarães Rosa e outros, tudo ficou muito dispersivo. A Clarice acreditava só nas palavras e deixava isso bastante claro; uma vez, ela disse: “enredo e personagens são coisas que não me pegam mais”.

Assim, a literatura passou a ser uma espécie de esgrima, um jogo de palavras e frases que é muito engenhoso e exige bastante talento, é verdade, mas que acaba se tornando muito repetitivo e até fácil. O difícil mesmo é encontrar um escritor que consiga passar a sua experiência, que conte as histórias da sua cidade, de sua época e de sua geração. Mas isso já está acontecendo de novo; está havendo um retorno aos tempos em que o romance era romance mesmo.

Totem da Memória Cibernética
(1986) h. 5ms. Escultura.



THOT – *Você acabou de falar em Paul Auster e Sam Shepard, escritores americanos que têm alcançado muito sucesso, inclusive no Brasil. Há uma linhagem de ficcionistas, como eles, Patricia Highsmith e, no Brasil, Carlos Heitor Cony e você próprio, cuja capacidade de influenciar é indiscutível. Que tipo de influência vocês podem estar passando para os iniciantes?*

REY – Isso não sei dizer. Mas o que eu não estava suportando mais, e acho que o leitor também, era ver escritores que, já aos vinte anos de idade, adotavam uma linguagem enigmática, cheia de malabarismos, que transformava os livros em estudos de lingüística. Dessa forma, as obras deixavam de ser o que deveriam: veículos de histórias emocionantes, absorventes, que realmente significassem alguma coisa. Não sei se minha literatura influenciou alguém a deixar de lado essas filigranas; mas acho ótimo se isso estiver acontecendo.

THOT – *Como você vê a crítica literária, no Brasil atual?*

REY – Na época da minha mocidade existiam os críticos de rodapé de jornal, como o Tristão de Athayde, Sérgio Milliet, Álvaro Lins, o próprio Mário de Andrade. Existiam aqueles críticos básicos, que eram como obstáculos que precisavam ser saltados pelos escritores, para que ficassem provadas as suas qualidades. Eram críticos muitos ligados à literatura, que viviam a literatura. Depois surgiu a chamada crítica acadêmica, ou universitária, feita por intelectuais que levaram a vida inteira lendo três ou quatro autores. Isso fez com que eles passassem a examinar a produção literária através de um prisma muito estreito, segundo os dogmas de determinadas escolas. Muitos não são nem mesmo grandes leitores; conheço bem alguns deles e sei disso.

Para esses críticos, tudo o que não parecesse obscuro e complicado era conside-

rado de má qualidade. Alguns deles levaram essa posição até o maior dos radicalismos. Essa crítica universitária, evidentemente, sempre foi ignorada pelo público, dada a sua inacessibilidade. Mas de um modo ou de outro acabou exercendo uma péssima influência sobre a literatura brasileira. Talvez isso tenha provocado a atual proliferação de resenhistas. Estes pelo menos escrevem com clareza e têm mais contato com o público.

THOT – *Há uma parte da sua obra que tem sido pouco examinada; é a sua passagem pela chamada teledramaturgia, as novelas televisivas. Gostaríamos de saber mais a respeito, e sobre o que você acha da teledramaturgia de hoje.*

REY – Houve um período, no começo dos anos 70, em que havia alguns escritores fazendo novelas de televisão. Lembro aqui o Walter George Durst, o Manuel Carlos, o Bráulio Pedroso, o Dias Gomes e eu próprio. Chegou-se a acreditar que a telenovela atingiria um status comparável ao da criação literária propriamente dita. Mas isso não aconteceu e, ao que tudo indica, não vai acontecer. Passada essa fase, a telenovela voltou a ser o que era no tempo do rádio; um produto comercial, hoje muito bem embalado, com alto nível técnico e produção refinada. Mas o recheio não promete mais nada; não se deve ter a menor ilusão a esse respeito.

THOT – *E as minisséries, podem ser exceções?*

REY – O que se tem feito de bom está justamente no terreno das minisséries. Na verdade, a extensão de uma telenovela, que é em média de 180 capítulos, a torna incompatível com um mínimo de qualidade literária. É preciso atender a tantas exigências, fazer tantas concessões, que o resultado é esse que se vê nas telas. Já as minisséries são mais comparáveis a filmes de



Totem da Amazônia
(1992) 135x30cm.
Composição fractal
policrônica.

cinema. E o cinema, é claro, tem mais qualidade artística do que as telenovelas. As melhores minisséries têm sido as que fizeram adaptações de textos literários. As de melhor qualidade são as que não passam de dez capítulos. A que adaptou meu romance *Memórias de um gigolô*, por exemplo, teve sua qualidade prejudicada pela extensão. Se tivesse se limitado a dez capítulos teria sido melhor.

THOT – *Você também trabalhou no cinema, como roteirista. Sabemos que depois de um período de latência o cinema brasileiro parece estar retornando. Qual a sua opinião sobre ele como meio de expressão cultural?*

REY – Antes de responder eu queria dizer uma coisa. Uma das características de minha carreira sempre foi a diversidade de linhas de trabalho. Tive que fazer um pouco de tudo para sobreviver. Nem todo escritor passa por isso. Trabalhei em rádio, televisão, publicidade, fui roteirista de cinema, professor. Todas essas experiências acabaram se refletindo positivamente em minha literatura e fizeram com que eu perdesse preconceitos que alguns escritores ainda têm.

Fiz cinema sim, e cinema da pior qualidade. De certo modo, era o que se podia fazer nos tempos do regime militar, em que só eram admitidas comédias, as chamadas pornochanchadas, coisas assim. Nada que fosse feito a sério passava pelas exigências da censura. Até temas como conflitos familiares eram vetados; pais e filhos tinham de se dar perfeitamente bem, de viver num mundo ideal, para caberem num roteiro cinematográfico. Nunca fui um grande entusiasta quanto ao futuro do cinema brasileiro, mesmo porque este é um veículo que exige muito dinheiro, coisa que sempre faltou no Brasil. E fazer cinema com economia exige um talento que talvez ainda não tenhamos.

THOT – *Na época do chamado Cinema Novo havia filmes com os quais acontecia algo já mencionado nesta entrevista, em termos de literatura: filmes como os de Glauber Rocha, por exemplo, conseguiram ótimas críticas mas pouco público. Poderia falar sobre isso?*

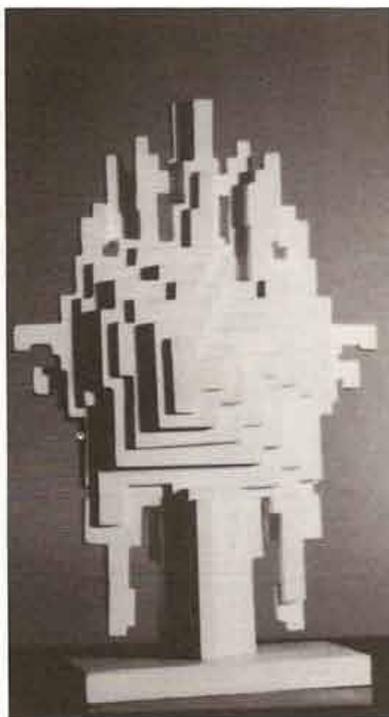
REY – Parece que agora o Glauber Rocha está se tornando uma espécie de estandarte. Não posso dizer que tenha gostado de nenhum dos seus filmes. Era um diretor com uma câmara na mão e nenhuma idéia na cabeça. Na minha opinião, ele é um produto típico do bom relacionamento, um produto de *marketing*. Mas há bons filmes brasileiros, é claro. Um deles, que me entusiasmou muito, e que sempre rejeito quando passa na televisão, é o *Assalto ao trem pagador*, de Roberto Farias. É um filme brasileiro típico; fala do Brasil real, é muito bem feito, tem ótimos atores e um bom diretor. É um trabalho que não tem essa coisa de intelectualismo vago. Nem deveria ter, aliás; o Brasil não é um país de intelectuais. Mas parece que alguns diretores brasileiros têm uma espécie de complexo de inferioridade, ou coisa assim. Querem fazer filmes para a Europa; não pensam no nosso público e assim acabam mostrando produtos indefinidos, incolores. É com tristeza que digo isso. Não tenho nenhuma satisfação em criticar nosso cinema nem nossos diretores, até porque tive vários livros meus transformados em filmes, como os romances *Memórias de um gigolô / Café na cama*, o livro de contos *O enterro da cafetina* e as histórias curtas *O dicionarista* e *O Mustang cor de sangue*.

THOT – *E sua experiência com a música popular brasileira, principalmente ao lado de seu irmão, o escritor Mário Donato?*

Minha experiência com a música brasileira é mais de ouvinte, de entusiasta. Nunca



Totem do Fertil Crescente (1974). Escultura, bronze.



Vitrea (1990). Escultura.

compus nada. Isso, aliás, é uma coisa que eu gostaria de ter feito. Talvez fosse bom encerrar a carreira com um grande samba, quem sabe? (Risos). Estou brincando. Mas acabei colaborando, de certa forma. Meu irmão foi diretor das rádios Nacional e Excelsior, e redigi inúmeros programas musicais. Nesse sentido, tive uma vida bastante ativa no rádio e essa experiência teve grande repercussão na minha literatura. Como já disse, minha principal escola foi essa diversificação de atividades, que nem

sempre foi voluntária; entrei nela não por experimentalismo ou curiosidade intelectual, mas por necessidade de ganhar a vida.

THOT – *Foram muitas as suas escolas, como você mesmo diz. A atividade editorial foi mais uma. Quer falar dela?*

REY – Esse foi um período de muito trabalho. Meu irmão Mário e eu entramos no mundo editorial lançando uma editora chamada Mauá. Por meio dela, fizemos um recenseamento da indústria paulista, um setor que nos era totalmente desconhecido, mas do qual não pudemos sair rapidamente. Levamos dois anos para fazer um anuário, que terminou com a publicação de um grande volume e nenhum resultado na carteira. Depois da Mauá veio a Donato Editora, que lançou duas coleções de livros: *Conquistas humanas* e *Grandes vocações*. Eram séries de luxo, ilustradas pelos maiores profissionais da época e escrita por autores importantes, como Dinah Silveira de Queiroz, Marques Rebello, Orígenes Lessa, Hernani Donato, Gustavo Corção. O próprio Jorge Amado fez prefácios. Depois da Donato Editora veio mais uma, a Autores Reunidos, que se dedicou a lançar livros de ficção.

THOT – *Como se tudo isso não bastasse, gostaríamos que você falasse de sua passagem pelo teatro, e também sobre o teatro brasileiro de hoje.*

REY – Escrevi algumas peças. A primeira delas não foi bem sucedida. A segunda, *Os parceiros*, saiu-se apenas razoavelmente aqui no Brasil. No entanto, curiosamente, acabou fazendo grande sucesso na Argentina e no Uruguai. Mas nunca fui um teatrólogo. Mesmo assim, acabo de escrever outra peça, que espero ver montada em breve. Quanto ao teatro brasileiro de hoje, acho que ele fica devendo, e muito, ao Teatro Brasileiro de Comédia. Este foi, na minha opinião, o grande momento da arte cênica no Brasil. Tenho ido ao teatro ultimamente, e percebo que está faltando alguma coisa. Acho tudo muito incharacterístico, muito vazio. Não consigo entender esse encantamento dos autores pelo palavão, pelo chamado besteirol, por artifícios cênicos que mais parecem estar tentando esconder a falta daquilo que o espectador realmente gosta de ver: grandes histórias, personagens fascinantes, verdadeiros. A situação é parecida com a do cinema. Ainda não conseguimos ter um grande teatro. Mas não por falta de atores; sempre tivemos, e continuamos tendo, ótimos profissionais nessa área.

THOT – *E assim chegamos ao jornalismo, e à sua atual crônica para a revista Veja.*

REY – Eu sempre quis ter uma coluna fixa em algum jornal ou revista, mas isso nunca havia acontecido, embora tenha havido um período em que colaborei na *Folha de São Paulo*, e depois no *Estado de São Paulo*. De uns quatro anos para cá, porém, venho escrevendo quinzenalmente para a *Veja*. A crônica é um gênero muito brasileiro, que não existe na maioria dos países. É um formato literário aberto para tudo, inclusive para a poesia. Talvez devido ao grande interesse atual por textos

compactos, o fato é que ela nunca esteve tão em voga como no Brasil de hoje. Estão surgindo excelentes cronistas, desde que os jornais e as revistas resolveram reabrir o espaço para o gênero, coisa que não acontecia há uns vinte ou trinta anos. Antigamente as revistas e jornais não dispensavam o cronista. Foi a época em que se destacaram o Fernando Sabino, Rubem Braga e outros. Agora está surgindo outra geração. São autores novos, em sua maioria, e muito bons.

Creio que uma das melhores coisas que aconteceram no jornalismo atual foi essa abertura. Ao contrário do que acontece com o artigo, é preciso ser escritor para escrever crônicas. Por isso, tenho me dedicado à *Veja* com entusiasmo. Acho que muitas das coisas boas que sempre quis escrever estão saindo agora, nesse formato. O gênero serve também como uma espécie de laboratório de outras idéias literárias; pode fornecer *story lines* para contos, para romances, é um ótimo teste de comunicabilidade para muitos temas. Eu sempre me sinto cheio de responsabilidade quando vou escrever a crônica da *Veja*, principalmente porque o *feed-back* é rápido e fácil de perceber. Tenho recebido muitos telefonemas, cartas etc., com comentários, críticas; enfim, tenho obtido todo tipo de retorno.

THOT – *Gostaríamos que você falasse sobre a sua atividade como professor.*

A experiência como professor está entre as melhores que tive. Ela surgiu quando atendi a um pedido inesperado da Faculdade de Comunicação da Fundação Armando Álvares Penteado, onde dei aulas sobre roteiros para cinema e televisão. Isso aconteceu porque eu havia acabado de publicar um livro: *O roteirista profissional; cinema e televisão*, baseado na minha experiência desses anos todos. Nesse trabalho, mostro uma espécie de ABC de como

fazer roteiros. Acabei levando o texto para as aulas, durante quatro anos.

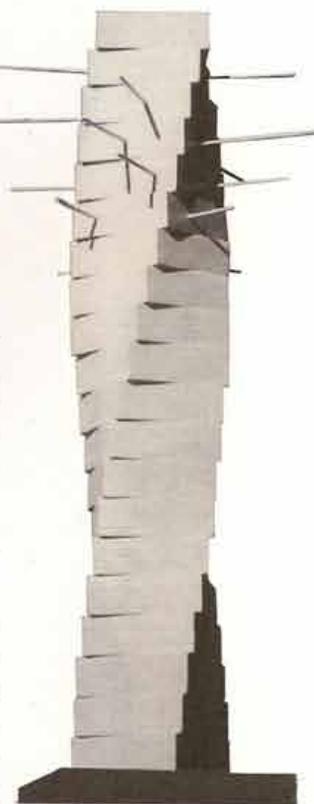
O resultado é que vai sair agora uma nova edição do *Roteirista*, aumentada e enriquecida com os resultados da experiência na FAAP. Foi uma coisa que gostei muito de fazer, mas que acabei interrompendo porque não queria me tornar um professor de carreira. Minha atividade como conferencista, tanto no Brasil como no exterior, é outra fase que também considero encerrada. Meu negócio não é falar, e sim escrever.

THOT – *Você considera como ligada à educação a experiência com a adaptação da obra de Monteiro Lobato, que resultou na série de TV O Sítio do Picapau Amarelo?*

REY – Não, não vejo. O *Sítio* foi um trabalho profissional para a televisão. Como toda adaptação de obra literária, essa também foi difícil. A série durou oito anos, o que é muito em termos televisivos. Durante sete desses anos eu a escrevi. Mas no fim já estava muito cansado, exausto. Acho que fizeram bem em tirar o programa do ar.

THOT – *Falemos agora de outra atividade, a participação na coleção Vagalume, composta de livros de ficção para o público juvenil, na qual suas obras já ultrapassam a cifra de cinco milhões de exemplares vendidos.*

REY – Quando fui convidado para escrever para essa coleção, que se destina a alunos da sexta, sétima série em diante, inicialmente resisti. Disse ao falecido Prof. Anderson Fernandes Dias, dono da Editora Ática, que não me sentia dotado para escrever para jovens. Depois de ter publicado livros como *Memórias de um gigolô* e *O enterro da cafetina*, eu me via como a pessoa menos indicada para fazer isso. Mas



Totem da Geometria Poética
(1990) 220cm h. Escultura.



Pirâmide Escalena (1987) 300cm h. Escultura.

ele respondeu que estava interessado era no meu estilo, na minha maneira de escrever. Eu não precisaria mudar em nada. A única limitação seria o tamanho dos livros, que não deveriam ultrapassar 168 laudas.

Como não havia nenhum tipo de imposição, aceitei. E tive sorte. O primeiro livro, *O mistério do cinco estrelas*, foi muito bem sucedido. Passei então a escrever para essa coleção, que além de tudo não me roubou muito do tempo destinado à literatura para adultos. Se bem que, a esta altura da vida, já não faço muita diferenciação entre certos livros que escrevi

para a juventude e os que fiz para adultos. Muitas das obras que eu iria fazer para adultos acabei publicando na coleção *Vagalume*, onde atingiram um público muitas vezes maior. E tudo isso sem que eu tivesse de fazer nenhuma concessão.

Tomemos o escritor americano Mark Twain, por exemplo. Quem é capaz de responder se ele escrevia para jovens ou para adultos? Quem lê um livro de Twain pensa em tudo menos nisso. Enfim tentei, na coleção *Vagalume*, escrever para todo mundo, tendo como ponto de partida a juventude. Se fui bem sucedido ou não, não me cabe julgar. Mas não tenho dúvida de que alguns livros dessa série podem ser publicados em qualquer coletânea para adultos, sem que ninguém ache estranho.

THOT – O que você tem a dizer sobre essa onda de romances policiais que ultimamente vêm surgindo na literatura brasileira? Na verdade, você também é um desses autores, tendo inclusive criado um personagem famoso, o detetive Adão Flores.

REY – Até recentemente, o escritor brasileiro que se prezasse jamais deveria

escrever um romance policial. Se o fizesse, seria imediatamente execrado. Mas, como tudo que acontece no Brasil, houve uma virada, e de repente começaram a surgir, às dezenas, romancistas policiais. Parece que os encantos e as possibilidades do gênero foram descobertos de uma hora para outra, junto com as *nuances* de linguagem, de tratamento de personagens e o potencial de envolvimento do leitor. Como sempre, só alguns dos que surgiram ficarão. O personagem Adão Flores é, na verdade, um falso detetive. Trata-se de um homem da noite, uma espécie de empresário de artistas decadentes, de cantores e cantoras já em idade de pré-aposentadoria. É um personagem humorístico, que representa um momento da história paulistana dos anos 50 e 60. Por isso eu tenho muito cuidado com ele e procuro manter o seu encanto, que não se deve só ao fato de se tratar de um detetive; aliás, o Adão nem sequer é muito bom nessa atividade. Mas guarda em sua maneira de ser muito do espírito de uma época, da cultura de uma São Paulo que já não existe.

THOT – Dos seus livros, qual aquele de que você mais gosta?

REY – Entre os meus livros, o que mais teve repercussão, inclusive no exterior, foi *Memórias de um gigolô*. Mas não o considero o meu melhor trabalho. O último mamífero do Martinelli, uma novela, *O pêndulo da noite*, contos, e *A arca dos marenchais*, romance, são os de que gosto mais. Não sei se os leitores concordam com essa opinião.

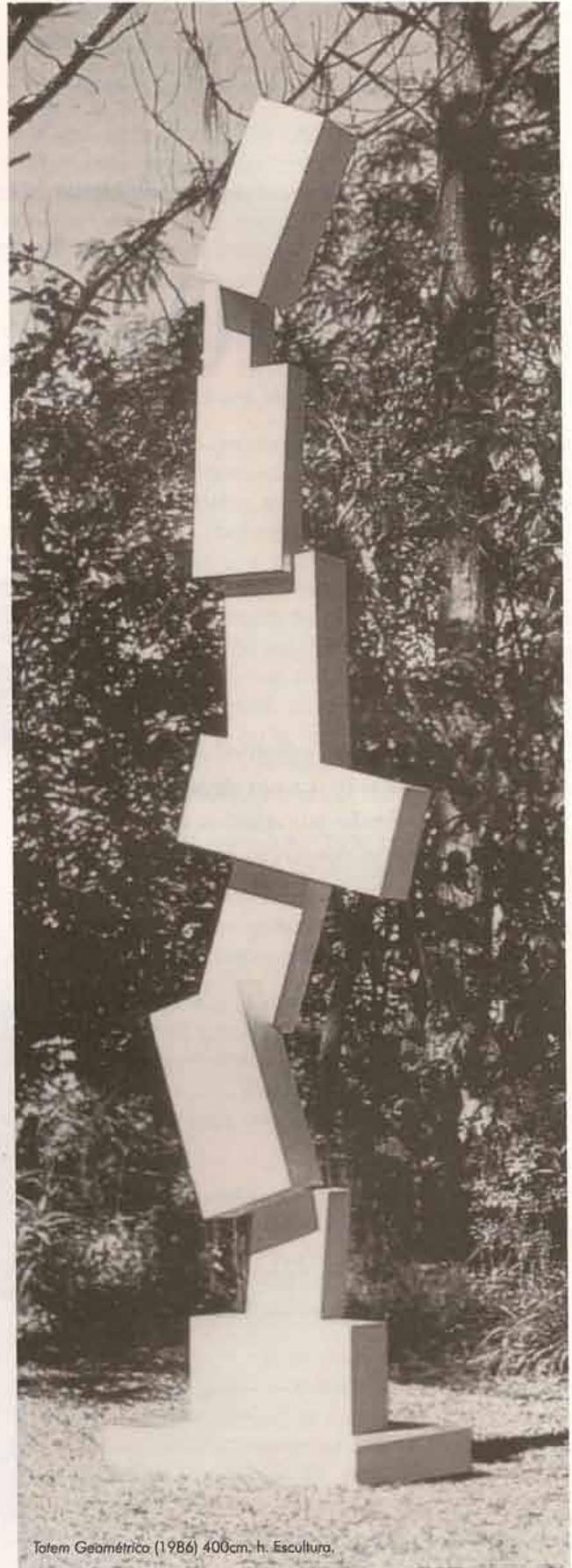
THOT – Para quem começa a escrever, ou mesmo para quem quer entrar em contato com as obras fundamentais da literatura brasileira, que leituras você aconselharia?

REY – Entre os brasileiros, é impossível deixar de citar Machado de Assis e seus

quatro grandes livros: *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro*, *Quincas Borba* e *Memorial de Aires*. Sem nenhum nacionalismo, sem ufanismos, pode-se dizer que Machado é realmente um dos maiores escritores de todos os tempos, em qualquer parte do planeta. Além disso, continua sendo um escritor moderno, que não envelhece. Há também o Mário de Andrade, com o romance *Amar, verbo intransitivo* e os contos; José Lins do Rego, com *Fogo Morto*; João Antônio, recentemente falecido, o grande contista de *Malagueta*, *Perús* e *bacanaço*. Há o Lima Barreto, que morreu cedo e na miséria, mas deixou uma obra ainda não suficientemente estudada, onde se destaca *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Não devemos esquecer Aluísio de Azevedo, com seu romance *O cortiço*, obra do século passado que ainda conserva uma força terrível. *O Ateneu*, de Raul Pompéia, é um livro que não pode faltar em nenhuma biblioteca. O grande romance *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso, é de uma tensão dramática impressionante. Cornélio Pena, ultimamente pouco lembrado, é um escritor indispensável. Recomendo o seu romance *A menina morta*. Também fundamentais são a novela *Os ratos*, de Dyonélio Machado, e o excelente romance de Sílvio Fiorani *O evangelho segundo Judas*. Completaria a relação com minha amiga Lygia Fagundes Telles, de quem recomendo qualquer livro de contos.

THOT – *Para terminar, uma revelação: falta falar no Marcos Rey poeta.*

REY – Eu sempre digo que os poetas são os grandes auxiliares dos romancistas. São eles que fazem as grandes pesquisas, o trabalho de laboratório. Não acredito em romancista que não seja no mínimo um grande leitor de poesia; e eu sou um leitor assim. Aprendo constantemente com os poetas. Lendo poemas e ouvindo música eu aprendo como se estivesse lendo livros. De fato, escrevi alguns versos; no entanto, acho que não ficarei famoso como poeta, não só por falta de tempo, mas porque minhas raízes iriam ficar muito visíveis. Não consegui fugir à influência de Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira. Isso poderá se tornar claro, se eu um dia tiver coragem de publicar meus poemas. Mas só se eu vier a ter essa coragem; por enquanto, minha poesia é apenas um assunto entre amigos. ▲



Tafem Geométrica (1986) 400cm. h. Escultura.

ABRAHAM SZAJMAN

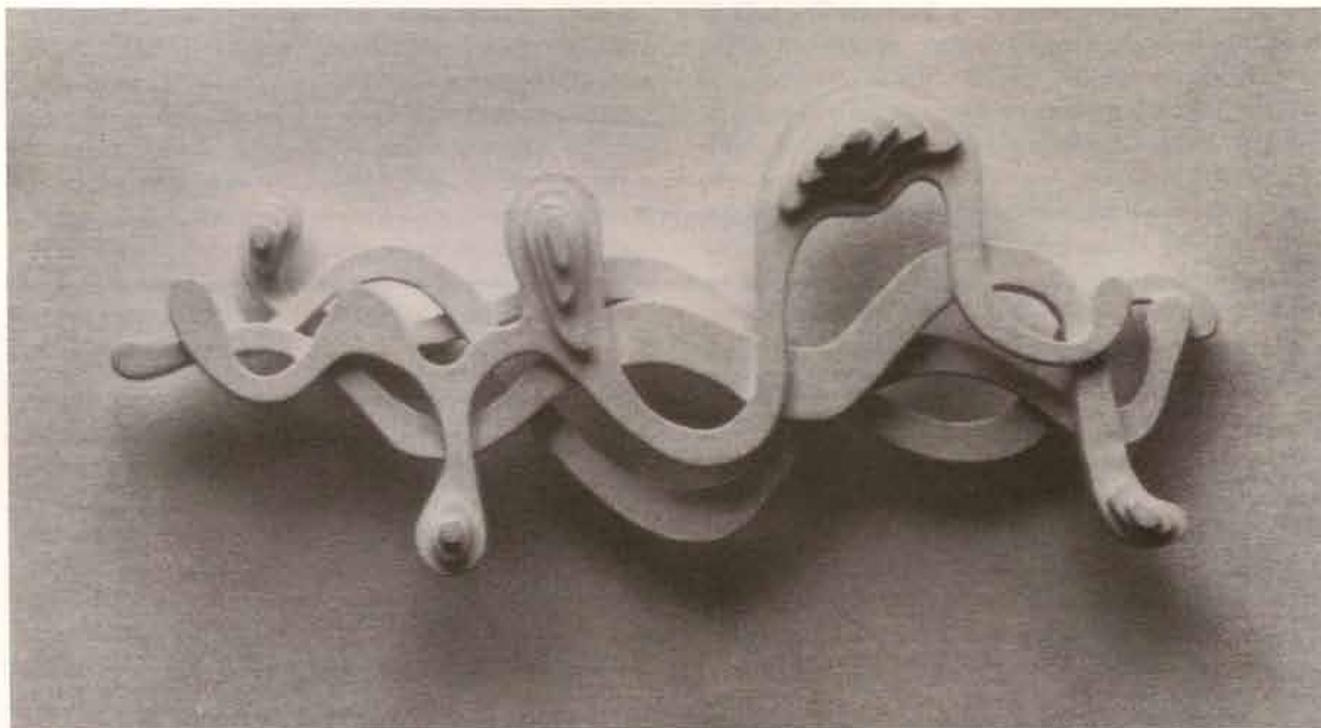
O MASCATE

*Do período colonial ao fim
do milênio, a saga de uma
profissão que ajudou a
construir o comércio brasileiro*



ABRAHAM SZAJMAN é presidente da Federação e do Centro do Comércio do Estado de São Paulo.

O Mascate (1988) 225cm h. Escultura/bronze.



Fluxus (1990) 260x85cm. Relevô para Airton Senna.

No Brasil colonial o comércio era considerado uma profissão menos digna. Portugueses, marinheiros e imigrantes em geral foram os pioneiros da circulação e troca de mercadorias neste país de dimensões continentais. Assim, surgiu entre nós a figura do mascate, ou caixeiro ambulante, o vendedor de porta em porta de tecidos, jóias e produtos manufaturados.

Da mesma forma que o tropeiro, abastecendo de víveres os garimpos de Minas Gerais, foi o antecessor do atacado e da criação de uma rede de abastecimento, o caixeiro-viajante está na origem do comércio varejista. Seu principal capital era representado menos pelo dinheiro para comprar a mercadoria que vendia e mais pelos braços fortes para carregar as caixas e as amostras, e as pernas e o corpo dispostos a enfrentar as distâncias e a poeira dos caminhos.

O caixeiro era também um prestador de serviços, informava pelas fazendas e vilarejos as novidades das cidades e da metrópole, anotava futuras encomendas e, posteriormente, trabalhava até com crédito, pois os produtores de café tinham pesados investimentos e demoravam para receber o dinheiro da comercialização das safras que eram exploradas.

As fazendas de café do Vale do Paraíba, o interior de São Paulo, e mesmo as usinas de açúcar da Zona da Mata, em Pernambuco, eram visitadas periodicamente pelos caixeiros, que tiveram o seu comércio impulsionado por dois acontecimentos principais: a

abertura dos portos por Dom João VI, em 1808, e o advento da estrada de ferro, na metade do século passado.

Encontramos a figura do caixeiro viajante tanto na descrição da *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*, de Gilberto Freyre, como nos romances de Jorge Amado. Com a crescente urbanização brasileira do início deste século, os caixeiros deixam de ser viajantes e começam a se fixar nas cidades. Por seu trabalho duro, muitos acumularam capital a ponto de se estabelecerem como abastados comerciantes, cujos filhos já não seriam mascates e sim doutores e estadistas, numa comprovação da extraordinária mobilidade social que caracteriza o Brasil.

Ao completar cinquenta anos de fundação, em 1988, a Federação do Comércio do Estado de São Paulo decidiu fazer uma justa homenagem e um resgate histórico, encomendando ao escultor Domenico Calabrone, considerado o "mestre da psicomemória", uma obra para enriquecer o patrimônio artístico da cidade – o monumento *O caixeiro*. Em bronze, com 2,25 metros de altura e colocado sobre pedestal retangular de granito preto, *O caixeiro* lá está, em frente ao edifício-sede da FCESP, em plena Avenida Paulista, recordando às novas gerações que, muito antes dos *shopping centers* e dos *outlets*, foi o caixeiro viajante o primeiro comerciante varejista a se preocupar com a qualidade dos produtos e a plena satisfação do consumidor. ▲

WILSON SANVITO

O COMPLEXO
CÉREBRO-MENTE



Muse da dança (1960) 55cm h. Escultura/bronze.

Uma viagem por diferentes abordagens revela as perspectivas sob as quais o pensamento científico tem tentado compreender o fascinante universo da mente e do cérebro do homem.

Segundo um postulado de Piaget, os fenômenos humanos são biológicos em suas raízes, sociais em seus fins e mentais em seus meios. Entretanto, algumas tendências do pensamento científico (reflexologia, neocomportamentalismo) propõem que os fenômenos biológicos (e humanos, portanto) só possam ser avaliados com base no mecanismo estímulo-resposta, passando assim ao largo do cérebro, que é também chamado de “caixa preta”, por ser indecifrável. Em oposição a essa abordagem reducionista estão os chamados mentalistas, que valorizam os mecanismos cerebrais responsáveis pelo comportamento humano.

WILSON SANVITO é Professor Pleno de Neurologia da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo.

FUNÇÕES E MODELOS – Por volta do século XVIII, o homem costumava construir sistemas. A partir do século XIX, começou a elaborar modelos. O modelo tem uma base científica, enquanto o sistema é filosoficamente alicerçado. O modelo é útil como instrumento heurístico. Em outras palavras, as analogias são úteis, desde que se reconheça que não passam disso. Elas são modeladas de acordo com a tendência da época, segundo a fase científico-tecnológica correntemente eficaz – uma espécie de *zeitgeist*. Um exemplo, que ilustra bem este espírito, é a tentativa de interpretar o funcionamento do cérebro de acordo com o conhecimento científico-tecnológico predominante num dado período histórico.

Assim, o cérebro tem passado pelos modelos hidráulico, dióptrico, frenológico, geológico, embriológico e tecnológico. O último deles nasceu do materialismo mecanicista dos séculos XVII e XVIII, por meio de analogias entre os mecanismos biológico e automático. Na era da informação e da automação, esse tipo de modelagem encontra sua base na cibernética. O modelo usualmente utilizado resvala para o reducionismo, e permanece válido somente como instrumento de pesquisa. Devemos rejeitá-lo, contudo, quando é elevado ao *status* filosófico.

O estudo do cérebro é ao mesmo tempo fascinante e assustador. O tema funções cerebrais requer, certamente, uma metodologia de abordagem pluralista e multidimensional, que encerre aspectos neurobiológicos e comportamentais, bem como fatores do meio ambiente. Teria o cérebro uma linguagem para descrever a si mesmo? Esta é a questão levantada por Pribram, e que ele mesmo tenta responder: o cérebro humano é um instrumento decodificador, que gera linguagens para descrever os sinais que envia e recebe, resolvendo assim o problema filosófico de descrever a si próprio.

VISÕES E PERSPECTIVAS – Nos tempos modernos, o cérebro tem sido visto a partir de diferentes perspectivas: (i) como um sistema microfísico, regulado pelo princípio do determinismo; (ii) como algo similar a um aparelho eletrônico, agindo conforme as regras da automação, regulado por servomecanismos e circuitos retroativos, de acordo com princípios lógico-matemáticos; (iii) como o órgão primário da mente, o lugar da memória, dos pensamentos, das emoções e da inteligência, agindo por meio de constructos neuropsicológicos. Embora tenham suas vantagens, tais modelos constituem visões unilaterais e, quando considerados separadamente, são inaceitáveis.

O modelo microfísico apresenta o cérebro como um sistema físico-químico sujeito à causalidade. Esse padrão é aceito pelos neurofisiologistas, mas descamba para uma espécie de reducionismo em que o comportamento humano é governado por leis químicas e, em última instância, pelas leis da física. O modelo neurocibernético é insuficiente para considerar holisticamente o cérebro. Entretanto, se este não é um computador, nada impede que seja visto como tal. Na prática, os modos operativos (o funcionamento) do cérebro e do computador são em muitos aspectos semelhantes. O cérebro recebe dados de informação dos meios interno e externo, analisa-os (decodifica-os), processa-os, sintetiza-os (redecodifica-os), incorpora-os ao seu fundo de memória.

Esses dados são reprocessados e utilizados na medida das necessidades, por meio de pesquisas, planos, estratégias, analogias, antecipações, escolhas e mesmo soluções heurísticas. O cérebro é, portanto, denotativo/conotativo. Processa dados, formula conceitos. É ao mesmo tempo especialista e generalista. É capaz de lidar com situações ambíguas, proporcionando soluções e decisões corretas. Em terminologia de computador, o cérebro tem um comportamento que é ao mesmo tempo digital e analógico.

A terceira e última abordagem favorece os mecanismos neurológico e/ou psicológico, criando uma nova mitologia cerebral, ou uma psicologia sem cérebro. O caminho do meio é seguido por aqueles que seguem os modelos neurofisiológicos.

MENTE E EVOLUÇÃO – O que é a mente? É uma “entidade” construída com lentidão a partir do ponto de vista evolucionista (epigênese). Na perspectiva evolucionista-constructivista, a mente humana deve ser considerada em sua biogênese, psicogênese e sociogênese. O processo mental requer um substrato biológico de alta complexidade; estruturas que se organizam hierarquicamente, e são capazes de interagir com o ambiente de modo dialético. A internalização da experiência é essencial para a construção da mente. Se uma experiência ensina alguma coisa, também produz mudanças. A partir delas, o indivíduo conclui que a interação organismo/mundo é intensamente dinâmica, em ambos os sentidos.

Segundo Vigotsky, o conceito de desenvolvimento linear do indivíduo incorpora mudanças evolucionárias, bem como revolucionárias, em sua concepção. Esse autor atribui particular importância aos aspectos histórico-culturais, na formação dos processos mentais.

Para Piaget a mente é dialética e heurística, seus processos só são submetidos à lógica num estágio posterior. A lógica simplesmente arranja os elementos na mente, evitando que o processo se torne aleatório. Os processos cognitivos – que incluem as compreensões internas lógicas e heurísticas – permitem ao homem sua autoconstrução, assim como a construção de novas realidades. Um bom exemplo é o senso de criatividade ou produtividade da linguagem humana. Depois que o adquire, o indivíduo é capaz de produzir ou entender frases que nunca ouviu antes.



Vênus grávida (1962) 48cm. h.
Escultura/bronze.

O PROBLEMA MENTE-CORPO –

A questão mente-corpo também tem sido discutida, nos últimos trinta anos, a partir de diferentes ângulos, com a apresentação de algumas formulações conceituais. A posição confortável do materialismo científico, que ignora a possível intervenção de forças conscientes no funcionamento global do cérebro, e enfatiza os processos de natureza físico-química, começa a ser questionada. Gradualmente, os termos “mentalismo” e “emergência” ganham uma conotação diferente, começando a ser assimilados pelos neurobiologistas. Segundo Le Moal, a experiência subjetiva torna-se uma propriedade emergente da atividade cerebral – uma de suas produções mais operacionais, porque traz consigo um papel causal, organizante e controlador das funções mentais.

MONISMO E DUALISMO – A abordagem para o problema mente-corpo tem ocorrido a partir de duas diferentes perspectivas: dualismo e monismo. Para os dualistas, o físico e o mental são substâncias heterogêneas: o que é mental não é físico, e vice-versa. A tendência dualista primária é o interacionismo.

Para Popper & Eccles, entre as experiências mentais e a atividade neural existe interação, mas não identidade. Segundo suas postulações, a unidade da experiência consciente depende da atividade mental e não da neural. Assim, os fenômenos mentais transcendem os materiais. Eles sustentam que a experiência subjetiva, como ocorre no mecanismo operacional e emergente da atividade mental, desempenha um papel causal no controle do funcionamento neural. Virtualmente nenhuma forma de dualismo interacional é compatível com a lógica. Se mente e cérebro são duas substâncias diferentes, é difícil conceber como qualquer modo de intercâmbio possa ocorrer entre eles.

Adotando-se a posição monista, corre-se o risco do reducionismo. Embora a constituição dos seres vivos apresente os mesmos elementos dos corpos inorgânicos, sua organização dá origem a funções que transcendem as propriedades físico-químicas da matéria. Nesse tipo de organização as partes tornam-se qualitativamente novas. Da nova configuração material emerge uma função que não pode ser reduzida à soma de suas partes. Sempre que uma totalidade é dissecada em suas partes constituintes, as propriedades sistêmicas são destruídas.

Sperry chama a si mesmo de mentalista, postulando que as forças mentais – que emergem do cérebro – exercem controle sobre a atividade neural. Assim, as entidades mentais são molares e configuracionais, transcendendo o fisiológico, da mesma maneira que o fisiológico transcende o molecular, o molecular transcende o atômico e assim por diante, de acordo com uma organização conectada em níveis múltiplos.

Diz Sperry: “ao chamar-me de mentalista, sustento que os fenômenos mentais subjetivos são realidades primárias, causalmente potentes, na medida que são subjetivamente vividas, diferentemente de seus elementos psicoquímicos, aos quais são superiores e não redutíveis”.

A qualquer momento o cérebro é um prodigioso gerador de fenômenos emergentes que, por sua vez, exercem controle sobre as atividades de nível inferior. As leis da causalidade dependem de uma contínua hierarquia de múltiplos níveis, que faz parte de um *continuum* estruturado e predeterminado. Isso pressupõe que, a cada momento, quando o cérebro está funcionando no nível atômico ou conceitual, emergem processos que são, por sua vez, causais e deterministas. Assim, para Sperry, o controle funciona em ambas as direções, sendo possível considerar a interação mente-cérebro do ponto de vista monista.

O complexo cérebro-mente é feito de partes inseparáveis da mesma e contínua hierarquia.

O funcionamento desse complexo engloba sombras, pontos cegos, buracos negros. Inicialmente, pode-se dizer que não há fronteiras claras entre os conhecimentos biológico e mental. É essencial conceituar o indivíduo em termos de seu significado adaptativo. Neste sentido, a biologia do comportamento é relevante para a estruturação da esfera cognitiva/emocional do complexo cérebro-mente.

Os seres vivos organizam sua existência dentro do binômio necessidade/adversidade. Suas estratégias de adaptação ao ambiente têm muito a ver com a epistemologia evolucionária. Isso significa que as formas de conhecer o mundo são baseadas na filogênese/ontogênese. Segundo Morin, as muitas espécies animais têm desenvolvido estratégias de simulação, evitação, astúcia. Algumas dessas estratégias são voltadas para o ataque, outras para a defesa ou fuga. Nessa linha, os comportamentos adaptativos são desenvolvidos pela evolução, dentro do esquema comportamento/adaptação/sobrevivência.

Assim, a expressão "biologia do conhecimento", usada por Riedl é justificada. Ao longo do processo de evolução, o indivíduo – por meio do aprendizado consciente/inconsciente – incorpora neurotecnologias a seu próprio comportamento. Uma dada estratégia pode transformar uma circunstância desfavorável numa favorável.

Se o comportamento adquirido por meio do conhecimento biológico é bem sucedido, sua reaplicabilidade é mantida. Por exemplo, o medo de certas situações foi trazido à tona por estratégias preservadoras da vida. O cérebro tem seus mecanismos inerentes. Pode, portanto, aprender por si mesmo, nem sempre precisa da intervenção de mecanismos conscientes. Em seu aspecto límbico/cognitivo, ele é equipado com estruturas capazes de ativar os mecanismos eficientes de reforço de comportamentos. Nosso complexo cérebro-mente internaliza as experiências da relação organismo/mundo, organizando seu aspecto cognitivo/emocional.

TRÊS NÍVEIS HIERÁRQUICOS – Cada indivíduo lida com os problemas diários usando a memória das espécies e sua memória individual. Quando tomo uma decisão hoje, há um componente consciente da manifestação de meu livre arbítrio. Mas os milhões de anos de pressões seletivas do ambiente, de refinamentos estratégicos e de erros/acertos não devem ser subestimados.

Contudo, a teoria do conhecimento é um todo bio-psico-social que não pode ser dividido em partes.

Em relação a esse modelo operacional, não é minha intenção empreender generalizações abusivas nem reducionismos mágicos. Penso que, para tentar entender o funcionamento de um sistema, é necessário desconstruí-lo até os limites do possível, e depois procurar reconstruí-lo. Deve-se deixar claro que o complexo cérebro-mente é formado por estruturas que podem ser analisadas em diferentes níveis e não são redutíveis umas às outras. Em síntese, é necessário entender que não há partes isoladas do todo, mas propriedades que emergem dos vários níveis de organização.

Numa macroanálise, a organização do complexo cérebro-mente pode ser estabelecida em três níveis hierárquicos: (i) o nível neuronal, que tem como substrato a configuração das células nervosas; (ii) o nível funcional, que depende da organização de grupos de neurônios; (iii) o nível conceitual, que é dependente de redes semânticas.

Para os que estudam o cérebro, a neurobiologia do desenvolvimento fornece um material que permite conhecer a configuração dos neurônios, seu número e a distribuição de suas sinapses. Ainda que tal configuração seja geneticamente determinada, ela é influenciada por fatores adquiridos, especialmente os de natureza sociocultural.

Segundo Vigotsky, para explicar o comportamento é essencial conhecer a sua história. Um bom exemplo é a organização do cérebro para a função da linguagem. Desde Broca, sabe-se que existe especialização de um dos hemisférios cerebrais para essa função. Entretanto, a organização cerebral de um indivíduo depende também dos fatores culturais de seu ambiente. Assim, instalado em seu meio cultural, o japonês apresenta uma organização cerebral para a linguagem diferente da dos ocidentais. Os caracteres ideográficos (*kanji*) são processados no hemisfério direito, enquanto que os não-ideográficos (*kana*) são no hemisfério esquerdo. Contudo, estudos realizados em cérebros divididos (hemisférios esquerdo e direitos separados) de japoneses, revelaram que tanto o *kanji* quanto o *kana* são processados principalmente no cérebro esquerdo; o papel do hemisfério direito na leitura e escrita do *kanji* é quase desprezível.

Embora o neurônio seja a unidade anátomo-funcional do sistema nervoso, só podemos pensar nas funções superiores do cérebro (memória, inteligência, linguagem etc.) como atividades que emergem da configuração dos grupos neuronais em interação com

o ambiente interno/externo. O sistema nervoso é a interface que permite a uma pessoa organizar a informação recebida, transformando-a em significados. É importante pensar a respeito desse nível de funcionamento do complexo cérebro-mente em relação a conexões. Durante o desenvolvimento do indivíduo, há uma variabilidade de conexões cerebrais. Embora os genes determinem a estrutura global do cérebro, à medida que o tempo passa eles não são responsáveis, pelas alterações microscópicas nas conexões estabelecidas entre as células cerebrais.

Depois que as conexões são estabelecidas, há uma seleção que modifica os seus circuitos – mas não os seus modelos. A maneira pela qual um organismo interage com o mundo e aprende a percebê-lo é que orienta a anatomia funcional do cérebro. O *modus operandi* dos modelos conexionais tem sido objeto de estudos cada vez mais numerosos. Segundo Varela, teorias conexionais oferecem modelos elegantes, que ajudam a explicar um certo número de faculdades cognitivas interessantes, tais como reconhecimento rápido e memória associativa.

CONEXÕES E MEMÓRIA – Examinemos o caso específico da memória. Parece que os traços de memória (engramas) repousam sobre o estabelecimento de estruturas cerebrais específicas e redes mais ou menos duráveis de ativação preferencial entre células. Este conceito foi formulado por Hebb, que descreveu um modelo de mecanismo sináptico: a repetição da estimulação simultânea de duas células poderia modificar a eficiência das sinapses conectantes.

Originando-se desse fato, os chamados modelos conexionais começaram a ser imaginados tendo como substrato a modificação de propriedades das sinapses, em vez dos neurônios propriamente ditos. Do ponto de vista teórico, isso significa que traços de memória poderiam ser ligados à formação e persistência de uma rede de conexões entre células, embora nenhuma delas contenha a informação necessária para mobilizar a memória.

Assim, os traços de memória poderiam estar presentes na rede, mas ausentes, na medida em que sua existência não poderia ser evidenciada até que esta se ative. Portanto, as configurações se tornam inseparáveis da história de suas modificações, assim como do tipo de tarefa que lhes é imposta. Deste modo, tornou-se crescentemente claro para os investigadores da neurociência que os neurônios devem ser estudados como membros de grupos maiores, que constantemente aparecem e desaparecem ao longo de suas

interações cooperativas. Ou então, cada neurônio apresenta reações múltiplas e diversas, a depender do contexto. O cérebro, portanto, é um sistema altamente cooperativo. Uma rede concentrada de interconexões entre seus elementos constituintes implica que tudo que nela acontece será, eventualmente, uma função de todos eles. A abordagem é conexional, emergente, auto-organizada, associativa e utiliza redes dinâmicas.

Fodor, por exemplo, defende o funcionamento modular do complexo cérebro-mente. Nesse modelo, cada módulo lida exclusivamente com um tipo de informação, que vem de certos receptores ou de outros módulos. O módulo é impermeável a influências cognitivas. O resultado que produz depende somente do fluxo de dados. Opera de uma forma compulsória, automática, muito rápida. Entre os módulos há, ao lado dos que lidam com vários tipos de informação sensorial, os que estão ligados a certas espécies de informação lingüística (pelo menos as fonológicas e as sintáticas).

No modelo de Fodor, ao lado dos receptores e módulos há uma unidade central, que ele chama sistema de lembrança de crenças, correspondendo, grosso modo, às funções cognitivas superiores (exceto para a linguagem, em algumas de suas dimensões). Contrariamente aos módulos, esse sistema poderia ser totalmente isento de estrutura. Cada um de seus pontos seria potencialmente conectado com todos os outros. Do ponto de vista de Fodor, o sistema de lembrança de crenças estará sempre fora do alcance da teorização científica. O programa cognitivo estaria, então, em seu componente puramente científico, limitando-se ao estudo dos módulos e da arquitetura do todo. Mas a unidade central continuaria sendo permeada pela filosofia.

CONCEITOS E COGNIÇÃO – No nível conceitual, o complexo cérebro-mente trabalha com significados baseados numa rede semântica. É a sua esfera predominantemente cognitiva. Se o nível funcional apresenta um modo operacional semelhante ao de um computador, o nível conceitual é cognitivo, lidando com símbolos dentro de contextos.

Como o complexo cérebro-mente lida com a informação, no plano conceitual? Analisemos o caso específico da maçã. Inicialmente, suas qualidades físicas são analisadas e decodificadas: forma, cor, cheiro, gosto etc. Depois que as informações são processadas, temos a atribuição do significado, no plano da rede semântica. Os vários níveis organizacionais do



Il Sogno (1960) 46x18x16cm. Escultura/mármore.

sistema nervoso permitem uma análise que cobre a informação recebida por meio dos órgãos dos sentidos (receptores), e a atribuição dos vários significados, de acordo com a aprendizagem/experiência/memória despertados pelos estímulos, dentro de seu contexto.

O complexo cérebro-mente está agora preparado para processar a informação, atribuindo-lhe significados, de acordo com o contexto em que ela é fornecida, e segundo a compilação cognitiva da mente. Assim, a maçã pode ser vista como uma fruta deliciosa, ou como o fruto proibido bíblico, ou como a fruta que teria influenciado Newton na formulação da lei da gravidade. Neste nível, a categorização de estímulos (como símbolos) e a atribuição de significados ao mesmo estímulo, em diferentes contextos, é importante.

A QUESTÃO DA LÓGICA – Conta-se que Epimênides de Creta disse, certa vez: “Todos os cretenses são mentirosos”. Com isso, criou um problema aparentemente sem solução. Esse impasse pode ocorrer com paradoxos que dependem do uso de conceitos cujo domínio de referência inclui o conceito em si mesmo. No modelo cretense, a simples afirmativa “O que estou dizendo não é verdadeiro”, gera uma contradição intrínseca: se a afirmativa é verdadeira, está demonstrada a sua falsidade; se é falsa, podemos entender que contém a verdade. Este é o paradoxo de Creta, retomado na era moderna por Groucho Marx: “Não me interessa pertencer a clubes que me aceitem como sócio”.

Esses paradoxos foram expressos matematicamente por Godel e Tarski. Segundo o teorema de Godel, um sistema complexo formalizado (postulado como um axioma) não pode se autovalidar. Isso significa que

um sistema lógico de certa complexidade não pode fugir às suas contradições ocultas.

Tarski, por outro lado, destacou o problema da linguagem: um sistema semântico não tem capacidade de explicar a si próprio de forma completa. A linguagem simbólica é usada para descrever partes do mundo, e encontra sérias dificuldades para descrever suas próprias partes. Será que a elaboração de uma metalinguagem removeria esse obstáculo? Essa não é a opinião de Morin, para quem as linguagens formalizadas não podem constituir a metalinguagem em relação à sua própria forma de expressão.

A mente é uma entidade muito mais abrangente (transcende, portanto, o cérebro). Mas, para poder abordar seus processos lógicos, é imperioso analisar o cérebro. Este pode ser grosseiramente dividido em três instâncias estreitamente relacionadas: o cérebro vegetativo, que controla as vísceras e glândulas; o cérebro límbico, responsável pelo comportamento emocional; e o cérebro cognitivo, responsável pelo comportamento lógico.

Separemos dessa tripartição o cérebro cognitivo, que tem como substrato o neocórtex. O cérebro humano é capaz de harmonizar duas funções até certo ponto incompatíveis: especialização e generalização. Embora a organização cerebral combine especialização e não-especialização, localização e não-localização, o cérebro tem uma grande capacidade de integrar toda a informação processada. Entretanto, os hemisférios cerebrais não são funcionalmente equivalentes. Em linhas gerais, o cérebro esquerdo é lógico, lida mais com problemas abstratos e processa informação de forma seqüencial. O cérebro direito é mais intuitivo-emocional, lida mais com problemas concretos, processa informação de forma analógica.

LÓGICA, INFORMAÇÃO E SIGNIFICADOS – Nosso cérebro internaliza as experiências da relação organismo/mundo. Assim procedendo, organiza a sua esfera mental. O complexo cérebro-mente lida com a informação e a transforma em significados, de modo a produzir programas de comportamento. Esses são os aspectos informacionais/computacionais do cérebro, aos quais se somam os comunicacionais/cogitacionais. Assim, segundo o ponto de vista de Morin, somos seres computativos/cogitativos.

Estamos acostumados a ouvir que nosso pensamento é lógico. Tentamos remover de nosso raciocínio tudo o que contrarie os padrões da lógica. Referimos aqui à lógica formal, que pode ser considerada um representante do conhecimento clássico de mundo. Sua sistematização começou com Aristóteles e continuou até os lógicos modernos. Essa espécie de lógica tem influenciado a filosofia de modo relevante e vem sendo adotada como o modelo do raciocínio humano.

De fato, a lógica é um instrumento indispensável para fazer raciocínios operacionais em situações concretas. Mas será que podemos reduzir o cérebro humano a um órgão que “metaboliza” a informação, depende de servomecanismos e funciona de acordo com princípios lógico-matemáticos? Certamente que não. O complexo cérebro-mente é um sistema aberto, que tem plasticidade própria – com grandes variações comportamentais – e lida com a precisão/imprecisão, a exatidão/ambigüidade, o completo e o incompleto, a ordem e a desordem. Tem, portanto, de desenvolver estratégias para sua organização. Essas estratégias, muitas delas sob a forma de incorporação de neurotecnologias, adaptam-se ao comportamento do animal ao longo do processo evolutivo.

Muitas pessoas alegam que vêem nosso raciocínio como marcado por princípios lógico-matemáticos. Isso acontece porque as táticas de organizar dados mentais têm um efeito operativo sobre a provisão do fluxo do pensamento (lingüístico, lógico, algoritmos

numéricos). A lógica (e a matemática) identifica-se com o setor exato de nosso pensamento. Contudo, duas objeções podem ser levantadas a esse ponto de vista: primeiro, que o modelo exato de conhecimento não é totalmente matemático, porque a ciência não é só matemática; e, segundo, que as relações entre os setores exato e não-exato de nosso pensamento são igualmente ricas em termos de significado e interesse filosófico.

MENTE E MATEMÁTICA – Devido à sua complexidade, o pensamento requer uma multiplicidade de sistemas lógicos, e mesmo não-lógicos. Na matemática, lidamos principalmente com uma lógica do tipo axiomático, isto é, uma proposição é demonstrada quando deduzida de outras, aceitas como verdadeiras. Deste modo, o raciocínio lógico-matemático tem muitas características tautológicas. A mente humana não pode ser vista como uma máquina de deduzir – uma espécie de engenhoca processadora de signos/símbolos –, mas deve estabelecer estratégias que tornem possível evidenciar tautologias a princípio não percebidas.

O conhecimento do senso comum nem sempre é coordenado pelas regras da lógica. Tentamos assimilar o conhecimento por meio de inferências de raciocínio lógico e pela seqüência no processamento de dados mentais. Se tais procedimentos são adequados para os raciocínios simples, são insuficientes para os complexos. Em nosso dia-a-dia enfrentamos um mundo caótico, que temos de interpretar – decodificar – e organizar dentro do nosso complexo cérebro-mente.

O homem deve descobrir o mundo e organizá-lo em sua mente. Na maior parte do tempo, vemo-nos diante de dados nebulosos, vagos, contraditórios. Os especialistas, com suas assertivas

competentes, procuram evitar o espectro da imprecisão que ronda as ciências do conhecimento. Ao invés de ignorar ou tentar eliminar a imprecisão, é necessário aprender como lidar com ela. Entre nosso raciocínio lógico e não-lógico há áreas de sombra e



Vênus (1962) 45cm. h. Escultura/bronze.

mesmo buracos negros. Isso ocorre porque a lógica formal é baseada no silogismo, na dedução e na indução. A lógica formal é tautológica e baseia-se na confirmação (dedução) ou na generalização (indução) de suas premissas.

AUTO-ORGANIZAÇÃO E FUZZI LOGIC – Por outro lado, a lógica auto-organizacional desenvolve-se à custa de erros. A partir deles avança mais, criando novos progressos e estruturas organizacionais diferenciadas.

Em 1965, o matemático Zadeh elaborou uma teoria de lógica, a que deu o nome de lógica não-formal ou lógica nebulosa (*fuzzy logic*). As regras dessa lógica variam de acordo com as circunstâncias. Com a ajuda de arranjos nebulosos (*fuzzy sets*), e da heurística de modelos teóricos imprecisos, é possível uma aproximação das formas de raciocínio humano. Com essa espécie de lógica, que envolve axiomas não-rigorosos, pode-se usar cadeias de inferência do seguinte tipo: numa primeira instância: “a, depois b”; numa segunda instância: “a, depois não-b”; numa terceira instância: “a, depois mais ou menos b”; e assim por diante.

Agora que já sabemos que a imprecisão e a contradição não são inconsistentes com o raciocínio humano, é possível sugerir alguns mecanismos molares de funcionamento do complexo cérebro-mente. A mente tenta decodificar o mundo e dar a ele ordem e significado. Ao fazer isso, busca simplificar os fenômenos, usando um mecanismo de decomposição que é reducionista. Esta é uma das estratégias do complexo cérebro-mente, que visa tornar operacional o seu funcionamento; e é, possivelmente, o aspecto computacional do sistema.

Quando o complexo cérebro-mente lida somente com números, opera de modo linear; mas, quando trabalha com imagens conceituais, tenta enfiar a situação como um todo. A mente é projetiva quando lida com formas e, numa circunstância específica, por meio de sua função gestáltica – abarcando o todo –, é capaz de compor a situação outra vez, mesmo na ausência de certos elementos.

A mente vai ainda mais longe. Segundo Morin, as funções do cérebro são capazes de encontrar soluções (competência heurística) combinando um arranjo de decisões-escolhas (competência estratégica), e fazendo novas combinações (competência inventiva). Em suma, as funções cerebrais são capazes de gerar ordem a partir do ruído, organizando dados mentais heterogêneos, proliferantes e desorganizados.

Este parece ser o aspecto computacional/cogitante do complexo cérebro-mente.

DOIS PENSAMENTOS – Com base nos conceitos até agora considerados, podemos dividir o pensamento em dois tipos: concreto e difuso. O pensamento concreto é apoiado pela lógica formal, tenta ser exato. Procura eliminar o erro, a desordem, a ambigüidade, a imprecisão e a contradição do raciocínio. O pensamento difuso, de outra parte, é aproximativo, nebuloso, tenta lidar com a imprecisão, a contradição e a ordem/desordem natural das coisas. Procura pensar em ordem/desordem/organização simultaneamente, por meio de processos lógicos e não-lógicos.

O modelo de pensamento concreto é o computador, com seu “raciocínio binário”. Enquanto isso, o pensamento difuso busca alternativas e, por meio de raciocínios construtivos/desconstrutivos, mostra capacidade criativa. Os dois modelos são complementares. O pensamento concreto é apropriado para operacionalizar projetos, enquanto que o pensamento difuso é essencial para o processo de criação. Pode-se dizer que eles interagem de modo complementar, competitivo e antagonista. O modo operativo do complexo cérebro-mente não é uma simples especulação epistemológica; tem muitos aspectos práticos, a serem considerados por especialistas da ciência da informação, que trabalham no campo da inteligência artificial.

Embora o pensamento humano possa ser rigorosamente posto em termos matemáticos, a ciência do processamento de dados, também chamada *informatique* por especialistas franceses (subsidiada por outras ciências), tem confiado em critérios lógico-matemáticos para construir sistemas hábeis e tentar construir uma *machina sapiens*. Entretanto, o modelo para a construção da “máquina inteligente” é o modo operativo do complexo cérebro-mente, que nem sempre usa processos lógicos. O papel da ciência da informação é buscar o conhecimento em si (conhecimento virtual), e não simplesmente tentar uma formalização lógico-matemática do conhecimento.

O objetivo dos especialistas é construir modelos de conhecimento baseados na ciência da informação. Mas a engenharia do conhecimento encontra grandes dificuldades em suas tentativas de proporcionar soluções baseadas no modelo algorítmico para os problemas da percepção, raciocínio e aprendizado. Com a contribuição das ciências da cognição, procuram-se modelos heurísticos complexos, que permitam uma aproximação ao desempenho cognitivo humano.

CONCLUSÕES – 1. O complexo cérebro-mente é um sistema indivisível, que funciona com propriedades emergentes em vários níveis hierárquicos de organização, irreduzíveis uns aos outros.

2. Os níveis hierárquicos de organização estão profundamente integrados num plano interacional, e são pelo menos três: (i) o nível neuronal, que tem como substrato células nervosas, organizadas segundo a neurobiologia do desenvolvimento; (ii) o nível funcional, que tem como seu substrato dinâmico redes neuronais, cuja configuração é proporcionada por mecanismos conexionais; (iii) o nível conceitual, baseado numa rede semântica que lida com símbolos dentro de contextos.

3. O complexo cérebro-mente, que transforma informação em significados, lida com problemas por meio de mecanismos lógicos e não-lógicos. Enquanto a lógica permite que a mente organize os elementos para o raciocínio, os mecanismos não-lógicos (a lógica nebulosa, a heurística, os *insights*) permitem que a mente desenvolva estratégias para encontrar soluções. ▲

"Este artigo inclui referências bibliográficas. Os interessados em obtê-las podem entrar em contato com a Associação Palas Athena ou diretamente com o autor, pelos telefones (011) 257-7838 e (011) 259-6411."



AMADOU HAMPATÉ BÂ

A EDUCAÇÃO TRADICIONAL NA ÁFRICA

Quase que soterrado pela avalanche da cultura européia imposta na época colonial, o conhecimento tradicional africano persiste e resiste, com sua visão de mundo integrada, poética, orgânica. Mas quando um de seus mestres – o ancião herdeiro da sabedoria transmitida oralmente – morre, é uma biblioteca que se incendeia.

AMADOU HAMPATÉ BÂ, filósofo maliano, dá continuidade aqui a nossa caminhada "em direção à África". Procura-se, assim, preencher a lacuna existente entre nós sobre aspectos relevantes da cultura do continente africano. O texto original encontra-se no capítulo 2 de *Aspects de la civilization africaine* (Paris, ed. Présence Africaine, 1972).



Maquete Monumento "Fraternidade Universal".

Quando fui nomeado membro do Conselho Executivo da Unesco, atribuí-me o objetivo de falar aos europeus sobre a tradição africana enquanto cultura. A coisa era um tanto difícil, já que na tradição ocidental foi estabelecido firmemente que, onde não há escrita, não há cultura. A prova da dificuldade é que, a primeira vez que propus que se considerassem as tradições orais como fontes históricas e fontes de cultura, provoqueei apenas sorrisos. Alguns chegaram a perguntar, com ironia, que proveito a Europa poderia tirar das tradições africanas! Lembro-me de haver respondido: "A alegria, que vocês perderam". Talvez pudéssemos acrescentar hoje em dia: "Uma certa dimensão humana, que a civilização tecnológica moderna está prestes a fazer desaparecer".

O fato de não possuir uma escrita não priva a África de ter um passado e um conhecimento. Como dizia meu mestre, Tierno Bokar: "A escrita é uma coisa e o saber é outra. A escrita é a fotografia do saber, mas ela não é o saber em si. O saber é uma luz que está no homem. É a herança de tudo o que nossos ancestrais puderam conhecer e que nos transmitiram em germe, exatamente como o baobá está contido em potência em sua semente".

Evidentemente, este conhecimento herdado e transmitido oralmente pode desenvolver-se ou estagnar-se. Desenvolve-se onde existem centros de iniciação e jovens para receber a formação. Perde-se sempre que a iniciação desaparece.

O conhecimento africano é imenso, variado. Concerne a todos os aspectos da vida. O "sábio" não é jamais um "especialista". É um generalista. O mesmo ancião, por exemplo, terá conhecimentos tanto em farmacopéia, em "ciência das terras" – propriedades agrícolas ou medicinais dos diferentes tipos de terra – e em "ciência das águas", como em astronomia, em cosmogonia, em psicologia etc. Podemos falar, portanto, de uma "ciência da vida": a vida sendo concebida como uma unidade onde tudo está interligado, interdependente e interagindo.

Na África, tudo é "História". A grande História da vida comporta seções que serão, por exemplo: a história das terras e das águas (a geografia), a história dos vegetais (a botânica e a farmacopéia), a história dos "filhos do seio da terra" (a mineralogia), a história dos astros (astronomia, astrologia) etc. Estes conhecimentos são sempre concretos e dão lugar a utilizações práticas. Na ordem dos conhecimentos, começa-se "por baixo", pelos seres e as coisas menos desenvolvidas ou menos animadas em relação ao homem, para "subir" até o homem.

A terra, considerada o "umbigo" do mundo, é o *habitat* principal de três tipos de seres. Vale dizer, é o *habitat* de três modos de manifestação da vida:

1) No fundo da escala, encontramos os seres inanimados, ditos "mudos", dos quais a linguagem é considerada como oculta, sendo incompreensível ou inaudível para o comum dos mortais. É o mundo de tudo o que está contido na superfície da terra (areia, água etc.) ou em seu seio (minerais, metais etc.).

2) Vêm em seguida os seres "animados imóveis". Tratam-se dos viventes que não mudam de lugar. São os vegetais, que podem estender e espalhar seus braços no espaço, mas dos quais o caule ou tronco não pode se mover.

3) Enfim, os "animados móveis", que vão do mais minúsculo animal até ao homem, passando por todas as classes de animais.

Cada uma dessas categorias encontra-se subdividida em três grupos:

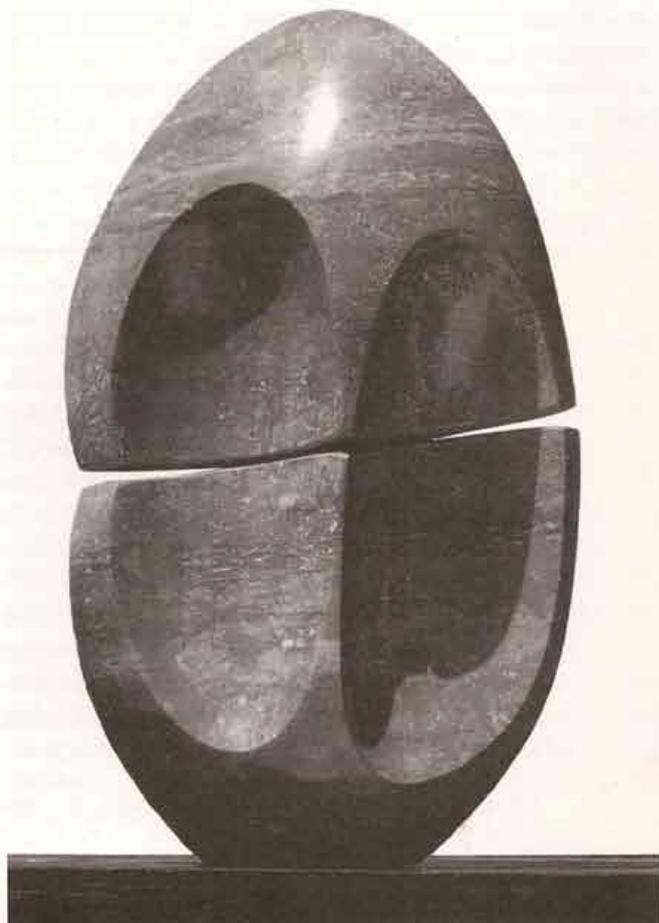
1) Entre os inanimados mudos, encontramos os inanimados sólidos, os inanimados líquidos e os inanimados gasosos (literalmente: "fumegantes").

2) Entre os animados imóveis, encontramos os vegetais rasteiros, os vegetais trepadores e os vegetais de sustentação vertical, que constituem a classe superior.

3) Os animados móveis compreendem os animais terrestres (entre os quais os animais invertebrados, como os vermes, e os animais vertebrados), os animais aquáticos e as aves.

Essas nove classes de seres constituem períodos de ensino específicos, mas que não são forçosamente sucessivos ou progressivos. O ensinamento é com efeito associado à vida e dispensado ao sabor das circunstâncias que se apresentam. Se, por exemplo, uma serpente surgir inesperadamente de uma moita, será a ocasião, para o velho mestre, de proferir uma lição sobre a serpente. Conforme seu auditório seja constituído de crianças ou de adultos, ele orientará diferentemente seu discurso. Ele poderá falar das lendas da serpente, ou dos remédios que podem curar sua mordida. Se ele estiver cercado de crianças, se estenderá de bom grado sobre os perigos da serpente, para que aprendam a proteger-se.

O estudo da terra, das águas, da atmosfera e de tudo que elas contêm enquanto manifestações de vida, constituem o conjunto dos conhecimentos humanos, legados pela tradição. Mas a maior de todas as "histórias", a mais desenvolvida, a mais significativa, é a



Máscara Oval (1980) 40cm. h. Escultura/travertino persiano vermelho.
Coleção Lily Cohen Safra, Genebra.

história do ser humano, que se encontra no topo dos “animados móveis”.

É o conhecimento do homem e a aplicação deste conhecimento na vida prática que faz do homem um ser “superior” na escala dos seres vivos. É somente então que se pode dizer que ele esteja no estado de *neddaaku* (na língua peule) ou de *maayaa* (no idioma bambara), isto é, no estado de *homem completo*.

A história do ser humano compreende, de um lado, os grandes mitos da criação do homem e de sua aparição sobre a terra, com o significado do lugar que ele ocupa no seio do universo, o papel que ali ele deve desempenhar – essencialmente um papel axial de equilíbrio – e sua relação com as forças de vida que o rodeiam e que o habitam. Compreende, por outro lado, a história dos grandes ancestrais, os inumeráveis contos educativos, iniciáticos e simbólicos e, enfim, a história propriamente dita, com as grandes tradições das realezas, as crônicas históricas, as epopéias e assim por diante.

A tradição transmitida oralmente é tão precisa e tão rigorosa que se pode, com diversas confirmações,

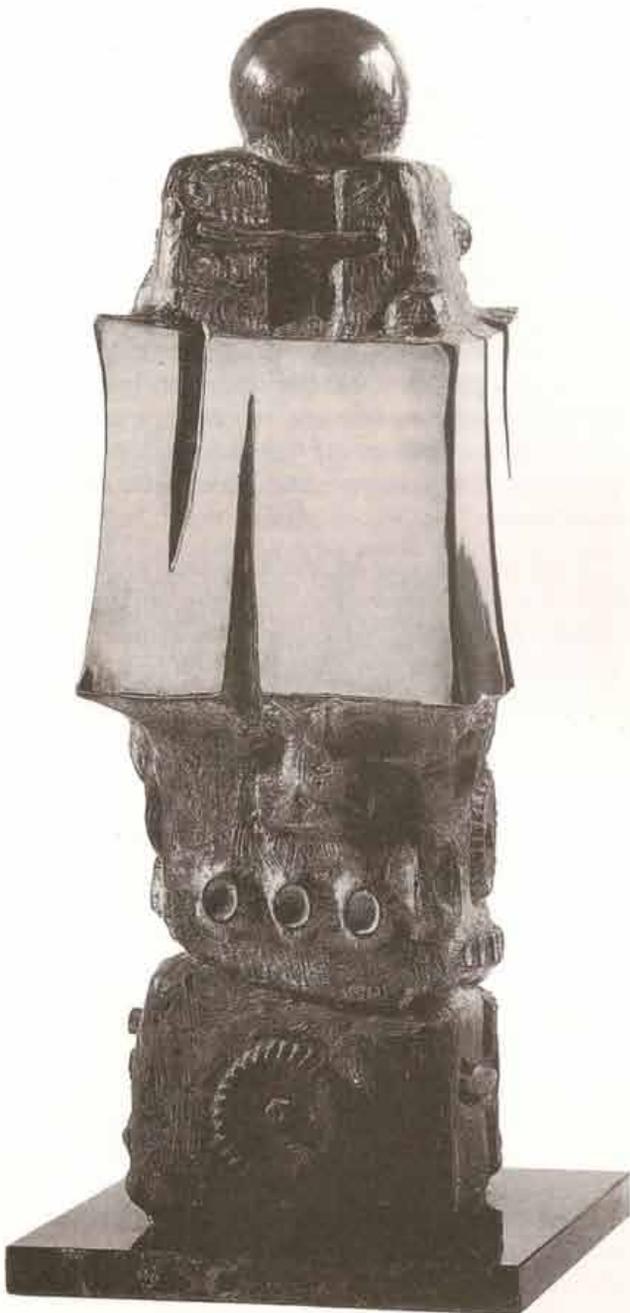
reconstituir os grandes acontecimentos dos séculos passados nos mínimos detalhes, especialmente a vida dos grandes impérios ou dos grandes homens que ilustraram a história africana. (...)

Nas civilizações orais, a palavra compromete o homem, a palavra **é** o homem. Daí o respeito profundo pelas narrativas tradicionais legadas pelo passado, nas quais é permitido o ornamento na forma ou na apresentação poética, mas onde a trama permanece imutável através dos séculos, veiculada por uma memória prodigiosa que é a característica própria dos povos de tradição oral. Na civilização moderna, o papel substituiu a palavra. É ele que compromete o homem. Mas é possível afirmar, com toda certeza e nessas condições, que a fonte escrita é mais digna de confiança que a fonte oral, constantemente controlada pelo meio tradicional?

É útil precisar que na África, ao lado visível e aparente das coisas corresponde sempre um aspecto invisível e escondido, que é como a sua fonte ou o seu princípio. Assim como o dia nasce da noite, todas as coisas comportam um aspecto diurno e um noturno, uma face aparente e uma escondida. A cada ciência aparente corresponderá, então, sempre uma ciência muito mais profunda, especulativa – podemos dizer, esotérica –, baseada na concepção fundamental da unidade da vida e da inter-relação, no seio desta unidade, de todos os diferentes níveis de existência. Existe aí um domínio que, por ser menos facilmente explorável, merece ser mais aprofundado e pesquisado, antes que os últimos depositários desta ciência desapareçam.

O conhecimento africano é um conhecimento *global*, um conhecimento vivo. É por isso que os anciãos, os últimos depositários desse conhecimento, podem ser comparados a vastas bibliotecas, das quais as múltiplas prateleiras estão ligadas entre si por relações invisíveis que constituem precisamente esta “ciência do invisível”, autenticada pelas correntes de transmissão iniciática.

Outrora, este conhecimento era transmitido regularmente de geração em geração, mediante ritos de iniciação e pelas diferentes formas de educação tradicional. Esta transmissão regular foi interrompida devido a uma ação exterior, extra-africana: o impacto da colonização. Esta, chegando com sua superioridade tecnológica, com seus métodos e seu ideal de vida próprios, de tudo fez para impor seu próprio jeito de viver àquele dos africanos. Como jamais se semeia em terras não preparadas, as potências coloniais foram obrigadas a “roçar” a tradição africana para poder plantar sua própria tradição.



Totem das Máquinas IV (1969). Escultura/bronze (Coleção Bancocidade, São Paulo).

A escola ocidental começou, portanto, combatendo a escola tradicional africana e perseguindo os detentores do conhecimento tradicional. Foi a época em que todos os curandeiros foram jogados nas prisões como “charlatões” ou por “exercício ilegal da medicina”... Foi também a época na qual se impedia às crianças de falar sua língua materna, com o propósito de afastá-las das influências tradicionais. Isso chegou a tal ponto que, na escola, a criança que fosse surpreendida falando sua língua materna recebia pendurado no pescoço um quadro chamado “símbolo”, no qual estava desenhada uma cabeça de burro, e ficava privada do almoço...

Os grãos desta nova tradição, uma vez semeados, cresceram e deram frutos. É por isso que a jovem África, nascida da escola ocidental, tem tendência a viver e a pensar de modo europeu, pelo que não podemos repreendê-la, pois é apenas o que ela conhece. O aluno vive sempre de acordo com as regras de sua escola.

Na época colonial, a transmissão iniciática, que se fazia outrora às claras e de uma maneira regular, teve que refugiar-se numa espécie de clandestinidade. Pouco a pouco, o afastamento das crianças de suas famílias fez com que os anciãos não encontrassem mais à sua volta jovens suscetíveis de receber os ensinamentos. A iniciação saiu das cidades para refugiar-se no campo. Mas o golpe de misericórdia lhe foi dado por ocasião da independência com a base de idéias e ideologias exclusivamente européias. Enquanto o colonialismo, com efeito, suscitava

reservas e penetrava pouco no campo, estas mesmas idéias européias, veiculadas por partidos políticos modernos, mobilizaram massas até o mais recôndito vilarejo, de tal maneira que a transmissão quase não encontra mais terreno onde possa ser exercida.

Numa época em que diversos países do mundo, por intermédio da Unesco, consagram recursos financeiros e esforços materiais para salvar os grandes monumentos históricos ameaçados, não seria ainda mais urgente salvar o prodigioso capital de conhecimentos e de cultura humana acumulado, ao longo de milênios, nesses frágeis monumentos que são os homens, e do qual os últimos depositários estão desaparecendo?

Em nossos dias, devido à ruptura na transmissão tradicional, quando um desses sábios anciãos desaparece, são todos os seus conhecimentos que são devorados com ele pela noite. Eu não desejo isso nem para a África, nem para a humanidade. ▲

LUIS NORBERTO PASCOAL

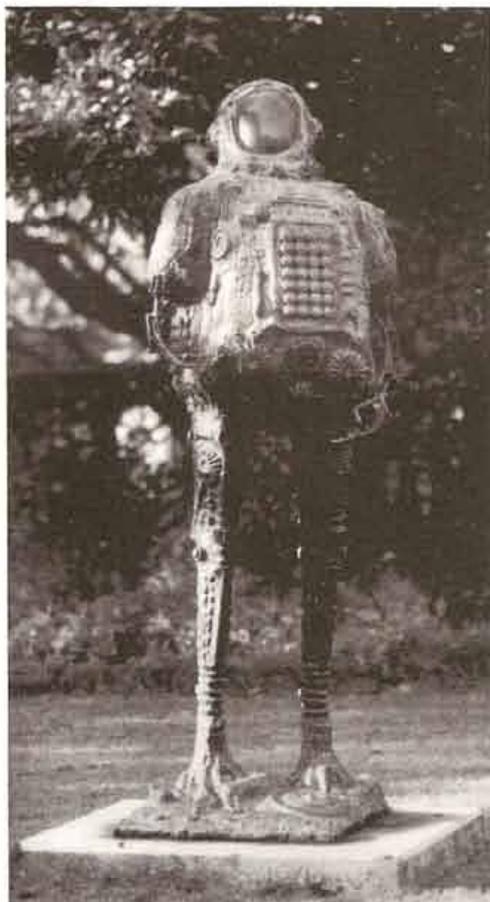
OS CASTELOS MEDIEVAIS
DO SÉCULO XXI
(A SOCIEDADE DO MEDO)

O fosso entre os privilegiados e os excluídos da sociedade cresce assustadoramente em meio às transformações que varrem o mundo neste final de século. Tal como na Era Medieval, nobres de um lado, despossuídos de outro, geram uma trincheira de combate social. Qual é a saída?

LUIS NORBERTO PASCOAL é presidente da Fundação Educar e diretor da DPaschoal.

Astronauta Taub (1970)
220cm, h. Bronze - Zurich





Astronauta Taub (1970) 220cm. h. Bronze - Zurich

A arquitetura reflete de forma perene os anseios e as condições sociais de um povo, de uma sociedade, permitindo que avaliemos a forma de viver, de pensar e de agir que essas sociedades tiveram em cada momento da história.

(M.G. Pascoal)

A arquitetura tenta criar espaços e soluções para que as pessoas possam viver, trabalhar e divertir-se de forma adequada. No entanto, sua importância não se restringe a esse aspecto. Assim como a poesia, a música e a moda, ela é um instrumento com o qual o homem marca a história, deixando rastros nítidos dos valores que permeiam os seus pensamentos.

Entre as artes, a arquitetura é a que melhor representa os desejos, os medos, as condições tecnológicas, a realidade em que viveu o mundo a cada momento de sua existência. Quando fazemos uma análise das moradias dos anos 70 para cá, verificamos que houve um crescimento vertiginoso dos chamados condomínios residenciais. Se nos aprofundarmos um pouco mais na análise dos propósitos que nortearam os arquitetos a construir *comunidades guardadas*, verificaremos que, em grande parte, eles são os mesmos que induziram os reis a levantar os castelos medievais.

Se pararmos para pensar nos porquês da construção de fossos, de grandes muros, de pontes levadiças, das sentinelas ou das torres, verificaremos que, exceto pela tecnologia e pelos valores estéticos, *nostros edifícios residenciais, em muitas cidades do mundo, não diferem muito dos castelos*. Assim, podemos concluir que as sociedades medievais sofriam de traumas semelhantes aos das sociedades do final deste século.

As comunidades se fecham cada vez mais, protegendo-se e tornando-se muito semelhantes à nobreza medieval. O quadro social que gera essas necessidades é similar ao do passado. A arquitetura que desenvolveu as edificações medievais procurava isolar a nobreza da pobreza. Da mesma forma, o cidadão, que hoje representa a burguesia e a nobreza do passado, também anseia por proteção.

Teoricamente, essas divergências sociais não deveriam estar se acentuando. Já deveríamos ter superado essa questão. Apesar de todo o avanço de instituições internacionais como a ONU e a UNICEF, e da conscientização dos direitos do cidadão, o mundo dá sinais de caminhar na direção inversa. Os desafios atuais estão cada vez maiores.

Como exemplo, podemos citar o muro de Berlim. Sua queda foi muito comemorada, mas o impacto dela não foi o esperado. Acreditava-se que a guerra fria, a luta ideológica e o conflito bipolarizado do poder cederiam lugar à paz, e que a partir daí o mundo entenderia que a igualdade seria alcançada, por meio de uma sociedade mais livre, justa e equilibrada. Isso, porém, não aconteceu.

OS NOVOS MUROS DE BERLIM — A queda do muro de Berlim foi um avanço na redução dos conflitos ideológicos. No entanto, percebe-se o surgimento de novos muros berlinenses, que têm a finalidade de impedir a entrada dos cidadãos. Esses novos muros, bem visíveis, são os dos prédios, das residências, são as muralhas que cercam as fábricas; são as grades que rodeiam parques e jardins, tentando isolar uma parcela da população de um espaço que, a partir de determinado momento, passou a ser privilégio de alguns grupos. Temos também novos muros de Berlim invisíveis: são as barreiras do racismo e do *apartheid* social, da imigração bloqueada, da intolerância religiosa.

Se de um lado há pessoas amedrontadas, procurando proteger-se atrás das muralhas, de outro temos muitas outras que, não tendo o que perder, buscam de qualquer forma uma saída. São pessoas que perderam seus referenciais. Privadas de esperança, deixaram de viver seus valores e sua história. Precisam, desesperadamente, de uma nova realidade. Frustradas por não conseguirem realizar seus sonhos, passam a viver mascaradas, fantasiadas de cidadãos, excluídas da sociedade.

Os Novos Fantasma da Ópera – A história do Fantasma da Ópera retrata bem o que sente essa parcela da população. Por ter o rosto desfigurado, ele sentia excluído. Para que ninguém visse sua deformidade, passou a usar máscara e viver escondido num porão de teatro.

Os novos Fantasmas da Ópera, no final do século XX, são pessoas que também trazem uma marca de sofrimento, exclusão e apatia. Frustradas em seus sonhos, banidas de seus valores, ignorantes de seus direitos, elas vivem em favelas, sótãos e debaixo de pontes. A diferença é que a máscara do Fantasma de hoje é a sua própria cara. A deformação social e psicológica degrada lentamente o cidadão, fazendo com que, na sua apatia, ele comece a abandonar a crença em um mundo melhor. Indivíduos assim abdicam totalmente de seus valores, passando a viver como verdadeiros ratos de rua e, se preciso, agredindo a todos que se colocarem em seu caminho.

Devemos reconhecer que a autoproteção, por meio de um sistema residencial guardado, não suportará as pressões dos excluídos. Nenhum castelo, nenhuma muralha será capaz de proteger as elites. Nossa sociedade caminha para um conflito aberto entre privilegiados e despossuídos. Os castelos medievais não protegeram os senhores feudais, o muro de Berlim não conseguiu segurar todos os cidadãos na Alemanha Oriental. E os novos Fantasmas da Ópera não serão detidos por nenhuma polícia do mundo. As elites precisam saber recuar. O recuo estratégico é uma atitude sensata. Não se trata de caridade, nem de altruísmo, mas sim de autopreservação, inteligência social. Esse quadro, assim colocado, é tristonho e pessimista. Mas há alternativas. Devemos enfrentar essa realidade pragmaticamente, com muita determinação. Acreditamos que, se houver uma chance, a maioria dos indivíduos buscará reviver seus sonhos, lutando por eles de forma civilizada.

Em todas as análises, o denominador comum encontrado para essas situações tem sido a educação.



O Guerrero A (1983) 210cm. h. Bronze, col. Szajman, SP.

Percebe-se, nitidamente, que onde há uma opção estratégica pela educação para todos as barreiras são menores e a desigualdade social, mesmo que existente, não é tão desumana. Nos países em que não houve primeiro a opção estratégica pela educação, mas foram criados modelos que privilegiavam o enriquecimento antes dela, ou foram educadas as elites e não as bases, o desenvolvimento ocorreu de forma concentrada, segregadora e injusta.

EDUCAÇÃO: REMÉDIO OU VENENO? – A educação é um remédio que, se administrado de forma desigual, torna-se veneno, dando origem a uma doença social: um fosso entre os bem formados e os "sem-nada". Se aplicada de modo insuficiente, ela não faz efeito, causando uma deterioração social generalizada e colocando países inteiros em rota de exclusão econômica. Com os avanços da ciência, é preciso colocar a todos em condições de aprender a aprender. O mundo globalizado exige um patamar mínimo de conhecimento, pois a competição entre os países é cruel. A educação básica e profissionalizante para todos é mais que um direito, é condição *sine qua non* para a sobrevivência da sociedade. A saúde, os problemas habitacionais e a questão da fome são também pontos

críticos, merecem muita atenção. Entretanto, do ponto de vista estratégico, a educação tem de ser vista como a prioridade maior.

Poderíamos, inicialmente, imaginar que algumas desigualdades são inerentes a qualquer sociedade, que são inevitáveis em qualquer agrupamento humano. Contudo, o fato de uma criança, um jovem ou um adulto não receberem as mesmas condições de educação e saúde, e não terem chances de desenvolvimento, representa uma situação intolerável de injustiça social. A educação, principalmente a básica, funciona como uma força que coloca a todos nas mesmas condições iniciais para o desenvolvimento.

Toda pessoa tem o direito de sonhar e receber educação suficiente para poder lutar pelo seu projeto de vida. A falta de um horizonte é fator de descrença, desconfiança e perda de auto-estima. As pessoas que atingem esse nível de exclusão social nada têm a perder, tornando-se apáticas, ou agressivas e ameaçadoras.

A PRAGA DO SÉCULO XXI – A evolução da ciência, a rapidez das transformações tecnológicas e a velocidade da globalização têm provocado alterações dramáticas nos processos produtivos, em todos os cantos do mundo, criando ajustes estruturais dolorosos. O desemprego parece uma praga.

A história mostra que os movimentos de transformação mais marcantes do século XX encontram paralelo na evolução do conhecimento científico. O primeiro movimento deu origem à sociedade motorizada; o segundo levou à sociedade informada; mais recentemente, chegamos à sociedade informatizada e globalizada, que provocou, nestas duas últimas décadas, um impacto inimaginável.

Essa terceira revolução é muito diferente das anteriores. Na primeira, quem perdeu o emprego na agricultura foi para a indústria. Na segunda, quem saiu da indústria foi para os serviços. O que fazer agora, quando também o setor de serviços está sendo reinventado pela tecnologia?

Essa terceira fase, diferentemente das anteriores, exige uma educação formal do trabalhador. A novidade está na necessidade do conhecimento técnico e intelectual. Como essa mudança já vem ocorrendo, uma minoria começa a dominar os processos modernos, deixando para as classes menos educadas as atividades secundárias. O que não se esperava é que a velocidade das transformações – principalmente a evolução da informática, da física, da química fina, da

microbiologia e da genética – fosse criar soluções tão avançadas para a produção e a administração, e que uma enorme parcela da sociedade, não preparada para entender os novos processos, começasse a ser alijada do mercado de trabalho.

Essa divisão tem como consequência o desenvolvimento de um grupo intelectual poderoso e supercapacitado, que passa a atrair para si o poder econômico. São transformações tecnológicas que dão às pessoas que dominam a informação um poder que antigamente pertencia à nobreza e ao clero – que controlavam a terra e o saber –, depois passou para os navegadores e comerciantes – que dominavam as rotas –, migrando a seguir para os donos das máquinas – que tinham o domínio da produção industrial. Finalmente, no mundo informatizado o poder está se concentrando nas mãos dos donos dos *softwares*. Não estamos no fim da história, como disse Francis Fukuyama. Mas, sem dúvida, o bonde histórico está andando à velocidade da luz.

No passado, o confronto ideológico entre direita e esquerda, entre leste e oeste, era uma ameaça à paz mundial. Hoje, o conflito entre ricos e pobres, educados e não-educados, é muito mais sério e cruel. Na realidade em que vivemos, os excluídos não têm mais o que perder.

Se a educação formal e continuada tornou-se um imperativo para a inserção social e a participação econômica, faz-se urgente uma ação conjunta de toda a sociedade, no sentido de erradicar primeiro o analfabetismo, para depois eliminar a pobreza. Não é possível pensar em melhorar a distribuição da riqueza sem antes resolver o problema da distribuição da educação.

A QUEM COMPETE EDUCAR? – Nossa missão é reverter esse quadro, por meio de um novo modelo que preserve os direitos do cidadão e os valores democráticos. E que ofereça a todos as condições mínimas para que o desenvolvimento seja realmente justo.

A educação básica tem de ser um ponto de honra de toda a sociedade. Não podemos aceitar a idéia de crianças fora da escola. É também necessária a educação continuada, um treinamento constante da mão-de-obra considerada pouco qualificada e, portanto, de difícil absorção num quadro de avanços tecnológicos como o atual. Seria preciso, ainda, promover estágios de aprendizagem para os jovens que ainda estiverem na escola. O trabalhador precisa ser treinado nas habilidades e conhecimentos para os quais há demanda.

Será que as empresas bem sucedidas estão assumindo sua responsabilidade social? Não seria o caso de elas investirem na atualização dos conhecimentos de seus funcionários? Nesse novo quadro, onde fica a inteligência empresarial estratégica?

O PAPEL DAS EMPRESAS, ONGs, UNIVERSIDADES E GOVERNO

– As empresas que optaram pela educação e treinamento intensivo de suas equipes vêm demonstrando muito mais rapidez de adaptação às transformações contemporâneas. No entanto, é necessário ir além. Com a redução da capacidade do Estado para preparar as nações para os novos desafios, será posta nas mãos das empresas, com o apoio das universidades e ONGs, a responsabilidade da reinvenção do trabalhador e dos modelos de construção sustentada da sociedade do século XXI. O governo também deve fazer o seu papel, reduzindo impostos para empresas que invistam na educação de seus trabalhadores, inclusive os demitidos, redefinindo políticas que estimulem as pessoas e as organizações a se prepararem para as mudanças.

É fundamental que sejam aumentadas as atividades das organizações não-governamentais e universidades. A dicotomia entre os setores público e privado tem de ser superada, pois nem o Estado nem as empresas serão capazes de resolver a crise do trabalho e da educação. A universidade terá de desempenhar um papel de catalisador do novo pensamento, desenvolvendo novas ferramentas que serão aplicadas pelas ONGs nessa aliança que começa a ser desenhada.

Para facilitar e estimular esse processo, o governo deveria interpretar o tempo dedicado às entidades comunitárias como doação, como já faz com as contribuições financeiras. Isso aumentaria o poder dessas organizações. O Estado poderia, em vez de pagar seguro-desemprego, pagar salários às pessoas desempregadas que conseguissem posições nessas entidades sem fins lucrativos. Isso teria enormes consequências sociais: os laços comunitários seriam estreitados, os serviços prestados por essas instituições poderiam melhorar e se expandir.

CONCLUSÃO – Se educação é prioridade estratégica, devemos, em primeiro lugar, concordar com o que diz o professor Antônio Carlos Gomes da Costa, consultor da UNICEF: “Para alcançarmos uma situação em que todos tenham acesso a uma educação de qualidade, teremos todos de zelar por ela; esta deve ser a preocupação e a responsabilidade de toda a

sociedade”. Não é possível pensar em resolver o problema da distribuição da riqueza sem antes resolver o problema da distribuição da educação.

Quem não gostaria de viver num mundo mais seguro, sem medos e aflições? Sabemos que o momento é difícil, e que as saídas estão cada vez mais complicadas. Mas não temos o direito de desistir. Se todos compartilharem das mesmas preocupações e lutarem pelo mesmo sonho, certamente estaremos mais próximos de uma conquista. Alexis de Tocqueville, em 1831, em seu estudo *A Democracia na América*, chamou atenção para a relevância das entidades sociais, destacando a importância da cidadania local, a *township*, como forma eficaz e criativa de governo. Será que não está na hora de reaprendermos esse modelo, para que ele nos ajude a solucionar nossos problemas?

Definitivamente, compete às elites encontrar uma alternativa. Devemos reinventar os modelos existentes, buscar saídas para baixar pontes sobre o fosso, abrir os portais dos castelos, derrubar os muros de dentro para fora. Os fantasmas não querem viver para sempre atrás das máscaras. Ao ajudá-los a sorrir, estaremos também alcançando nossa tranquilidade e felicidade. ▲

Dam Quixote (1959) 31cm. h.
Bronze, coleção particular.

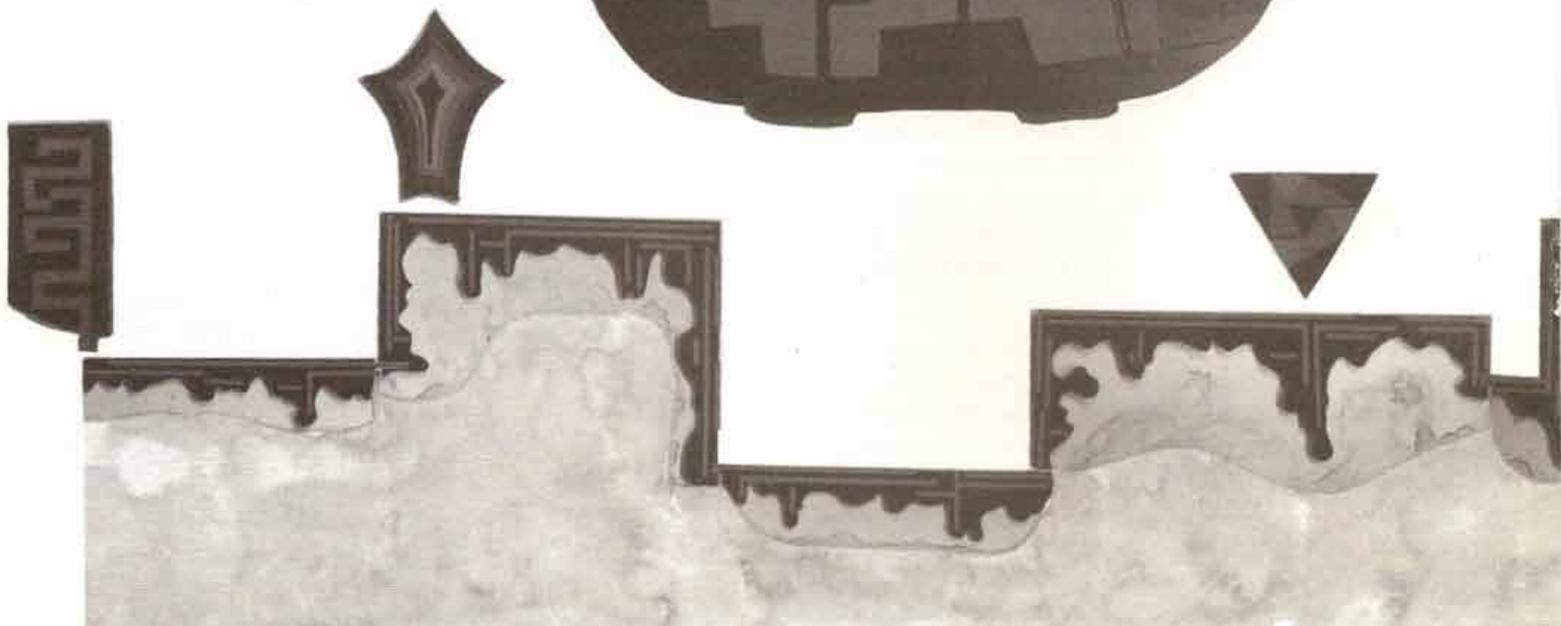


STANLEY KRIPPNER

OS ESTUDOS SOBRE A CONSCIÊNCIA NA ERA PÓS-MODERNA

*Das certezas do modernismo
às imprevisibilidades
do pós-modernismo, a
transdisciplinaridade surge
como uma proposta eficaz de
harmonia e equilíbrio*

STANLEY KRIPPNER é professor
de psicologia no Saybrook
Institute, San Francisco, EUA.



© Labirinto (1992) 650cm. Composição fractal.

Nas últimas décadas, os estudos sobre a consciência tornaram-se um tema popular, que tem atraído também a atenção dos cientistas sociais, dos estudos comportamentais e dos neurocientistas. Embora a consciência permaneça até certo ponto um enigma, as concepções psicodinâmicas de como a atividade humana é influenciada pelos processos inconscientes persistem nos círculos psiquiátricos. A maioria dos modelos psicológicos de consciência vem da ciência cognitiva. As neurociências explicam a dinâmica consciente a partir das perspectivas cerebral e do sistema nervoso central, com especial atenção para os neurotransmissores e seus efeitos.

UMA ARENA DE DISPUTAS – Essas perspectivas estão em luta, no *shopping center* de modelos em competição em que se transformou o campo dos estudos da consciência. Elas lutam para serem levadas a sério, e tentam ganhar a atenção de instituições que têm o poder de conceder bolsas de pesquisa, prêmios de fundações, postos acadêmicos e contratos de edição de livros. As tecnologias aplicadas da consciência inundam constantemente esse *shopping center*. São compradas por consumidores ávidos para reduzir seus níveis de estresse, melhorar suas vidas sexuais, lutar contra dores psicológicas ou físicas, remendar relacionamentos ou conseguir promoções no trabalho. Todos esses *workshops*, terapias, sessões de treinamento e engenhocas mecânicas refletem modelos daquilo

que os ocidentais chamam de “consciência”. Ilustram também a existência, proposta pela visão pós-moderna, de múltiplas realidades e visões de mundo.

O pluralismo que transparece nos estudos sobre a consciência pode também ser encontrado na economia contemporânea, na religião, na indústria, na política, nos grupos sociais, nas artes e no entretenimento, bem como nas subculturas e estilos de vida. Essa situação é freqüentemente conhecida como “pós-modernidade”. O período anterior – a “modernidade” – representa a visão de mundo que afirma que o “progresso” da Humanidade depende da descoberta da “realidade” e da “verdade” por meio da lógica, da razão e do empirismo.

HISTÓRIA, CIÊNCIA E FILOSOFIA – Historicamente falando, a modernidade produziu a industrialização, o capitalismo, o socialismo, o comunismo e o Estado-nação. A religião tornou-se marginalizada na maioria desses Estados, e sua autoridade foi relegada às questões espirituais. No século 17, René Descartes foi inspirado por uma série de sonhos. Preconizou unificação de todos os campos do conhecimento por meio da razão, dando início à era “moderna”. No século 18, Immanuel Kant apoiou energicamente o desenvolvimento do modernismo. Seu apelo “ousa fazer uso de tua razão” encorajava os que o liam a se tornarem independentes da Igreja e de outras autoridades.



A ciência ocidental sustenta que aquilo que pode ser percebido “lá fora” é um universo ordenado e sistemático, que é potencialmente o mesmo para todo mundo. Assim o pensamento lógico, a racionalidade solucionadora de problemas e a investigação científica garantirão um acordo comum a respeito de sua natureza. Segundo o credo moderno, essa “verdade” pode ser descrita por meio de afirmações objetivas, de causa-efeito a respeito de uma “realidade estruturada”, que pode ser medida, prevista e controlada. De acordo com os modernistas, os homens podem entender e dominar as “leis” fundamentais do Universo. Com tais informações e técnicas, pode-se chegar a uma ordem social justa, pacífica e harmoniosa.

Ao estudar a consciência, a perspectiva “moderna” presume que a percepção, a cognição e a imaginação se revelarão por si mesmas à ciência. Mas esta deve fornecer pontos de estímulo singulares, não-familiares, num meio ambiente estéril como o dos laboratórios experimentais. Em contraste, os pós-modernistas suspeitam que aquilo que os cientistas recuperam da natureza depende de sua maneira de representá-la. O entendimento que a Humanidade tem do mundo natural é adquirido por meio da linguagem, do símbolo e da metáfora. A abordagem pós-moderna à ciência inclui a ironia e a narrativa. Seus praticantes não estão à parte, não são investigadores testando teorias – não são simples espectadores. O investigador pós-moderno é envolvido, interessado, interpretativo; verifica os métodos, é participante e desempenha um papel ativo, tanto no processo de encontrar como no de produzir informação.

Ele se dá conta de que os fenômenos humanos se alteram quando são estudados. Os participantes das pesquisas mudam, quando recebem *feedback* sobre a investigação e o papel que nela desempenham. Os cientistas pós-modernos entendem que a ciência não está livre de valores; ela os produz e os reflete, sejam eles implícitos ou explícitos. Assim, seus achados tornam-se a base de tecnologias aplicadas, como a da bomba atômica, a dos satélites espaciais e a da mídia eletrônica. Se a ciência moderna tem um valor publicamente declarado, ele é a busca da “certeza”. Essa é uma meta que os pós-modernistas vêem como fútil, porque acreditam que o conhecimento tende a ser local e não universal.

PALAVRAS E VIDA – Segundo os pós-modernos, as atividades humanas mais importantes dificilmente podem ser medidas, é muito menos previstas e controladas. Em vez disso, o cientista do pós-modernismo se

esforça para identificá-las, descrevê-las e entendê-las tão profunda e meticulosamente quanto possível. A “verdade” é uma questão de perspectiva, e as perspectivas são um subproduto do intercâmbio social, ou “discurso”. A linguagem de um indivíduo a respeito do mundo põe para funcionar a lente que o explica como um processo interativo. O “observador” e o “observado” estão em constante diálogo.

A modernidade tenta espelhar a natureza, não percebendo que a linguagem situa-se a meio caminho entre esta e o discurso. A pós-modernidade, ao contrário, pede ao cientista que se junte a esse discurso cultural. Os pós-modernistas esperam que o discurso forneça novas percepções e interpretações. Os estudos sobre a consciência são parte integrante desse discurso. Pressupõem que o indivíduo saia de seu meio ambiente, cultura, visão de mundo e processos de pensamento, de modo a poder refletir sobre eles. O pós-modernismo inteiro pode ser resumido como um exame de crenças – inclusive as suas próprias.

Os pós-modernistas acreditam que as vidas dos seres humanos giram amplamente em torno de discursos. À medida que os homens se dão conta de que as utopias sociais são frutos improváveis da investigação científica, assumem a responsabilidade por suas ações, aqui e agora. Podem então concentrar-se em projetos comunitários específicos, familiares, étnicos, comerciais, industriais, espirituais, acadêmicos ou o que seja. Para os pós-modernistas, as interações locais são o ponto de partida. O contexto comunitário substitui as ideologias globais. Há uma nova significação para o ato de contar histórias, para as maneiras pelas quais as pessoas explicam como o seu mundo ficou da forma que é. Ao mesmo tempo, as fronteiras artificiais entre as emoções, a intuição e a razão se dissolvem.

A DESCONSTRUÇÃO COMO INSTRUMENTO – Um selo de autenticidade da pós-modernidade é o “destrucionismo”, que começou como método de crítica literária e reduz a linguagem de um texto a uma multiplicidade de significados possíveis. O destrucionismo evita ver qualquer significado isolado como sendo o supostamente pretendido pelo autor. Um “texto” é uma história, um evento ou um conceito; o destrucionismo o rasga em pedaços, revelando suas contradições e desfazendo suas construções. O psicólogo americano Thomas Natsoulas começou a desconstruir o termo “consciência”, citando uma variedade de definições de dicionário. “Consciência” pode

significar o estado desperto normal, a atenção dirigida, ou a totalidade das impressões, pensamentos e sentimentos de um indivíduo.

Alguns pós-modernistas chegariam mesmo a contestar a suposição de Natsoulas, de que há eventos aos quais a linguagem da consciência individual pode ser aplicada. Concluiriam que o termo “consciência” é uma ficção e não uma “realidade”, porque é criado a partir de palavras. Segundo esses desconstrucionistas, a consciência humana existe simultaneamente como discurso ficcional e evento empírico. Nunca é realmente possível decidir qual dessas duas possibilidades é a mais precisa.

As variações de emprego do termo “consciência” no dicionário são aumentadas pelas diferenças observadas na literatura psicológica. O modelo de Sigmund Freud separou a “mente consciente” do “pré-consciente” e do “inconsciente”. Carl Jung escreveu sobre o “inconsciente coletivo” e Roberto Assagioli acrescentou a “superconsciência”. Charles Tart apresentou um modelo “sistêmico” de consciência. Seus “subsistemas” incluem a percepção interna, o processamento da informação, o processamento inconsciente, as emoções, a imagética mental, a orientação tempo/espço, a memória, o senso de identidade e a atividade motora. Os chamados “estados incomuns” de consciência diferem dos “estados basais”; seus subsistemas variam, criando um novo sistema com propriedades singulares. O behaviorismo evitou o problema, descartando o termo “consciência”; muitos psicólogos cognitivistas preferem usar expressões como “imaginação” e “cognição”.

Karl Marx chamou a ordem social dominante de “falsa consciência”. Para ele, tratava-se de mais um instrumento da exploração capitalista. Os grupos de “ampliação da consciência” proliferaram nos anos 60 a 70, como um desafio à cultura predominante. Dizia-se que essa cultura “oprimia” as mulheres, as minorias étnicas e sexuais e outros grupos “alienados”. Na mesma época, as drogas “expansoras da consciência”, a música e certos estilos de vida introduziram uma “contracultura”. Walter Anderson, em seu livro *A Realidade não é o que era*, chamou esse período de “verdadeiro início da era pós-moderna”.

CONSCIÊNCIA E CULTURA – Do ponto de vista pós-moderno, o termo “consciência” é socialmente construído. Além disso, a experiência “consciente” é construída de modo diferente em diferentes épocas e lugares. Em cada cultura, as pessoas constroem sua experiência nos termos das categorias fornecidas por suas línguas. Cada meio cultural usa palavras especializadas para os aspectos da consciência que são importantes para seu funcionamento e sobrevivência.

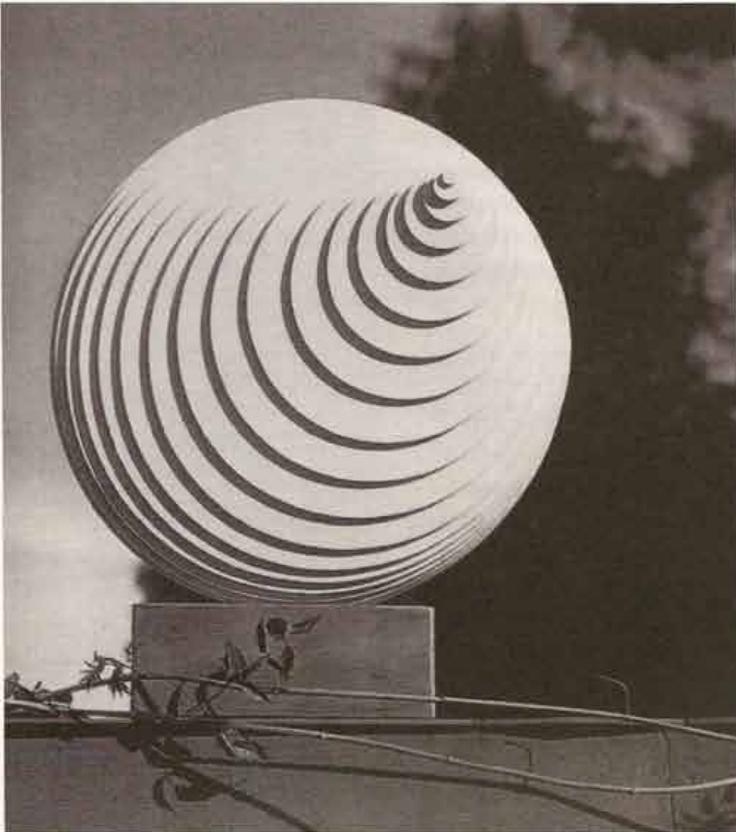
A cultura ocidental descreve com freqüência a experiência interior em termos psicopatológicos. Entretanto, as culturas orientais têm vocabulários para descrever os estados incomuns de consciência e as experiências espirituais. Além disso, a psicologia ocidental identifica “realidade” com o mundo tal como percebido pelo estado ordinário de vigília, e nega credibilidade às “realidades” percebidas por outros

estados de consciência. Por outro lado, as perspectivas orientais freqüentemente rejeitam o mundo físico, dizendo que ele é uma ilusão; vêem a “realidade” como algo que não pode ser apreendido pela consciência vigil ordinária. Um exemplo é a vida na tribo mexicana Huichol. Pelos padrões ocidentais, a vida entre os Huichol é uma alucinação bem organizada; o cosmos em que eles vivem é bastante diferente daquele no qual a civilização ocidental acorda todas as manhãs.

A tradição budista tibetana contém milhares de volumes sobre a consciência. A maioria desses livros trata de práticas e experiências meditativas. A fenomenologia dessas experiências é marcadamente consistente ao longo dos textos, que são escritos numa linguagem que os iniciantes em ioga são encorajados a aprender. Estudando essa linguagem eles



Totem da Geometria Poética (1986) 230cm.



Evolução Descêntrica (1987) 70cm. O.

constroem suas reações subjetivas, em paralelo com as normas socialmente aprovadas. Os termos budistas são precisos; lembram as propostas teóricas da psicologia ocidental sobre a atenção, a percepção, a cognição, o processamento de informações, a emoção, o senso de temporalidade e a fisiologia. Mas neles existe também uma profundidade que está quase ausente na psicologia ocidental. Esses termos ilustram quais os fatores que mudam em certos estágios de meditação.

Muitos deles diferem dos conceitos ocidentais. "Direcionar a mente", "controlar a mente" e "parar a mente" são exemplos. Um tipo de meditação budista tem cinco níveis, cada um com três subníveis distintos. Esse padrão reflete uma construção de consciência mais sutil do que qualquer coisa encontrável nas tradições ocidentais.

O modelo maia de consciência foi representado por vários artistas, que mostraram como o universo da realidade cotidiana e o mundo dos sonhos às vezes se interpenetram. Essa imbricação permite que espíritos de ambos os reinos interajam. Nos sonhos e nas visões de vigília, os Maias pediam às divindades que aparecessem. Os ocidentais considerariam esse povo como vivendo em estado alucinatório.

O modelo azteca de consciência concentra-se no momento da morte; destaca a atitude mental que os prisioneiros e assassinos assumem nos momentos imediatamente anteriores ao fim. Os aztecas e seus prisioneiros queriam morrer para libertar o espírito; tentavam atingir uma experiência autêntica de autonomia e poder da alma. Os aborígenes australianos, por meio do que chamavam "tempo de sonho", atingiam uma "liberação" similar, mas o faziam pela localização de "pontos de poder" no mundo natural, e não cortejando a morte.

Em Recife, Brasil, um "pai de santo" de candomblé, Pai Ely, trabalha com um padrão incomum de consciência, desenvolvido por tradições nativas africanas e brasileiras. Nesse modelo, o corpo tem dez "centros de energia". Cada um controla um aspecto da consciência. Cada "centro de energia" é conectado a um determinado "orixá", como Xangô ou Yemanjá.

Os estudiosos da consciência, em diferentes épocas e lugares, têm utilizado termos diversos. Eles vêm se concentrando em diferentes aspectos do "projeto de consciência", e formulando questões similares: o que se entende por "mente"? Que técnicas podem ser utilizadas para regular a consciência? Quais são os diferentes estados de consciência?

Para outros pós-modernistas, não há necessidade de buscar respostas simples para essas questões. O que realmente importa é apreciar como esses temas têm sido tratados ao longo dos anos. É também importante determinar como as várias comunidades humanas utilizam as respostas a essas perguntas, para trabalhar com seus sonhos e visões.

O MODERNISMO DESCONSTRUÍDO—A ciência moderna tem dado considerável atenção ao cérebro e ao sistema nervoso central. Menos atenção, porém, tem sido dedicada à mente e à consciência. Referindo-se a essa negligência, o prêmio Nobel Roger Sperry afirma que os conceitos contemporâneos de "mente" pressupõem uma ruptura direta com a doutrina materialista e behaviorista, tão longamente predominante, e diz que esses conceitos vêm dominando as neurociências por muitas décadas. As novas interpretações de Sperry dão inteiro reconhecimento à importância da experiência consciente interior como uma realidade causal.

A visão de mundo moderna sustenta que a natureza é composta de partes mecânicas, cujas "leis"

podem ser entendidas e manipuladas. Assim, os seres humanos têm o direito de controlar e explorar a natureza. Entretanto, muitos pós-modernistas vêem o mundo natural como um componente da construção da identidade pós-moderna. A soberania do ser humano precisa ser transformada numa ética em que os homens sejam parte da natureza. Essa ética é sensível ao ambiente natural, encoraja as pessoas a experimentar o mundo por meio de atividades ao ar livre e reconhece o papel que a consciência ecológica precisa desempenhar na psicoterapia.

A imagem moderna de um "si-mesmo" separado da natureza é contestada pelos psicoterapeutas pós-modernos. Muito tempo atrás, essa imagem foi desconstruída na literatura e no teatro. As peças *Peer Gynt*, de Henrik Ibsen, e *Upi Rio*, de Alfred Jarry, são exemplos. A falta de comprometimento de Peer Gynt é ilustrada quando ele descasca as camadas de uma cebola e identifica cada uma delas com um papel social que desempenhou na vida até que, finalmente, não encontra mais nada além de um núcleo vazio.

Jarry esteve na primeira produção francesa de *Peer Gynt*. Um mês depois escreveu, produziu e interpretou *Upi Rio*, uma sátira às visões racionalistas de mundo. Esse trabalho é freqüentemente considerado um marco do nascimento do surrealismo e do teatro do absurdo. Outro exemplo de pós-modernismo no teatro é a peça de Luigi Pirandello, *Seis personagens à procura de um autor*. Trata-se de uma alegoria da sociedade moderna, na qual as pessoas vagueiam à procura de um significado.

O poema de W. B. Yeats, *O segundo advento*, descreve um centro que "não pode se sustentar". O drama e a poesia pós-modernos questionaram as suposições modernistas a respeito da "verdade" e da "realidade". Posteriormente, a ciência pós-moderna afirmou que a "verdade" continua incerta, porque todo o conhecimento está atrelado à linguagem. Portanto, a "verdade" precisa ser pensada como sendo específica de uma pessoa, de um grupo ou comunidade. Essa é uma questão especialmente crítica, em se tratando de estudos sobre a consciência; tais estudos usam a linguagem para descrever processos muito complexos, que têm múltiplos significados.

Em síntese, a palavra "consciência" é usada de muitas maneiras pelos investigadores, e muitas dessas definições são conflitantes entre si. No entanto, os pós-modernistas têm contribuído para os estudos sobre a consciência. Descreveram modos pelos quais ela é socialmente construída, e assinalaram que a experiência interior varia de cultura para cultura e de

pessoa para pessoa; muda até mesmo na mesma pessoa, em diferentes épocas da vida.

REALIDADES MÚLTIPLAS – Os pós-modernistas também levantaram importantes questões sobre o uso da linguagem no estudo da consciência. Eruditos não podem usar termos como "verdade", "realidade" e "si-mesmo" sem serem desafiados; precisam responder a questões como "verdade de quem?", "qual si-mesmo?", "em que tempo?" e "em que lugar?" Os pós-modernistas podem chamar mais atenção para a maneira como os estudiosos da consciência utilizam a linguagem. Muitos termos serão completamente desconstruídos; outros permanecerão, mas seu uso será caracterizado por mais clareza e simplicidade.

Tart preconiza o desenvolvimento de "ciências estado-específicas". Essas ciências poderão ser baseadas em percepções, lógica e comunicações, obtidas quando os investigadores estiverem em estados incomuns de consciência. Numa certa medida, investigações estado-específicas já existem, e podem ser vistas em vários procedimentos xamânicos, práticas iogues e disciplinas meditativas. Todos eles usam "estados específicos" de consciência, para ter acesso a "realidades alternativas". A proposta de Tart pode demonstrar que o conceito pós-moderno de "outras realidades" é viável. Além disso, essa multiplicidade de "estados" e "realidades" corrói lentamente as prometidas leis universais de comportamento propostas pelo modernismo.

A conjectura de que há múltiplas "realidades" reflete-se nos métodos de pesquisa que têm emergido das "ciências humanas". Alguns exemplos são a fenomenologia, a hermenêutica, a observação participante, a psichistória e a investigação sistêmica. Métodos das ciências humanas, como história oral e estudos de caso, estão ganhando um novo respeito entre os pós-modernistas. Entretanto, é essencial identificar o cenário e o contexto no qual a história foi contada, as relações entre o entrevistador, seus motivos, e o pesquisador participante.

AS DIMENSÕES DO CAOS – Uma forma de investigação sistêmica está começando a demonstrar sua utilidade. Trata-se da teoria do caos, que descreve processos de mudança contínua, cujo crescimento e evolução são de natureza caótica. Alguns exemplos são os modelos climáticos, os sistemas ecológicos e outros fenômenos que funcionam de modo não-linear. A análise dos sistemas caóticos questiona a posição dos

modernistas, que dizem que a natureza pode ser prevista e controlada. Segundo o prêmio Nobel Ilya Prigogine, uma das habilidades mais refinadas no ocidente é a dissecação; os problemas são reduzidos aos seus componentes mais simples. A teoria do caos propõe que a informação produzida pela ciência reducionista e mecanicista resultou em modelos e propostas teóricas que não deram resultados práticos. A investigação dos sistemas caóticos oferece uma nova abordagem, que é orientada em termos de processo e impregnada de pensamento evolucionário.

A análise dos sistemas caóticos pode tornar-se um importante método de investigação, tanto nas ciências biológicas como nas comportamentais. A metodologia do caos desvia a ênfase das relações de causa e efeito para abordagens mais interativas. Estas destacam a importância da definição de modelos, forma, auto-organização e qualidades adaptativas de processos complexos. A análise dos sistemas caóticos pode proporcionar uma forma elegante de descrever vários processos psicológicos não-lineares, como a atividade cerebral. Os pós-modernistas vêem qualquer método científico como uma narrativa que pode fornecer informações úteis. A análise dos sistemas caóticos é uma delas, e pode proporcionar novos e valiosos modos de conceituar a consciência.

A oposição à teoria do caos reveste-se de dimensões econômicas e políticas, e acabou mergulhando em lutas territoriais e de poder. De fato, sob a perspectiva pós-moderna todos os métodos de pesquisa podem ser vistos como inerentemente políticos, ligados a questões de poder e legitimidade. Os métodos de pesquisa são permeados pelas suposições de um grupo poderoso sobre o pesquisador, sobre o que deve ser pesquisado e sobre a relação entre eles. Mesmo os chamados métodos "objetivos" são politicamente carregados; eles definem, controlam, avaliam, manipulam e relatam.

A PESQUISA DOS SONHOS – Para a pesquisa pós-moderna da consciência, os testes, a experimentação, a replicação, a metodologia e outros aspectos da ciência moderna são importantes, como sempre foram. Contudo, há algo diferente: o reconhecimento de que o fundamento da "verdade" científica é, em última análise, uma base social, que repousa sobre uma rede de teorias, opiniões, idéias, palavras, tradições e cultura.

A pesquisa pós-moderna lembra de muitas maneiras a arte. Esta usa a mídia para retratar com clareza a atividade e a experiência vividas. Os estudiosos da consciência usam métodos de pesquisa para

identificar, entender e descrever a atividade e a experiência; os pós-modernistas também lembram os artistas, em seu uso da narrativa, seu interesse pelo símbolo e pela metáfora e suas tentativas de incorporar a intuição e o sentimento às suas pesquisas. A pós-modernidade vê a criatividade humana como o resultado de processos históricos e culturais. Ela é também um julgamento, feito por observadores que podem mudar ao longo do tempo.

As abordagens pós-modernas são também apropriadas para a pesquisa dos sonhos. Os relatos oníricos podem ser pensados como textos, que surgem espontaneamente durante o sono. Para Freud e outros modernistas, o "significado" do sonho é anterior a ele próprio; o sonho é o veiculador do significado. Para o pós-modernista, o conteúdo onírico é um discurso que expressa uma consciência diferente da vida acordada. O significado é construído a partir do texto onírico.

Na pesquisa dos sonhos, a produção onírica é imprevisível e em geral incontrolável. O medo que a modernidade tem do imprevisível e do incontrolável é provavelmente responsável, em parte, pelo negligenciamento dos sonhos ditos "telepáticos", "clarividentes" e "premonitórios". Estes não ocorrem por encomenda, nem se encaixam nos paradigmas científicos da modernidade. Esse medo pode também ter sido uma força motivadora importante, por trás da repressão da cultura moderna às drogas psicodélicas, à meditação, à "possessão "espiritual" e a outras técnicas usadas pelos povos nativos para induzir estados incomuns de consciência. Muitas culturas nativas são conhecidas por meio desses temas; elas frequentemente ensinam às crianças e adolescentes como entrar voluntariamente em estados incomuns de consciência.

A psicologia moderna ignora, tipicamente, o que os pós-modernistas chamam de "o outro". Isso inclui as mulheres, as minorias grupais, membros de outras culturas, o ambiente natural e "experiências humanas excepcionais". Alguns exemplos são as experiências de "outras" orientações sexuais, "outros" estilos de vida, "outras" atividades espirituais e "outras realidades", como "deixar o corpo", recordar "vidas passadas", ou encontrar "espíritos da natureza".

O MAPA E O TERRITÓRIO – Alfred Korzibsky observou que os nomes não se destinam a designar entidades independentes. Estas existem por si mesmas. O mapa não é o território. A palavra não é o objeto que representa. Michel Foucault escreveu que a linguagem é o

meio do caminho entre a natureza e o discurso. A ciência precisa parar de erigir paradigmas e começar a se engajar nos discursos. Para o pós-modernista a linguagem é um formato social, moldado por uma comunidade de participantes. Contudo, as instituições culturais – que têm poder e autoridade – influenciam não só o modo como os eventos da consciência serão comunicados, mas também a maneira como eles serão experienciados.

A pesquisa psicológica moderna alega ser neutra em termos de valores. Entretanto, Patty Lather assinala que essa alegação é uma tentativa de “obscurecer e ocultar seu próprio interesse”. David Hess desenvolveu um projeto de pesquisa que demonstra esse exercício de poder. Avaliou a utilidade da ênfase de Foucault sobre o papel do poder na criação de significados sociais. Há somente umas poucas dúzias de parapsicólogos no mundo ensinando em universida-

des. Hess entrevistou 20 deles, documentando várias circunstâncias do que chamou “supressão intelectual direta”. Seus dados confirmaram as intuições de Foucault. Este havia proposto que o aforismo “saber é poder” podia ser revertido: na realidade, o poder determina o que se deve aceitar como saber. Indicam também que as restrições ao parapsicólogos são desproporcionais à ameaça que eles podem representar.

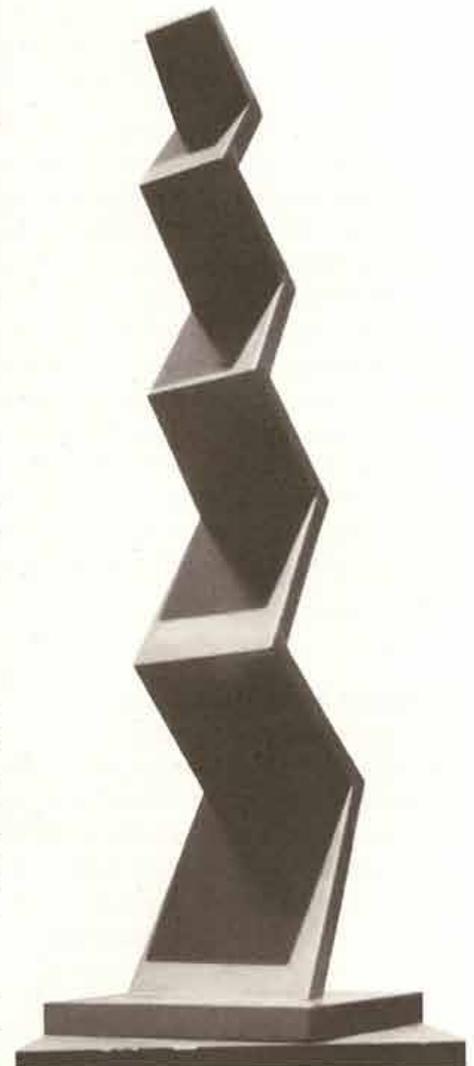
Em suma, os pós-modernistas podem trazer várias contribuições à pesquisa sobre a consciência. Alguns deles estudam a meditação e as percepções que ela oferece em relação ao modo como as pessoas constroem a realidade. Outros propuseram que procedimentos como a análise de sistemas caóticos sejam considerados instrumentos úteis de pesquisa. Alguns pós-modernistas abandonariam os métodos experimentais e quantitativos; mas outros os reconceitualizariam, como narrativas que podem ser valiosas, se

contextualizadas e localizadas. Um exemplo da atitude moderna em relação à interpretação de sonhos é a do psicoterapeuta, que acha que compreende melhor a simbologia dos sonhos do paciente do que ele próprio, porque supõe que esses símbolos são universalmente válidos, independentemente de época e lugar.

O processo interpretativo de Montague Ullman e Nan Zimmerman retira o poder do terapeuta e o entrega ao que o sonho diz. O sonhador representa o sonho, que pode ser concebido como um “texto” e pode responder a perguntas esclarecedoras. Os outros membros do grupo, então, imaginam que esse é o seu sonho. Separam o texto de seu autor e o discutem de várias formas, que o paciente pode achar ou não pertinentes. Esse “desconstrucionismo” do texto onírico tem vida própria; o sonhador compartilha o que aprendeu, “reconstruindo” o texto. Ullman e Zimmerman encorajam a seguir a discussão e as conclusões. O sonhador detém a autoridade de parar o processo a qualquer momento; é ele quem dá, portanto, a “última palavra” a respeito do sonho. É desnecessário dizer que o processo de Ullman-Zimmerman é severamente criticado pelos psicanalistas, que vêem a si próprios como os árbitros da “verdade” onírica.

MITOLOGIA PESSOAL – Outro processo consistente com os princípios do pós-modernismo é a busca dos “mitos pessoais”. David Feinstein e este autor a descreveram no livro *Mitologia Pessoal*. Eles evocam os sonhos, as fantasias e as criações artísticas espontâneas dos clientes, e os encorajam a criar histórias com base em incidentes de suas próprias vidas, e também a partir de seus sonhos e imaginação. Esses contos contêm mitos pessoais, como “Ninguém gosta de mim”, “Eu mereço ser popular” e “A vida é uma luta constante pela sobrevivência”.

Essas e outras abordagens fazem parte da sensibilidade pós-moderna. Elas não rejeitam o irracional, o metafórico, ou os aspectos desconhecidos da psique do paciente e de seu comportamento; mas não aceitam a noção de uma “verdade” absoluta, que vale para todo mundo.



Ascensão (1987) 340cm. Escultura/Geometria Poética.

Em lugar disso, preferem ajudar seus clientes a identificar e articular suas narrativas de vida, o que os auxilia a encontrar modos pelos quais essas histórias podem se tornar mais úteis. Também apoiam os objetivos de vida das pessoas, sejam eles a felicidade, a riqueza, o amor, a criatividade, o arrebatamento ou a ajuda aos outros. Maureen O'Hara e Walter Anderson nos lembram de que "essas histórias são tudo o que temos; de certo modo, elas são tudo o que somos".

A intervenção do terapeuta pós-moderno é feita de um modo que reforça o senso de autovalor do cliente. Não faz nenhuma alegação absoluta a respeito de "verdade" ou da "realidade"; não considera que o "ajustamento" seja o desfecho mais desejável de uma psicoterapia. Estados incomuns de consciência, como experiências de "vidas passadas", "proximidade da morte", "estar fora do corpo" ou "renascimento" não são necessariamente vistas como "delírios" ou "alucinações"; também não são consideradas sintomas de patologias. Ao contrário, são encaradas como episódios dramáticos da história de vida do cliente, que podem conter um considerável potencial de crescimento, se recontextualizadas e redescritas.

Em suma, os psicoterapeutas pós-modernos trazem uma considerável dose de simplicidade para as interações terapêuticas. Admitem não possuir "verdades" certas ou "respostas" finais, mas podem ajudar seus clientes a narrar parte ou toda a sua história de vida; dão-se conta de que estão engajados num processo de construção cooperativa. Enquanto isso, os clientes tentam mudar os significados e os valores de suas narrativas de vida. Walter Anderson observa que os terapeutas pós-modernos não operam a partir de um dogma-padrão, mas juntam-se a seus pacientes num "exercício de ética". Essa atitude evita que eles descambem para um relativismo ingênuo, no qual qualquer decisão que um cliente tome deva ser encorajada.

As Novas Narrativas – A pós-modernidade não fala com voz única sobre esses temas. O "pós-modernismo desconstrutivista" sustenta que não há nada, a não ser construções culturais, na experiência humana. Os "pós-modernistas construtivistas" advogam a criação de novas narrativas, após a desconstrução das antigas, e examinam constantemente suas próprias crenças. A tarefa mais importante para a sobrevivência, nesta época histórica, é aprender sobre a realidade socialmente construída das pessoas. Sim, existe um cosmos objetivo, que os homens podem querer

entender, embora todas as tentativas para isso sejam até certo ponto subjetivas.

A maioria dos pós-modernistas aprecia a ironia pura e o humor que permeia seus conceitos. Por exemplo, a crença de que não há "certeza" ou "verdade" absolutas pode tornar-se por si mesma uma "verdade absoluta". Além disso, se todas as "verdades" receberem consideração séria, como podem as comunidades tentar criar valores? Saber como abordar essas questões precisa tornar-se um aspecto importante do projeto pós-moderno.

Entretanto, os pós-modernistas podem acrescentar novas perspectivas aos estudos sobre a consciência; podem encorajar os eruditos a questionar suas suposições, terminologias e construções; são capazes de trazer para o primeiro plano as questões sobre o poder e a autoridade; estão em condições de contestar as aplicações da psicologia que menosprezam, manipulam e abusam das pessoas; podem, ainda, ajudar a evitar que os psicoterapeutas façam interpretações reducionistas dos relatos e experiências incomuns de seus pacientes.

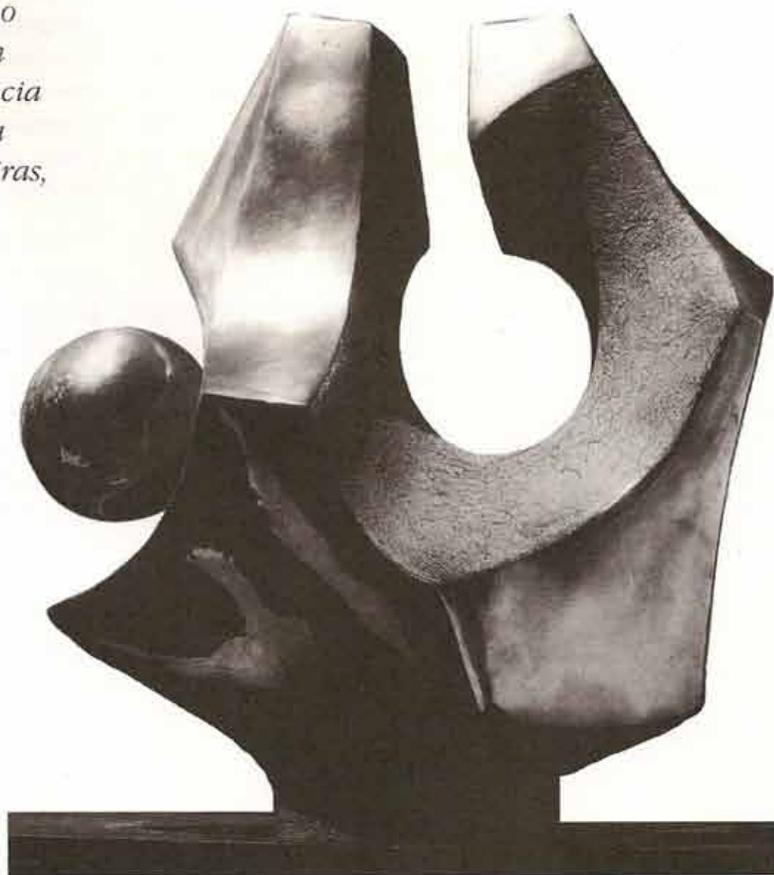
De um lado, a pós-modernidade pode ser criticada por seu relativismo, ceticismo e cinismo. De outra parte, seu pluralismo, complexidade e ambigüidade têm caracterizado os estudos sobre a consciência, desde os primeiros dias. As abordagens pós-modernas podem desviar a psicologia ocidental de uma perspectiva que só reconhece como válido um único e "normal" estado de consciência, levando-a até uma posição que valorize os estados múltiplos. São capazes de fazer com que a psicologia deixe de ver o desenvolvimento humano como tendo um limite, e passar a enxergar essa limitação como culturalmente determinada. Podem ainda fazer reverter o descarte de experiências humanas incomuns, e voltar a apreciar o seu potencial para o entendimento das capacidades humanas.

As abordagens pós-modernas têm ainda condições de mudar a visão que considera "primitivas" as psicologias não-ocidentais e facilita o começo da valorização da riqueza e complexidade dessas visões de mundo. Têm, finalmente, a capacidade de remediar a fratura entre os homens e a Terra, mostrando que essa união é crítica para a sobrevivência do planeta e de seus habitantes. A pós-modernidade é, em si mesma, uma história. Quando outras histórias sobre a consciência emergirem, esperemos que os pós-modernistas as ouçam e peçam que seus contos sejam contados. ▲

UBIRATAN D'AMBROSIO

GLOBALIZAÇÃO E REESTRUTURAÇÃO: OS DILEMAS DA ECONOMIA

A globalização da economia é um ônus para os povos, para as nações e para o próprio planeta, porque se baseia em premissas que não atendem à consciência de um novo tempo. É fundamental a reestruturação das instituições financeiras, em bases com as aqui propostas.



UBIRATAN D'AMBROSIO é doutor em matemática, professor emérito da Unicamp e membro do Conselho Editorial da THOT.

Composição totem-fossil (1973) 70cm. h. Bronze.

Estamos aqui para nos aconselharmos mutuamente. Devemos construir pontes científicas e espirituais que liguem as nações do mundo.

Devemos superar os horríveis obstáculos das fronteiras nacionais.

(Albert Einstein, *carta aberta à Assembléia Geral das Nações Unidas, 1947*)

O CENÁRIO – A tendência para a globalização da economia move-se paralelamente ao crescente aumento dos conflitos de natureza religiosa, étnica, política e mesmo epistemológica. Ao mesmo tempo em que vemos um aumento do crescimento econômico mundial e um fortalecimento dos blocos econômicos, observamos também a ruptura das nações.

As crises dos anos 70 já haviam produzido um esgarçamento na hegemonia dos superpoderes. O peso dos países asiáticos (o Japão e os “tigres asiáticos”: Coreia do Sul, Taiwan, Cingapura, Hong Kong) e o fortalecimento da União Européia anteciparam grandes mudanças na economia. Com o fim da União Soviética, a polarização do mundo em superpoderes cedeu lugar a uma nova forma de relacionamento entre as nações. Embora a influência resultasse principalmente do poder político e econômico – e às vezes até mesmo de uma forma de chantagem –, vemos agora um modelo emergente de parceria, que surge juntamente com a economia global e as privatizações.

A economia mundial tem experimentado um crescimento cada vez maior. De 3,18 %, em 1994, passou a 3,6% em 1995. Nos países menos desenvolvidos esse crescimento quase duplicou, e a economia se associou a uma tendência para a globalização e para o livre mercado. Isso representou um reflexo importante, numa ordem econômica caracterizada pela interdependência. O fluxo de investimentos e mercadorias entre as nações tornou necessária a criação de mecanismos reguladores que transcendessem os interesses nacionais. A associação de grandes interesses econômicos com os nacionais, típico das economias coloniais, cede agora lugar a uma economia de empreendimentos. As decisões que afetam os interesses nacionais subordinam-se à economia global. As grandes decisões são tomadas por blocos.

Embora mais de 70% da produção mundial de bens e serviços ainda venha de sete países (o Grupo dos Sete: Canadá, França, Alemanha, Itália, Japão, Reino Unido e Estados Unidos), tem havido uma diminui-

ção no crescimento dessa tendência. Todos os indicadores apontam para a diminuição da hegemonia do Grupo como tomador de decisões nos assuntos políticos e econômicos. O convite ao presidente Bóris Yeltsin para atuar como observador no encontro de Halifax, em junho de 1995, é um indicador das mudanças que irão acontecer nesse agrupamento de países.

Alguns fatos novos estão entrando em cena. A perspectiva do desemprego insuperável nos países desenvolvidos está em conflito com o fortalecimento, tanto das economias internas como dos novos mercados que estão surgindo nos países menos desenvolvidos. Isso é essencial para a sobrevivência do sistema de produção dos países desenvolvidos, onde o desemprego tem conseqüências políticas mais fortes. O fortalecimento do sistema produtivo dos países menos desenvolvidos cria uma nova forma de competição empresarial interna, que não pode ser controlada pelos mecanismos existentes de tarifas e comércio, estabelecidos em 1949 pelo GATT.

Mesmo nos países mais desenvolvidos vêm ocorrendo conflitos crescentes, como os da agricultura e pecuária na União Européia. O mesmo acontece em outras partes do mundo. Problemas ligados ao suprimento de grãos prenunciam dificuldades econômicas disseminadas dentro dos grandes poderes e entre eles. Interesses corporativos e nacionais estão em rota de colisão. O panorama dos atuais conflitos internos, em praticamente todos os países do mundo, aponta para isso. Medidas como a criação da Organização Mundial do Comércio atingirão vários setores das relações econômicas.

Ao mesmo tempo em que persistem a pobreza e a baixa produção agrícola em muitas nações, as dificuldades enfrentadas pelas economias internas da maioria dos países desenvolvidos reduziram em um terço os estoques mundiais de alimentos para ajuda. O fato de a política interna – centrada na capacidade dos governos de responder ao desemprego – requerer medidas protecionistas, torna obviamente difícil

proporcionar ao mundo uma qualidade de vida aceitável. As políticas internas geram não só uma evidente interferência no comércio internacional como também conflitos de ordem moral. Esses são os principais embates que reclamam uma reconsideração da economia mundial.

A ORDEM MUNDIAL E SEUS AGENTES – O Fundo Monetário Internacional, criado em 1944 para ajudar a reformular a economia mundial – o mesmo objetivo do GATT, estabelecido em 1948 –, tem sido um instrumento de interferência nas economias nacionais. Essa situação é vista como um passo essencial para a reconstrução da economia do pós-guerra. Medidas específicas foram também tomadas pelo “outro lado”, o bloco soviético. Após o abandono do poder colonial pela maioria das nações, depois da Segunda Guerra Mundial, ficaram frustradas as esperanças de que as “nações recém-emergentes” pudessem constituir um Terceiro Mundo com voz ativa na definição das prioridades para o desenvolvimento. O que houve, na verdade, foi um passo na direção de uma economia pós-colonial.

Diferentes estratégias tiveram de ser planejadas. Embora os mercados estivessem cativamente garantidos pelo protocolo colonial, a economia pós-colonial precisava de novas estratégias para a preservação dos antigos clientes e a conquista de novos. O fator cultural foi essencial para essas estratégias³. A língua foi fundamental. Uma prova disso foi o súbito patrocínio da alfabetização, e da educação em geral, pelos antigos poderes coloniais. A UNESCO foi estrategicamente criada para apoiar esses sutis objetivos. *La coopération*, o Conselho Britânico, a OAS, similares no bloco soviético e a recém-chegada OEIA (Organização dos Estados Ibero-americanos), arquitetada pela Espanha, fazem parte dessas novas estratégias.

É fato que a cultura e a educação desviaram praticamente toda a energia e o potencial das nações recém-emergentes, tanto as recém-independentes como as que haviam alcançado a independência no último



Solidificação (1986) 230cm. h. Escultura policrômica.

século, mas eram governadas por regimes autocráticos *criollos*, num esforço para atingir a modernização. Mais uma vez, concessões políticas e territoriais se refletiram em suas atitudes, nas decisões tomadas nas Nações Unidas. As necessidades de capital e *know-how* logo resultaram num fator de equiparação das nações recém-independentes e das antigas colônias, que haviam adquirido a independência no último século. Todas elas se tornaram independentes sob a nova ordem econômica. O capital para o desenvolvimento foi o principal instrumento de hegemonia. A dívida se tornou uma questão muito importante.

A melindrosa questão política da dívida externa nos anos 80 acabou sendo abrandada, pelo simples motivo de que era impossível liquidá-la. O serviço e os juros, que funcionam como impostos para os devedores, drenaram muito do progresso econômico dos países em desenvolvimento. As dívidas internas também atingiram somas impossíveis de pagar. Os planos financeiros, essenciais para conservar o fluxo de caixa necessário à manutenção da produção e do

comércio nacional e internacional, somaram-se à artificialidade e à insustentabilidade de uma economia baseada na moeda corrente.

OBJETIVOS E ÉTICA – Alguns dos OBJETIVOS da humanidade têm sido progressivamente aceitos por todos: liberdade individual, probidade, equidade e justiça como direitos inegáveis de todo ser humano; satisfação das necessidades materiais e espirituais básicas de todo indivíduo; proteção do meio ambiente.

Algumas MEDIDAS para atingir esses objetivos são repetidamente propostas, baseando-se num certo número de suposições: a economia é a instituição dominante na sociedade moderna; a qualidade de vida depende do aumento constante da produtividade; os empregos são o resultado do crescimento econômico sustentado; a satisfação das necessidades humanas depende da empregabilidade, a qual por sua vez depende da educação e do treinamento; a equidade resulta do livre mercado e dos avanços tecnológicos; o crescimento econômico sustentado é essencial para a saúde do meio ambiente.

Essas suposições, quando consideradas de modo global, são cada vez mais reconhecidas como incompatíveis com os objetivos. É inegável, por exemplo, a correlação existente entre os produtos de uma economia industrial, a deterioração ambiental e a redução da biodiversidade pelos interesses econômicos, principalmente quando se considera a produtividade agrícola e o suprimento de energia.

O sistema de valores subjacente a essas suposições implica que a qualidade de vida seja medida em termos de progresso tecnológico. Assim o progresso significa, essencialmente, que aquilo que se conseguiu não é o bastante. Como resultado, uma lógica de acumulação e consumo permeia o comportamento humano. Esse paradigma de progresso é apoiado por um discurso de capacitação e treinamento, de competência e compromisso, de esforço e devoção a tarefas e ao trabalho.

O discurso que apóia tais suposições ignora que essas qualidades crescem em simbiose com o reconhecimento cultural e o respeito, a dignidade e a equidade. São atributos que nascem do respeito pelo outro, da solidariedade e da cooperação. Tudo isso se baseia, essencialmente, num *corpus* de princípios e valores morais. Estes são proporcionados, por exemplo, pela a ÉTICA DA DIVERSIDADE, que prevê: i) o respeito pelo outro, com todas as diferenças; ii) a solidariedade com o outro, em seu impulso para a sobrevivência e a transcendência; iii) a co-responsabilidade e a cooperação, visando a preservação do patrimônio natural e cultural comum da humanidade⁴. O grande desafio para a espécie humana, essencial para a preservação da civilização na Terra, é construir uma nova ordem econômica subordinada a essa ética.

MUDANÇAS CONCEITUAIS – O rápido crescimento da economia mundial, o aumento da população e a enorme demanda por recursos naturais ameaçam a continuidade da civilização na Terra. O principal objetivo, necessário para a sobrevivência da humanidade, é uma economia global equitativa e ambientalmente sustentável. Essa meta depende da estabilização populacional e do clima. Pode ser atingida por meio de uma ordem econômica baseada num sistema de produção do tipo reúso-reciclagem, assim como por um estatuto de propriedade que privilegie a preservação natural e cultural. A contestação dos sistemas de produção e propriedade implica na reconceitualização do trabalho e do emprego, do ganho e do capital. Isso depende de vontade política. Lamentavelmente, a maioria das atuais propostas para uma nova ordem econômica consiste essencialmente em variações sobre os modos estabelecidos de produção e propriedade, ambos materiais e intelectuais.

Mesmo sendo malsucedida em lidar com os atuais conflitos internacionais, e tendo sido fundada para ser um instrumento de manutenção da hegemonia de um grupo de nações, a ONU tem sido progressivamente influenciada pelo reconhecimento de que não

há saída, não há possibilidades de sobrevivência sem profundas mudanças na ordem mundial. Assim, ela continua sendo o melhor fórum para a implementação de políticas globais.

As agências especializadas, particularmente as financeiras, são responsáveis pela proposição de medidas de redirecionamento da economia global. Seriam especialmente importantes providências fiscais, que impusessem uma espécie de taxa de sustentabilidade amplamente concebida. Outras sugestões: eliminação de subsídios para atividades agressivas à natureza, taxação dos combustíveis fósseis, substituição de impostos como o de renda por taxas ambientais, subsídios para casais com um ou dois filhos. Embora essas disposições sejam mais difíceis de implementar nos países menos desenvolvidos, as agências financeiras poderiam intervir proporcionando subsídios.

Naturalmente, os países em desenvolvimento não têm uma arrecadação significativa de impostos. O FMI e o Banco Mundial poderiam agir como fornecedores de subsídios para a implementação dessas novas políticas fiscais. Os recursos financeiros viriam de uma taxa internacional sobre as economias ricas. Na verdade, tudo isso nada mais é do que uma reversão do fluxo de capital e recursos do chamado Sul para o Norte – o contrário do que ocorreu em quinhentos anos de domínio colonial.

As novas tecnologias, que levaram à redução dos recursos naturais e alimentaram os sistemas de produção intensiva – os maiores atrativos das economias coloniais –, permitem importantes alterações conceituais na economia, evitando assim a mesmice. ▲

NOTAS

1. Trabalho originalmente apresentado em conferência.
2. O termo "Terceiro Mundo", empregado para nações recém-independentes, parece ter sido cunhado por Frantz Fanon, em seu livro *Les damnés de la Terre*, Paris, Maspéro Cahiers Libres, 1961. (Tradução brasileira: *Os condenados da Terra*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira).



Construção (1956) 28cm. h. Escultura/bronze.

3. A importância política e econômica da cultura numa estratégia global imperialista foi muito bem analisada por Lewis Pyenson, em *Cultural imperialism and exact sciences; German expansion overseas 1900-1930*, Nova York, Peter Lang, 1985.
4. Para uma discussão que leve à ética da diversidade, ver meu trabalho *Caminho para um novo paraíso, ou o risco da morte universal?* PRIO, Oslo, 1991, pp. 45-64.

COLLAÇO VÉRAS

E NCONTRO COM
MADRE TERESA
DE CALCUTÁ

*Eu dormia e sonhava
Sonhava que a vida era alegria
Despertei, e vi que a vida era serviço
Servi e percebi que
Serviço era alegria
(Tagore)*



COLLAÇO VÉRAS é professor da Associação Palas Athena do Brasil.

Figura Alada IV (1985) 50 cm. h. Mármore de Carrara.

Todas as manhãs antes das seis horas, nós, os voluntários, chegávamos à “casa de Madre Teresa” para acompanhar a missa. Eu vinha repetindo essa reconfortante rotina há quatro dias. Assim que entrava no grande salão onde se realizava a cerimônia, procurava com os olhos, entre as irmãs – todas de hábito branco franjado de azul, crucifixo junto ao ombro –, Madre Teresa de Calcutá. “Ela está viajando e não há data prevista de retorno. Pode chegar a qualquer momento”, diziam elas, sempre com um sorriso amável.

No quarto dia, quando estávamos todos no salão aguardando o início da missa, algumas irmãs e voluntários ajoelhados, outros de pé, percebi a aproximação de uma irmã mais velha, que entrou silenciosamente, pôs-se exatamente a meu lado e se ajoelhou. Sua atenção estava totalmente voltada para algo maior dentro dela mesma. Esperava o encontro com Cristo, que iria acontecer logo mais. Era Madre Teresa.

Em todos os dias que se seguiram lá estava ela, quase sempre na mesma posição, e eu ao seu lado. O encontro era testemunhado pelas outras irmãs, pelos voluntários vindos do mundo inteiro – pessoas que doam alguns dias de suas vidas aos pobres e doentes de Calcutá –, e por Nossa Senhora e Jesus Cristo, que sem dúvida estão sempre presentes nessas horas sagradas do início da manhã, na “casa de Madre Teresa”.

UM SARI DE ALGODÃO – Como falar daqueles dias em Calcutá, repletos de realização, junto com as irmãs Missionárias da Caridade? Costumo dizer que quando comemos um delicioso bolo de chocolate podemos passar a receita, se a conhecemos, e dar algumas instruções sobre a preparação. Mas descrever o sabor, isso nunca! No entanto, vou procurar buscar na emoção da memória daqueles dias, algumas palavras que possam reproduzi-lo.

Madre Teresa, 86 anos, pequena, a pele enrugada e o corpo curvado pela idade, olhos firmes. É uma pessoa decidida e, antes de tudo, forte. Seu caminho em busca de si mesma e de Cristo é o da compaixão e do serviço. Compaixão por toda a humanidade e serviço não apenas para os pobres, mas para os pobres mais pobres das ruas de Calcutá e de todas as cidades do mundo cuja sociedade seja capaz de produzir esses párias infelizes – inclusive São Paulo e Rio de Janeiro, onde já estão trabalhando as irmãs indianas Missionárias da Caridade.

Aos doze anos de idade, na Albânia, a menina Agnes sente que precisa fazer algo para os pobres – os pobres de Calcutá. Aos vinte anos já está na Índia, para fazer seu noviciado na ordem das Irmãs de Nos-

sa Senhora de Loreto. Escolhe o nome religioso de Teresa, inspirado em Santa Teresinha. A outra Teresa, a de Ávila, era demasiado grande, diz humildemente a Madre. Mais tarde, sente necessidade de deixar a ordem a que pertence para entregar-se inteiramente à sua missão. Recebe essa autorização do Vaticano, ao completar 38 anos.

Dispondo de apenas quatro rúpias, compra um *sari* indiano branco, de algodão, franjado de azul. No ombro, prende uma pequena cruz de Cristo. É assim que a Madre se veste até hoje, e como ela todas as irmãs Missionárias da Caridade. Quando se dirige aos voluntários estrangeiros, sempre presentes em Calcutá – que chama carinhosamente de “my Calcutta” –, ela diz que estar com os pobres, com os necessitados e doentes, é estar com Jesus. Quanto a mim, desculpe, Madre, mas quando estive com eles estive com Madre Teresa.

Um amigo meu, voluntário, um empresário espanhol, um herói que todos os anos deixa sua firma para estar algum tempo com a Madre, disse a ela: “Eu sou um pecador”. Ela respondeu carinhosamente: “Não se preocupe, meu filho, o amor de Deus por você é maior que todos os seus pecados”. Que mãe maravilhosa! Se todos os pecados são menores do que o amor de Deus, não existe inferno, somente céu. E é lá que todos os seus filhos se encontrarão com ela.

A outra mãe, a de Cristo, tem sua imagem em todas as casas e hospitais da irmandade. No jardim do hospital de Prendam, onde eu ficava boa parte do dia, Nossa Senhora está sobre a imagem de uma bela flor de lótus, a flor sagrada da Índia. Diz a Madre: “Nossa Senhora é a razão da nossa alegria, nossa força e nossa proteção. Por isso, tratemos de nos comportarmos como Jesus, e de sermos também causa de alegria para ela”.

Se Nossa Senhora está sobre a flor de lótus, pode estar também nas águas de um córrego, no movimento do mar, na terra que nos alimenta, num sorriso. Há alguns anos, um grupo de professores universitários foi se encontrar com Madre Teresa. No final da entrevista um deles disse: “Por favor, Madre, diga alguma coisa que transforme nossas vidas”. Ela falou apenas: “Sorriam uns para os outros”.

COMO ANJOS – Aos voluntários que trabalham nos hospitais, ela diz: “Façam aos pobres e doentes aquilo que os outros muitas vezes consideram pequeno e desnecessário. Um sorriso, uma atenção, uma brincadeira. Ou apenas os ouçam; façam qualquer coisa. Muito mais do que alimento e abrigo, esses pobres

precisam de alguém que os ame". Quando menciona os moribundos, trazidos para passar nos hospitais seus últimos dias de vida, ela fala: "Esses doentes andaram toda a vida como cães, em busca de alimento pelas ruas de Calcutá. Agora devem morrer como anjos".

As moças – na maioria indianas – que entregam suas vidas como religiosas, acompanhando o trabalho de Madre Teresa, lutam diariamente nos grandes salões dos hospitais contra o sofrimento, a doença e a morte. Fazem do leito dos moribundos seu altar de oração, estão sempre tranqüilas e alegres. Não notei nelas qualquer traço de cansaço ou aborrecimento, mas sempre firmeza de propósitos e de ação. Referindo-se a essas irmãs, Madre Teresa falou um dia: "Fazer o que fazem e viver a vida que vivem, elas o conseguem por meio da liberdade da pobreza". Ela não se referia à pobreza do destino, do indivíduo que em geral é vítima da sociedade a que pertence, mas à pobreza opcional, da renúncia, do desapego – a pobreza que liberta. "Quanto mais nos esvaziarmos de nós mesmos, mais poderemos nos embeber de Deus", diz ela. E ainda: "É muito difícil levar Jesus aos outros, se já não o tivermos em nosso coração".

"EU PAGO AMANHÃ" – O hospital de Prendam, onde nós, uns seis ou sete voluntários, havíamos chegado depois de quase uma hora de caminhada desde a casa da Madre Teresa, é grande e tem duas alas, uma para os doentes homens e outra para as mulheres. Há também alojamentos para as irmãs, cozinha, lavanderia e outras dependências. Nos amplos salões, dispostas lado a lado, estão as camas dos doentes: metálicas, estreitas, desconfortáveis, com um colchão plástico, lençol e travesseiro. E isso é tudo. Ali estão, juntos, jovens, velhos e crianças, doentes ou débeis mentais. Não há como ser diferente. Os recursos são escassos e as irmãs, poucas. Seria impossível fazer o que elas fazem sem a presença dos voluntários.

Nossa missão de todos os dias consistia em lavar e desinfetar o chão dos salões, assim como as camas e colchões – além de todas as paredes, uma vez por semana –, lavar e desinfetar lençóis e fronhas. Também lavar e "desinfetar" os doentes que não podiam fazer isso sozinhos. Rearranjar tudo, deixar tudo o mais agradável possível à vista. Proporcionar, enfim, o conforto que as condições permitiam. Cortar o cabelo, as unhas e fazer a barba dos que precisavam era a tarefa seguinte. E a mais agradável, pois esse era o momento em que podíamos realmente estar com os doentes.

"Brother", assim eles nos chamavam, "corte um pouco mais acima". É absolutamente incrível como

seres humanos no degrau mais baixo da escala social, doentes, sem esperanças e nas condições em que aqueles viviam, ainda manifestassem vaidade e quisessem se preparar, ficar "bonitos" para algo, ainda que esse algo fosse eles mesmos. "São dez rúpias", eu dizia quando terminava, diante de olhos espantados pelo inesperado. Mas eles logo aprenderam. E respondiam, com um ar maroto: "Eu pago amanhã".

Enquanto fazíamos isso, os voluntários que tinham experiência hospitalar ou de enfermagem cuidavam das feridas e das demais doenças. Doenças incríveis, feridas indescritíveis. A história de entrega e doação de alguns desses anônimos voluntários, vindos de todo o mundo, nos enche de esperança diante do movimento que busca a transformação de toda a humanidade num único povo. Há sempre o conforto de saber que eles estarão presentes, servindo de exemplo, de padrão de comportamento.

Alguns doentes não podiam mover-se. A imobilidade e o calor excessivo abriam extensas feridas em seus corpos. Um deles, por motivos que não consegui descobrir, não tinha um pedaço da calota craniana. Faltavam uns dez centímetros quadrados. O cérebro aparecia sempre que se retirava o curativo. Era necessária uma prótese, mas como conseguiu-la? Com que recursos?

Lembro-me do dia em que chegou ao hospital, vindo das ruas de Calcutá, um homem com uma das pernas enfaixada. À medida que a faixa era retirada, surgia uma cena que eu só havia visto em criança, quando acompanhei meu pai, médico, no atendimento a doentes isolados nas matas próximas a São Paulo. Restava pouco do que chamamos carne; só havia podridão e vermes. A perna estava gangrenada. Como isso é possível? Como pode alguém ficar sem recursos e instrução, a ponto de deixar seu próprio corpo chegar a essas condições? Era o que me perguntava um jovem voluntário, vindo de um país do Primeiro Mundo. E eu, o que poderia responder?

VIZINHOS DE LEITO – Entre os voluntários da enfermaria havia um que estava em Calcutá, com Madre Teresa, há mais de dois anos. Não estava fazendo qualquer estudo especial ou tese acadêmica. Também não estava se preparando para a vida religiosa. Apenas cuidava, todos os dias, de feridas e doentes. Outro, um médico francês de aproximadamente trinta e cinco anos, havia estado por dois anos numa base científica de seu país, numa minúscula ilha próxima ao Pólo Sul. O governo francês lhe oferecera uma viagem a qualquer lugar do mundo, era só escolher. Ele escolheu: estar com Madre Teresa em Calcutá.

Cada voluntário tinha sua história. Eram relatos de heróis e heroínas, motivados por algo que não se consegue definir muito bem. Estavam livres das amarras filosóficas que nos transformam em eternos professores ou alunos e, principalmente, eram indiferentes à sedução da fama. Agiam anonimamente, com o objetivo único de aliviar a dor da humanidade.

Havia também um velhinho simpático e agradável, que ficava sentado numa mureta, pernas cruzadas, sorridente. Sobre o colo trazia uma pasta de papelão com muitas folhas de papel. Escrevia, lenta e cuidadosamente, como se estivesse desenhando uma obra de arte, o nome e endereço de seus amigos. Fazia isso sem cessar, repetidamente. Fiquei contente, quando meu próprio nome e a palavra "Brasil" passaram a fazer parte de suas folhas. Um dia, ele me olhou e disse: "This is my money" – isto é minha fortuna. Estranho, não? Ele tinha apenas algumas folhas de papel, uma pasta para guardá-las, os nomes de seus amigos e a disposição para escrever continuamente. E era feliz.

No hospital, uma cena comum era ver duas pessoas carregando um lençol, como quem transporta uma rede. Dentro dele, um morto, um dos doentes que deixara de resistir às condições impostas pela vida. A cena não somente era comum, como também causava indiferença, era apenas rotina. Numa dessas vezes, fui até o leito que o morto havia deixado vazio. Seus vizinhos, que provavelmente lhe haviam feito companhia por muito tempo, lá estavam como sempre tinham estado, indiferentes ao acontecido.

PRESENTE DE DESPEDIDA – Todos nós, voluntários, e também as irmãs, em momento algum esquecíamos Madre Teresa. Ela parecia estar sempre presente e dizendo: "Muito bem, continue", ou então: "Cuidado, tenha mais paciência e carinho para com esse meu filho". O almoço dos doentes que podiam se locomover era feito no refeitório, que não tinha mesas nem cadeiras e havia servido de enfermaria durante toda a manhã. Cuidávamos de servir a refeição àqueles que não podiam aguardar na fila. As pessoas se sentavam

no chão. Distribuíamos água e sal – muito sal. Alguns doentes precisavam ser alimentados diretamente, pois não podiam mover-se ou não tinham coordenação motora.

Terminada a refeição, limpávamos o salão. Só depois de tê-lo limpo e desinfetado é que nós, os voluntários, deixávamos aos grupos o hospital e voltávamos à vida de Calcutá, à cidade de maior população de uma Índia já superpopulada.

É difícil falar de Madre Teresa. É difícil falar de uma pessoa que tem frases assim: "O fruto do silêncio é a oração; o fruto da oração é a fé; o fruto da fé é o amor; o fruto do amor é o trabalho". Uma pessoa que responde, quando alguém menciona a santidade "A santidade não é um privilégio de uns poucos, mas uma necessidade de todos nós".



No meu último dia com as irmãs, embrulhei cuidadosamente uma toalhinha de renda que havia levado do Brasil para dar de presente a Madre Teresa. Separei cinco medalhinhas de Nossa Senhora, com que ela mesma me havia presenteado, e a procurei para me despedir. Tive de aguardar algum tempo, pois ela cuidava, em reunião, da construção de um novo hospital em algum lugar do mundo. Terminado o compromisso, veio ao meu encontro e sentou-se a meu lado. Falei que estava voltando ao meu país, e muitas outras coisas. Ela ouvia pacientemente. Peguei então as cinco medalhas que ganhara e expliquei a quem cada uma se destinava. Quando ia pedir que as tomasse e beijasse ela se antecipou, pegou as medalhinhas e as beijou. Eu disse: "Madre, há mais uma coisa". Queria entregar-lhe o meu presente. "Não, meu filho", disse ela, "é hora da oração e já estou atrasada".

Levantou-se e saiu. Fiquei sentado, com o presente brasileiro na mão, acompanhando com o olhar a Madre Teresa, que se afastava em direção à sala de orações.▲

Ilustração no centro da página: *Pomba da Paz* (1986) Madre Teresa de Calcutta foi ganhadora dessa escultura institucional em 1991, na Itália, através da Fundação Cultural "Gianfrancesco Sério".

PIERRE WEIL

NORMOSE: A PATOLOGIA DA NORMALIDADE

Neologismo criado por Jean-Yves Leloup, um dos pioneiros da psicologia transpessoal na Europa, o termo normose remete à perigosa realidade em que o hábito nocivo torna-se a norma de consenso. O resultado pode ser a doença, a destruição e a morte.



Torso de Cantora (1982) 205cm. h. Bronze.

PIERRE WEIL, é psicólogo e educador de formação. Autoridade reconhecida em Psicodrama e Psicologia Transpessoal, fundou e é presidente da Fundação Cidade da Paz e da Universidade Holística Internacional, em Brasília.

No começo eu interpretava o termo com uma certa conotação humorística. Percebia que esse sentimento era reforçado pelos sorrisos ou risos do público, quando empregava a expressão em minhas conferências. Aos poucos, porém, dei-me conta de que essa palavra representa, na realidade, um conceito fundamental para a psicologia, a sociologia, a antropologia cultural e a educação, entre outras áreas. Efetivamente, a normose é uma das origens das nossas frustrações, sofrimentos e morte. Mas como se formou ela? Quais os seus contornos?

A DESCOBERTA DO NORMAL E DO PATOLÓGICO – Quando todos estão de acordo em relação a uma opinião, atitude ou ação, forma-se um consenso que dita uma norma. Quando esta é adotada, forma-se um hábito. A grande maioria de nossos hábitos resulta de normas que adotamos de forma mais ou menos consciente, pela imitação de nossos pais e educadores ou – como diria Freud – por um processo de introjeção. Levantar, lavar o corpo, comer nas horas certas, trabalhar, são hábitos que derivam de prescrições sociais bem definidas.

Estas, em geral, têm a função de preservar nosso equilíbrio físico, emocional e mental, assim como a harmonia e a sobrevivência da sociedade em que vivemos. Infelizmente, nem todas nos beneficiam. Algumas produzem sofrimento, doenças ou mesmo morte. Entretanto, como resultam de um consenso, são adotadas pela maioria, ou mesmo por todos, pois as pessoas não têm consciência de seu caráter anormal. Essa é uma característica patológica das regras.

Quando algumas são questionadas, por causa de suas características patológicas, pode haver dissolução e mudança de comportamentos, embora isso raramente aconteça. A mudança de atitude das pessoas em relação ao hábito de fumar é um exemplo. Quando eu tinha 20 anos, praticamente todos os meus amigos fumavam. Recordo-me bem de que para “ser como eles” comecei a fumar, ou pelo menos tentei. Para me sentir normal, comprei meu primeiro maço de cigarros. Fumar era considerado um símbolo de masculinidade. Quanto mais forte fosse o tabaco, mais viril e “macho” seria o homem. O cigarro significava também *status* social, riqueza e conforto. Fumar cachimbo evocava, para mim, um estado de profunda reflexão.

Apesar de tentativas de adaptação à norma, não consegui adquirir o hábito. Assim, abandonei esse jogo. No entanto, para não ficar totalmente fora da regra, carregava sempre comigo um isqueiro, para oferecer fogo e mostrar que não era contra. Essa era, certamente, uma forma de treinamento para o altruísmo.

Na época, eu não sabia que era um indivíduo normal, pois na verdade os outros é que eram anormais. Na medida em que foram descobertos os efeitos cancerígenos e respiratórios do fumo, começaram a aparecer nos aviões – e depois nos lugares públicos – os avisos de “proibido fumar”, prática rapidamente difundida em quase todo o mundo. Surgiram as novas legislações, que obrigavam os fabricantes a alertar o público sobre os efeitos nocivos do cigarro. Felizmente, assistimos agora ao fim dessa normalidade patológica.

O QUE É NORMOSE? – O exemplo do cigarro proporciona uma certa compreensão e a possibilidade de aprofundar o sentido desse neologismo. Inicialmente, há o fato de que fumar era considerado “normal”, o que introduz a noção de *normalidade*. Existia também um consenso em torno do ato de fumar, que era valorizado como sinal de masculinidade. Essa característica está explícita na propaganda de certa marca de cigarro, em que os fumantes são representados como caubóis. Além disso, fumar é um comportamento estimulado por um sistema de valores e atitudes que, no nosso caso, giram em torno da virilidade e da sensualidade.

Entretanto, nem todos os comportamentos normais podem ser considerados como normose patológica. Para que haja normose, é necessária a presença de uma consequência nociva; é preciso que as normas de comportamento levem ao sofrimento, à doença e até mesmo à morte. No nosso caso, o tabagismo provoca doenças pulmonares, reduzindo, em média, seis anos na expectativa de vida. Podemos, então, definir a normose como um conjunto de valores, atitudes e comportamentos habituais, que levam ao sofrimento físico ou moral, à doença ou à morte. Além disso, esse conjunto ou sistema é reforçado por um consenso social, que o coloca na categoria da normalidade.

Podem-se distinguir duas grandes categorias de normose, em função do meio em que elas são criadas e desenvolvidas: as normoses gerais e as socioculturais. As gerais são as que afetam toda a humanidade, independentemente da sociedade ou cultura. O hábito de fumar pode ser considerado uma normose geral, pois aparece em praticamente todas as culturas atuais. As normoses socioculturais são as que se limitam a uma cultura ou a uma dada camada econômica. Manifestam-se nas principais atividades humanas, como a comunicação, as ciências, a tecnologia, a mídia, o direito, a agricultura, o meio ambiente e a ecologia.

Uma característica comum às normoses é seu caráter automático e inconsciente. Podemos falar, neste caso, de um “espírito de boiada”. A grande maioria dos seres humanos, talvez por comodismo, segue e repete o que dizem os jornais e a televisão; está impresso, então deve ser verdade. Muitos outros aderem a uma religião ou partido político, porque é a moda, ou para serem bem vistos. Assim, acaba ocorrendo uma forma sutil de manipulação de opiniões, bem como uma mudança de sistemas de valores. Nesta linha de pensamento, podemos concluir que toda normose é uma forma de alienação. As normoses facilitam a instalação de regimes totalitários ou sistemas de dominação.

Nas empresas, o autômato não dá o alarme quando necessário. Um burocrata pode simplesmente seguir normas e regras, mesmo que ao fazê-lo corra o risco de levar a organização à ruína. Nas religiões, o normótico é com frequência um excelente praticante de rituais e leis, mas está cego e não sabe o que faz. Os crimes da Santa Inquisição perpetuam-se até nossos dias, sob a forma das atividades ritualísticas de certas seitas satânicas. Daí a importância de conscientizar os educadores quanto à sua responsabilidade, pois em suas mãos está a possibilidade de formar tanto autômatos condicionados e normóticos quanto homens lúcidos.

A automatose pode ser dissolvida por meio da conscientização. Trata-se, também, de um encontro com a liberdade. O homem que segue cegamente as normas torna-se escravo delas. Quando aprende a escutar a voz interior da sabedoria, torna-se verdadeiramente livre. Essa sabedoria é bloqueada por uma outra forma de normose, que discutimos a seguir.

A NEUROSE DO PARAÍSO PERDIDO – Em cada ser humano encontramos a nostalgia de uma felicidade completa, permanente, absoluta. Estamos seguros de que ela existe em algum lugar, mas não sabemos onde. Em geral, nós a procuramos fora de nós mesmos; numa amizade, num casamento ou religião. Mas não a encontramos e, quanto mais isso acontece, mais infelizes nos tornamos. Essa infelicidade aumenta ainda pela influência de uma série de fatores, a que demos o nome de “Neurose do Paraíso Perdido”. Está simbolizada no Gênesis, sob a forma do mito do paraíso, da árvore da vida e do conhecimento, da queda de Adão. Há também descrições detalhadas e claras na ioga hindu e budista.

Trata-se de um círculo vicioso, uma compulsão repetitiva, uma sucessão de causas e efeitos que se retroalimentam. É extremamente difícil sair desse círculo sem uma tomada de consciência do processo, que começa pela informação geral sobre o seu funcionamento. Essa informação já tem por si mesma um efeito terapêutico. Mas quais são as fases sucessivas do desenvolvimento desses fatores, que podemos chamar abreviadamente de NPP?

A NPP se forma a partir de uma fantasia: a separatividade. Trata-se de uma miragem, de uma ilusão fundamental, que faz com que nos percebamos como seres separados do resto do mundo. Em algumas de nossas vivências e conferências, pedimos aos participantes que mostrem a natureza. A reação imediata da maioria é apontar o dedo para fora, para uma janela, por exemplo. Esse gesto representa o começo de toda espécie de sofrimento, até mesmo do suicídio da humanidade. Exprime uma ilusão de percepção, que em filosofia se chama dualidade. A dualidade divide o real em sujeito e objeto. Há o “eu” e o “mundo”, o “universo”; o “observador” e o “objeto observado”; o “conhecedor” e o “conhecimento”.

Até bem pouco tempo, essa separatividade era adotada pela ciência. Constituíam um dogma ou, ao menos, um dos principais fundamentos da metodologia experimental, tecnológica ou teórica. A “objetividade” era condição essencial do método científico. Chegou mesmo a resultar numa espécie de eliminação do sujeito, como observa Edgar Morin. A mecânica quântica revela que essa eliminação é um equívoco, que é impossível separar o sujeito do objeto da observação. Mais do que isso, a física quântica também tende a mostrar-nos que tudo no universo é formado de energia, que todos os sistemas são constituídos pela mesma energia. Resulta, assim, que a separação entre o homem e o universo é artificial.



Caliope - Musa da Eloquência (1981) 30cm, h. Bronze.

Um novo ramo da psicologia, a psicologia transpessoal, mostra-nos a existência de um estado de consciência em que desaparece toda espécie de dualidade. A experiência e o estado transpessoal podem ser encontrados em todas as culturas, civilizações e épocas da história, sob diferentes denominações. Mas suas descrições, quando existem, são compatíveis entre si. Tudo indica que nosso estado de consciência de vigília não é totalmente desperto. Nele está a origem da fantasia da separatividade. O estado de vigília é dominado pelas cinco sensações e pelo raciocínio lógico formal. A ciência atual é o resultado de um conhecimento fundamentado exclusivamente nesse estado de consciência.

Podemos mesmo questionar até que ponto a fantasia da separatividade, sob a forma de objetividade científica, não seria a base da desumanização da ciência, da tecnologia, da educação. Nesta linha, ela seria também responsável pelo desaparecimento dos valores éticos, com conseqüências desastrosas.

Outro resultado dessa visão, que se baseia no antigo mas ainda atual paradigma newtoniano-cartesiano, é a crise de fragmentação por que passa toda a civilização industrial. Comportarmo-nos como ondas que se esqueceram de que são o mar. Escrevi um conto sobre esse tema, em que os personagens terminam fazendo a guerra. Assim, a destruição se instala a partir – e em decorrência – da fantasia da separatividade. É quando a NPP entra em ação.

DESTRUTIVIDADE SEM CONTROLE – A fantasia da separatividade é um fenômeno individual. Contudo, como a maior parte da humanidade é submissa a essa ilusão, forma-se um consenso que a reforça radicalmente. Constitui-se, assim, uma miragem coletiva. É deste modo que o princípio da objetividade da ciência torna-se um dogma quase inviolável. Enquanto esperamos que a humanidade se dê conta dessa ilusão fundamental, suas conseqüências continuam a se propagar, tanto no plano individual como no coletivo. Por causa da separatividade nós nos percebermos como sujeitos sólidos, em relação de conhecimento e ação com objetos exteriores, também percebidos como sólidos e permanentes. Isso faz com que comecemos, em função de nossas sensações de dor e prazer, a classificar esses objetos em três categorias: agradáveis, desagradáveis e indiferentes. Como resultado disso, desenvolvemos três tipos principais de atitude:

- Apego a tudo o que nos dá prazer. Esse apego pode se desenvolver em relação a pessoas, coisas ou idéias.

- Rejeição de tudo o que causa dor ou ameaça nossa existência.
- Ignorância de tudo o que não causa dor ou prazer.

Cada uma dessas três atitudes nos incita a comportamentos específicos, entre os quais é importante a possessividade, que faz com que desejemos ter, guardar só para nós próprios, sem dividir com ninguém, aquilo a que estamos apegados. Há também a crença da propriedade de coisas e objetos, de pessoas ou mesmo de idéias. Esse sentimento transforma-se em certeza, graças à existência de contratos ou recibos de posse de mercadorias, terrenos, imóveis, casamento, direitos autorais.

Alguns apegos produzem outras conseqüências psicológicas de destruição e sofrimento. O ciúme ocorre quando alguém ameaça conquistar – ou conquistar –, a afeição da pessoa a quem estamos apegados. A competição e a rivalidade instalam-se entre indivíduos apegados ao mesmo objeto, idéia ou pessoa. O orgulho e a vaidade resultam de um apego excessivo a uma auto-imagem de superioridade sobre os outros. Por trás de todas essas manifestações de apego está, em geral, o medo de perder o que acreditamos possuir, ou o receio de não podermos recuperar o objeto ou pessoa perdidos. No caso da perda, pode instalar-se a tristeza e a depressão.

A agressão e a raiva aparecem como conseqüências do ciúme, do orgulho ferido, da competição com os outros e do fato de sermos, nós próprios, objeto de agressão de outras pessoas. São comportamentos diferentes e sentimentos específicos de rejeição.

A indiferença é a ausência de sentimentos positivos ou negativos, em razão da falta de atenção ou da atitude de ignorar objetos, pessoas ou idéias que não têm utilidade ou nos ameaçam. Por exemplo, quantos motoristas passam sem parar perto do local de um acidente?

Desenvolve-se assim um conjunto de fatores psicológicos, de constante frustração da própria pessoa, dos outros, ou de todos. Alguns desses comportamentos e sentimentos estão reforçados por consensos sociais, às vezes até mesmo sancionados por normas jurídicas.

Assim se instalam as normoses socioculturais. O orgulho é uma delas, e está institucionalizado sob a forma do sentimento de honra. Por causa da honra ofendida, podia-se até pouco tempo provocar um duelo. Por esse meio socialmente aceito e recomendado, poderíamos eliminar a pessoa que nos ofendesse. Essa normose não existe mais. Em

compensação, os crimes causados pelo ciúme – agir sob forte emoção – são vistos, juridicamente, como passíveis de uma circunstância atenuante. Um povo pode massacrar outro, se sua honra for atingida ou seu direito de propriedade lesado. A figura legal da “guerra justa” tanto reforça quanto justifica essa normose de agressão e morte.

Isso não quer dizer que certas normas ou leis, como os contratos de casamento, sejam condenáveis. Mas convém deixar evidente a necessidade de evitar os apegos, a violência ou a indiferença, pois são esses os principais fatores psicológicos do sofrimento. Onde há sofrimento, há em sua origem sobretudo o apego. Não se trata de um dogma, mas de um fato que cada um pode verificar em sua própria existência. O apego reforça, pelo efeito retroativo, a fantasia da separatividade.

As emoções destrutivas inscrevem-se em nossos músculos sob a forma de tensão, perturbam nosso sistema endócrino, afetam os sistemas de defesa. A frustração repetitiva gera o estresse. Aos poucos, instalam-se as doenças e o sofrimento psicológico. Este, por sua vez, retroalimenta a fantasia da separatividade.

Todos nós estamos mais ou menos presos no círculo vicioso da repetição compulsiva. É o que o ioga chama de “roda do Karma”, ou “roda de Samsara”, e que traduzimos para o conceito de Neurose do Paraíso Perdido. É fácil constatar que a NPP é uma normose. A fantasia da separatividade, por meio da divisão sujeito-objeto, nos leva a atitudes de apego, rejeição ou ignorância dos objetos, que são vistos como externos. Isso nos leva a comportamentos agressivos e/ou possessivos, que são habituais, repetitivos. A fantasia da separatividade é reforçada por um consenso. Então, certas atitudes e comportamentos, considerados normais, acabam fazendo parte de uma “normalidade” que nos conduz ao sofrimento moral e físico.

NORMOSES SOCIOCULTURAIS E SAÚDE – No domínio da saúde, encontramos populações inteiras vítimas de normoses patológicas e algumas vezes letais. As crianças do Brasil perdem os dentes muito cedo, por causa do consumo excessivo de açúcar. O alcoolismo é o fruto de uma normose muito bem estruturada nos países vinícolas. O aperitivo “abre o apetite”, o vinho “faz bem à saúde”, sobretudo quando se toma um copo todos os dias durante as refeições. Os licores são obrigatórios para acompanhar o café.

A utilização de agrotóxicos é fruto de um consenso tecnológico reforçado pela mídia, bem como pelos estabelecimentos agrícolas. É sabido que seu uso resulta em graves doenças. Até o começo do século, a naturopatia era a regra na medicina. Com a industrialização dos medicamentos, a normalidade tecnológica industrial se estabeleceu. Ainda é muito cedo para fazer uma avaliação coerente dessa mudança. Se é verdade que, a curto ou médio prazo, numerosos medicamentos contribuem para a cura, seus efeitos iatrogênicos levantaram a questão, bem mais complexa, de que existe uma anomalia nessa normalidade.

Há uma infinidade de questões em relação à saúde: o consumo de carne, a utilização da chupeta, a idade do desmame, a mãe que trabalha, a hiperautoridade do médico, a focalização da doença e não da saúde na formação dos profissionais da medicina. São necessárias numerosas pesquisas para responder a essas questões.

Mas é sobretudo na educação que as normoses são transmitidas e se instalam, seja pelo exemplo dos pais e educadores, seja por meio dos programas escolares. Nessa área existe uma normose essencial, que parece dominar muitos dos métodos pedagógicos ocidentais: seu caráter culpabilizante. Até que ponto o superego rígido, identificado pela psicanálise, não seria a causa de muitas normoses? Até que ponto as neuroses podem ser consideradas normoses?

No plano político, uma normose afetou seriamente o lema da Revolução Francesa: Liberdade, Igualdade, Fraternidade. O ideal da Fraternidade, equivalente ao amor universal e à amizade entre todos os homens, foi abandonado. Nos dias de hoje, ele foi relegado à religião. O capitalismo rejeita o ideal de igualdade para todos, mas enfatiza a liberdade. O comunismo, por sua vez, suprimiu a liberdade em nome da igualdade. Assim, a política separou-se dos valores éticos, transformou-se num terreno de luta pelo poder, que às vezes termina em violência e guerra.

Podemos assim levantar a questão: os nacionalismos não seriam uma forma de normose, já que são uma evidente causa de guerras? Parece que a crença na propriedade de territórios, pelas nações, seria um prolongamento, uma extensão, do apego e da possessividade próprias da NPP. Essa normose fundamental, que é a do paraíso perdido, é aqui vista no plano coletivo. Pode-se estendê-la à maioria das religiões que, como as nações, acreditam-se superiores umas às outras. Em vez de terras, crêem-se proprietárias da Verdade.

Por sua vez a ciência e a tecnologia, como foi dito, são dominadas pela fantasia da separatividade. Esta se encontra na base de uma crença, que poderíamos chamar de superstição científica por excelência: a objetividade. Vimos que se trata de um engodo, denunciado pela física quântica e pela psicologia transpessoal. Assim, o antigo paradigma newtoniano-cartesiano é o responsável indireto pela NPP.

Por causa da fragmentação, desenvolveram-se disciplinas praticamente independentes, transformadas pelas universidades em novas torres de Babel. Eis porque a UNESCO, na declaração de Veneza, de 1986, recomenda a transdisciplinaridade; quer dizer, o reencontro complementar da ciência, da filosofia, da arte e da educação. É indispensável que a ciência e a tecnologia se submetam a uma ética, que deverá nascer no coração de cada cientista. Somente por meio dessas condições poderemos salvar a vida neste planeta.

Na área da economia, é graças ao apoio de certas variáveis econômicas que a tecnologia chega a se transformar em fator de destruição. Em primeiro lugar, porque são as empresas e organizações que utilizam as tecnologias construtivas, neutras ou destrutivas da vida. Em segundo lugar, porque outras normoses de ordem econômica vêm reforçar a ação das organizações.

Um bom exemplo é a normose consumista. Baseia-se na crença de que a Terra foi criada para a humanidade, e que esta pode dispor dela indefinidamente para seu consumo. Os recursos do planeta seriam, assim, ilimitados. Lembro-me, por exemplo, de ter visto um filme de publicidade, em que um homem se barbeava e jogava fora o barbeador de plástico dez vezes, com muita alegria. Esse hiperconsumo é ainda reforçado pela normose competitiva, cultivada por nosso sistema educacional.

Tal como ocorre na educação, a mídia transmite ou contribui para reforçar a normose consumista. O bombardeio constante de informações e estímulos para o consumo termina fazendo com que compreemos coisas de que não temos necessidade real. Aliás, o consumismo é um subproduto de uma normose mais vasta, comum à educação, à mídia e à informática.

Ela se apresenta sob diferentes aspectos. Identifica-se inicialmente com uma atitude geral, que nos faz confundir educação com instrução intelectual. O objetivo da educação de hoje, tal como concebida pela maioria dos ministérios – antigamente chamados de ministérios de instrução pública – é elaborar programas que permitam aos alunos armazenar o maior número possível de conhecimentos no maior número

possível de domínios. Esses programas criam esgotamento, tensão e estresse, por causa do seu apego à idéia de que é necessário um saber ilimitado. Simone de Beauvoir, numa entrevista alguns anos antes de sua morte, chegou à conclusão de que não é possível ler tudo. A informatose é reforçada pela “cibernose”, ou dependência do computador.

Deixamos aqui uma pergunta final: até que ponto o uso do computador para os cálculos não será um fator de atrofia progressiva da função mental numérica, assim como o uso do carro, diminuindo o exercício de andar, atrofia as pernas? ▲

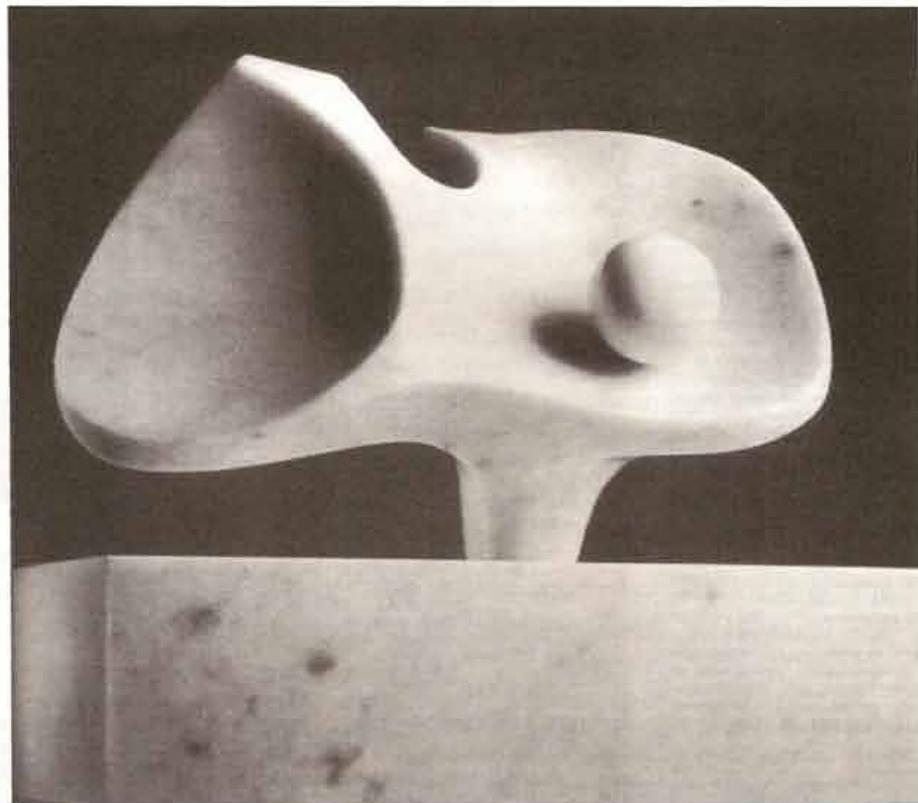


Apolo Hoje (1981) 60cm. h. Bronze.

JOSEPH CAMPBELL

NO FINAL
DE UMA ERA

Das metamorfoses da poesia até os heróis do nosso espírito, os mitos traçam um caminho em que mistério, psique e realidade se entrelaçam.



JOSEPH CAMPBELL (1904-1987) foi uma das maiores autoridades no campo da mitologia neste século. Parte de sua obra está sendo publicada pela Editora Palas Athena.

Flor da Amazônia (1984) 68cm. h. Mármore de Carrara.

Em todos os estudos de mitologia deve-se fazer uma distinção entre as atitudes para com as divindades. Estas são representadas, de um lado, pelo sacerdote e seu rebanho e, do outro, pelo poeta criativo, o artista e o filósofo. O sacerdote tende para o que eu chamaria de leitura positivista das imagens de seu culto. Tal interpretação é encorajada pela atitude da oração, visto que nesta é extremamente difícil manter o equilíbrio entre crença e descrença, apropriado para a contemplação de uma imagem ou idéia de Deus. Em contrapartida, o poeta, o artista e o filósofo, sendo eles próprios formadores de imagens e cunhadores de idéias, dão-se conta de que toda representação – seja na matéria visível da pedra, ou na substância mental da palavra – é necessariamente condicionada pela falibilidade dos órgãos humanos.

TRÊS METAMORFOSES – Subjugado por sua própria musa, o mau poeta pode imaginar que suas visões são sobrenaturais, e assim assumir a postura de um profeta cujas declarações eu definiria como “exagero poético” – poesia excessivamente interpretada. Assim, ele se torna o fundador de um culto e um gerador de sacerdotes. Mas um sacerdote bem dotado pode descobrir que seus seres sobrenaturais estão perdendo corpo, afundando no vazio, mudando de forma e até mesmo se dissolvendo; em conseqüência disso ele possivelmente se tornará um poeta ou, se melhor aquinhado, um poeta criativo.

Três importantes metamorfoses dos motivos e temas mitológicos, portanto, têm de ser reconhecidas como basicamente diferentes, mesmo estando fundamentalmente relacionadas: a verdadeira poesia do poeta, o exagero poético do profeta e a poesia feita para a morte do sacerdote. Ao passo que a história da religião é em grande parte o registro das duas últimas, a história da mitologia inclui as três. Ao fazer isso ela coloca não só a poesia, mas também a religião, numa relação nova e saudavelmente vivificada com as fontes do pensamento criativo. Pois a poesia – a “poesia sub-elaborada” – tem a tendência de permanecer nos

caprichos da surpresa pessoal, do deleite, da angústia diante das realidades da vida, num universo que os poetas jamais criaram; ao passo que na religião pode predominar a tendência oposta – a de não expressar nenhuma experiência pessoal, qualquer que seja ela, mas somente chavões autorizados

UM ESPANTOSO MISTÉRIO – No amplo panorama da história da Humanidade podem-se distinguir quatro funções essenciais da mitologia. A primeira e mais nítida – que vitaliza as demais – é a de fazer emergir e manter o sentimento de espanto diante do mistério do Ser. O professor Rudolph Otto designou esse reconhecimento do *numinoso* como o estado mental característico de todas as religiões propriamente ditas. Ele antecede e desafia a definição. No plano primitivo, é o terror demoníaco; no nível mais elevado, é o arrebatamento místico. Há muitos outros níveis entre esses dois estados.

Uma vez definido, o estado *numinoso* pode ser verbalizado e ensinado; mas a fala e os ensinamentos não podem produzi-lo, nem a autoridade o pode impor. Só o acaso da experiência e os símbolos próprios de um mito vivo são capazes de trazê-lo à luz e sustentá-lo. Esses símbolos, entretanto, não podem ser inventados: são descobertos, e a seguir atuam por si mesmos. E os que os descobrem representam as mentes sensíveis, criativas, vivas, dos que um dia foram conhecidos como videntes e agora o são como poetas e artistas criativos. Mais importantes, mais eficazes para o futuro de uma cultura do que seus políticos e exércitos, esses são os mestres do alento espiritual, por meio do qual o homem de barro desperta para a vida.

O UNIVERSO E SUA IMAGEM – A segunda função da mitologia é proporcionar uma cosmologia, uma imagem do universo que sustentará e será sustentada por esse sentimento de espanto diante do mistério da presença e da presença de um mistério. No entanto, a cosmologia tem de corresponder à experiência concreta,

ao conhecimento e à mentalidade de uma determinada cultura popular. Assim notamos que, quando os sacerdotes observadores do céu na antiga Suméria, por volta de 3500 a.C., descobriram a ordem dos planetas, todo o sistema mítico do Oriente próximo deu um passo para além dos temas simples e primitivos das tribos de caçadores e agricultores. Tomou forma a visão grandiosa de uma ordem têmporoespacial matemática e impessoal, da qual a cosmovisão da Idade Média – não menos que a da antiga Índia, da China e do Yucatan – foi apenas uma variante tardia. Hoje, essa visão se dissolveu. E aqui tocamos num problema crucial das religiões de nosso tempo, pois os cleros em geral ainda baseiam suas pregações em temas do primeiro ao quarto milênio a.C.

Nenhum adulto de hoje volta ao Livro do Gênesis para saber sobre as origens da Terra, das plantas, dos animais e do homem. Não existiu nenhum dilúvio, nenhuma torre de Babel, nenhum primeiro casal no paraíso; entre a primeira aparição conhecida do homem na Terra e a primeira construção de cidades transcorreu não uma geração (de Adão a Caim), mas uns bons dois milhões de gerações devem ter chegado a este mundo e passado para o outro. Hoje nos voltamos para a ciência, em busca de imagens do passado e da estrutura do mundo; e o que os demônios giratórios do átomo e as galáxias do olho telescópico nos revelam é um prodígio, que faz com que a Babel da Bíblia pareça um sonho da terra da fantasia da querida infância do nosso cérebro.

SUSTENTANDO A ORDEM SOCIAL – Uma terceira função da mitologia é dar sustentação à ordem social vigente, de modo a integrar organicamente o indivíduo em seu grupo. E novamente aqui, numa perspectiva ampla, vemos a expansão gradual do campo e do conteúdo grupais, que têm sido o sinal característico do progresso humano, desde o agrupamento tribal inicial até o conceito moderno, pós-alexandrino, de uma sociedade planetária. Numerosas províncias ainda resistem à amplitude desse conceito desafiador. As

representadas pelas diversas mitologias nacionais, raciais ou classistas, são exemplos. Entretanto, se um dia elas tiveram sua razão de ser, estão hoje ultrapassadas.

A função social de uma mitologia, e dos ritos pelos quais ela se exprime, é estabelecer em todo membro de um grupo um “sistema de sentimentos”, no qual ele possa se apoiar para ligar-se espontaneamente a seus fins. O “sistema de sentimentos” apropriado para uma tribo de caçadores pode ser impróprio para uma de agricultores; o que é adequado para um matriarcado é inadequado para um patriarcado; e o sistema de qualquer grupo tribal não serve para os indivíduos desenvolvidos, que hoje trilham os caminhos do leste para o oeste e do norte para o sul.

As antigas ordens míticas conferiram autoridade a seus símbolos atribuindo-os a deuses, heróis culturais, ou a alguma força impessoal elevada, como a ordenação do universo. E a imagem da própria sociedade, assim ligada à imagem maior da natureza, tornou-se um receptáculo de reverência religiosa. Hoje sabemos, de um modo geral, que nossas leis não vieram de Deus ou do Universo, mas de nós mesmos; sabemos que elas são convencionais e não absolutas; e que ao transgredi-las ofendemos não a Deus, mas aos homens.

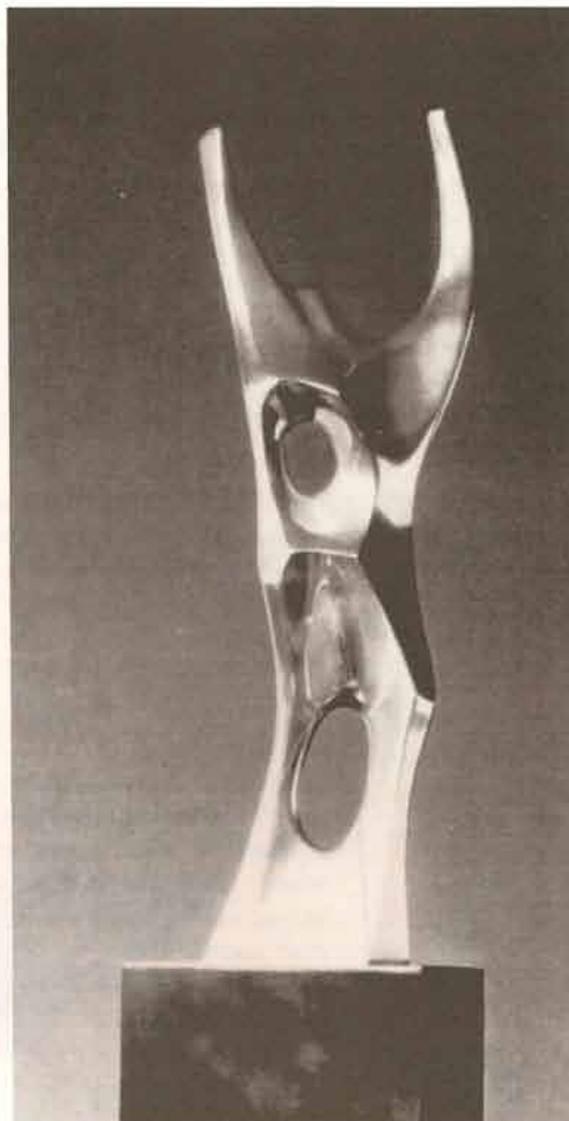
Não foram os animais, nem as plantas, nem o zodíaco e seu suposto criador, mas os nossos semelhantes que se tornaram os senhores do nosso destino e nós do deles. É possível que, num passado recente, homens inteligentes e de boa vontade tenham acreditado sinceramente que sua própria sociedade (qualquer que ela tenha sido) era a única boa, e que além dos seus limites estavam os inimigos de Deus. Em consequência, eles podem ter imaginado que foram escolhidos para expulsar do mundo os princípios do ódio, enquanto cultivavam o amor dentro de suas fronteiras, dirigindo-o para aqueles cujo “sistema de sentimentos” fosse o de Deus.

Hoje, entretanto, não existe nenhum mundo externo como esse. Os enclaves de provincialismo

nacional, racial, religioso e classista ainda persistem, mas os fatos físicos tornaram ilusórios os horizontes fechados. O antigo deus está morto, e com ele o seu pequeno mundo e sua sociedade diminuta e confinada. O novo centro focal de crença e confiança é a Humanidade. E, se o princípio do amor não puder ser despertado dentro de cada um – como o foi mitologicamente em Deus – para dominar o princípio do ódio, nosso destino só pode ser a Terra Arrasada; e os senhores do mundo serão os seus demônios.

PSIQUE E REALIDADE – A quarta função da mitologia é iniciar o indivíduo na ordem das realidades de sua própria psique, guiando-o na direção de seu enriquecimento e realização espirituais. Antigamente – e ainda hoje, em culturas arcaicas –, o caminho era subordinar inteiramente o julgamento individual, a vontade e as capacidades à ordem social; o princípio do ego (que vimos em *Mitologia Oriental*) deveria ser suprimido e, se possível, até mesmo apagado; enquanto isso os arquétipos, os papéis ideais da ordem social, eram inexoravelmente gravados em todos, de acordo com suas posições sociais. Num mundo de formas estáticas, era aceitável que a personalidade criativa sofresse um massacre assim; e os padrões continuam atuando, nos lugares onde ainda prevalece a mentalidade arcaica.

Pode-se tomar tudo isso como uma prova da posição avançada da Europa, no que se refere ao respeito pelo indivíduo. Contudo, enquanto o massacre de cerca de cinco milhões de judeus por Hitler desperta (e com propriedade) horror em todos os lados, os expurgos de Stalin, que atingiram 25 milhões de russos, passam quase despercebidos, e a atual orgia chinesa é completamente ignorada. Tanto no Oriente quanto no Ocidente, essa desumanidade é tida como normal para o grande Leste, enquanto esperamos coisa melhor de nós mesmos – e com razão. Pois foi apenas na Europa que se desenvolveu o princípio do julgamento e da responsabilidade individual, não em relação a uma ordem fixa de leis supostamente



O Vencedor (1982) 26cm. h. Bronze, escultura institucional.

divinas, mas em referência a um contexto mutante, racionalmente governado, de realidades humanas.

Na Europa, o encorajamento do princípio do ego aconteceu primeiro entre os gregos, depois entre os romanos. Ele se processou não como o simples “eu quero”, “eu desejo”, da infância (o “princípio do prazer” de Freud), mas como uma faculdade racional, informada, de julgamento responsável (“princípio de realidade”). O resultado foi que nós – e o nosso mundo particular – nos tornamos dotados de uma ordem de espiritualidade e problemática psicológica que diferem, em todos os sentidos, da mente arcaica oriental. Esse individualismo humanista libertou forças criativas que, em apenas dois séculos, provocaram mudanças humanas, para o bem e para o mal, que nem dois milênios haviam conseguido antes.

O ESPÍRITO E SEUS HERÓIS – O resultado disso é que, onde foram mantidos os velhos padrões de moralidade, eles não mais se adequam às realidades do cenário local, muito menos do mundial. A aventura do Graal – a busca interior dos valores criativos pelos quais a Terra Arrasada é redimida – tornou-se hoje uma tarefa inevitável de cada um; pois, por não haver mais horizontes fixos, não há mais nenhum ponto estável, nenhuma Meca, ou Roma, ou Jerusalém. Hoje nosso círculo é o que Nicolau de Cusa (1401-1464) anunciou, por volta de 1450: aquele cuja circunferência não está em lugar nenhum e cujo centro está em todas as partes; o círculo de raio infinito, que é também uma linha reta.

Por isso, no próximo volume (*Mitologia Criativa*) nossa tarefa será acompanhar sistematicamente, do período da Távola Redonda (em que não havia nin-

guém sentado à cabeceira, mas cada um era um herói supremo) até o momento atual da detonação do átomo, o longo processo de Abertura de Olhos do homem europeu, para um estado que não é um estado, mas um vir-a-ser. Desse modo, acompanharemos o desaparecimento de todas as máscaras anteriores de Deus, que agora se sabe terem sido as do desenvolvimento do próprio homem.

Talvez alguns ainda queiram curvar-se diante de uma máscara, por medo da natureza. Mas se não há divindade na natureza – a natureza que Deus criou –, como poderia ela estar na idéia de Deus, que foi criada pela natureza humana?

“Por meu amor e minha esperança eu te conjuro”, gritou o Zaratustra de Nietzsche: “não expulsa o herói de teu espírito!”



Icaro (1983). Bronze, escultura institucional da Varig.

PAINEL

O Pueri Domus Escolas Associadas possui material didático padronizado, baseado em seu programa de idéias e recursos, a ser utilizado pelo projeto "Mutirão da Educação". Trata-se de uma iniciativa pioneira, desenvolvida pelo professor Carlos Shinoda, em parceria com o programa Pueri Domus Escolas Associadas, que vem atender às peculiaridades sócio-culturais de crianças brasileiras residentes no Japão, melhorando assim os contatos entre as entidades educacionais dos dois países. Além de viabilizar o primeiro sistema operacional, segundo as condições do local onde está a criança, esse projeto conta com o apoio da embaixada do Brasil em Tóquio.

A intenção é integrar os filhos de *dekaseguis* (de 7 a 10 anos) ao sistema educacional brasileiro, desde a alfabetização até a 4ª série do 1º grau, proporcionando, mesmo à distância, a continuidade do ensino multidisciplinar previsto no currículo brasileiro. Desse modo a adaptação dessas crianças será facilitada, num eventual retorno de suas famílias ao Brasil. Considerando que algumas delas saem daqui ainda sem um contato efetivo com o sistema educacional nacional, e que quando chegam ao Japão acabam cursando escolas *nikkei*, o material do Pueri Domus evita que essas crianças percam contato com o conteúdo programático brasileiro.

A admissão dos alunos brasileiros às escolas japonesas é feita com base na idade, independentemente do conhecimento do idioma japonês. Esse processo de aculturação, que não é especialmente orientado para valores sócio-culturais, tem sido em muitos casos responsável pela produção de crianças estressadas, que

podem até apresentar regressão em seu desenvolvimento. Outro problema, decorrente da falta de uma estrutura orientada para as características dos brasileiros residentes no Japão, é o fato de muitos jovens não conhecerem, ou terem esquecido, a língua portuguesa. Além disso, os cursos realizados no exterior não são reconhecidos pelas autoridades brasileiras.

Assim, ao voltar ao Brasil essa geração acaba tendo de reiniciar seus estudos em classes de alfabetização, ou ficam à espera da oportunidade de cursar algum supletivo, ao completarem dezoito anos. Com o projeto Mutirão as aulas serão dadas por agentes educacionais, que podem ser qualquer pessoa com disponibilidade de tempo e instrução mínima no idioma português e formação no Núcleo de Ação Educativa (NAE), nas cidades que têm grande concentração de *dekaseguis*.

Um *kit*, composto pelo material didático do Pueri Domus Escolas Associadas, mais um manual de orientação em japonês, oferece recursos didáticos basicamente voltados para o melhor aproveitamento das aulas. As apostilas do programa Pueri Domus poderão atender às necessidades de aprendizagem das crianças, de modo a possibilitar sua admissão ao sistema educacional brasileiro, inclusive às 61 escolas associadas ao Pueri Domus. Fica, portanto, assegurada uma melhor interação entre as instituições de ensino, os governos e as empresas nipo-brasileiras.

(Informações: Pueri Domus Escolas Associadas. Tel (011) 521-2155 R 222/225 e Tel/fax (011) 914-0573.

EPIFANIAS

PAULO BOMFIM

Os números

UM

Da fonte
Nascem a luz e a treva
O seio e a espada
O nunca e o sempre.
Hoje somos a água
Amanhã seremos
Nuvem e holocausto
Chuva que regressa.
Um é:
O raio e a árvore
O mar e o afogado
O mármore e a estrela
O amante e o amado
O arco-íris e o anjo.
Caminhando regressamos.
Morrer é o murmurar da fonte.



DOIS

Na areia que sou
Trazida pelo mar
Foste o passo e a mão
Que me atirou ao vento.
Em dunas errantes
Me moldei em Ti,
Fui caravana e deserto
Sede e cacimba.
Em dois
O princípio se reconhece.
Na madrugada se fecha
O círculo da noite e do dia.

TRÊS

Sobre a vida
O Verbo,
Sobre o Verbo
A luz.
No meio de três ângulos
O olhar te penetra.
Em tua transparência
Percebes a luz das estrelas
E em teus sentidos
Flores se desmancham em realidade.
Três caminhos perpassam tua mente,
És o centro e o lado de fora de tudo.
No mundo das formas
Principias a ser irreal.

QUATRO

Acorda em ti
 A terra donde vieste
 O fogo donde brotaste
 O ar donde nasceste
 A água donde surgiste.
 Acorda em ti
 A semente
 Desperta em ti
 A labareda
 Provoca em ti
 O vento
 Invoca em ti
 O mar.
 Os quatro momentos de tua angústia
 Moldarão tua eternidade.



SEIS

Sobre teu lago interior
 Se refletirá o triângulo eterno.
 Serás a tábua de esmeralda
 Sentindo as duas faces
 De uma só realidade.
 Em teus cinco sentidos
 Nascerá a intuição do mistério,
 Amarás os degraus do teu templo
 E os dragões colocados em teu caminho:
 Notarás que também és pedra
 E medo que deita fogo pelas narinas.
 Sobre teu lago interior
 Mergulhará a noite.

CINCO

No espaço vazio
 És a estrela
 Crucificada em si mesma.
 És a serpente e o anjo
 A luz incendiária
 E o fogo luminoso.
 De tua carne se alimentam
 Os abutres do tempo.
 E em tua essência crescem
 Dias e noites.
 Um dia falarás
 A linguagem dos silfos e das salamandras
 E entre ondinas e gnomos sentirás tua
 lucidez
 Renascer da rosa noturna.
 Estarás consciente no meio de cinco pontas
 de loucura,
 Serás o teu destino.

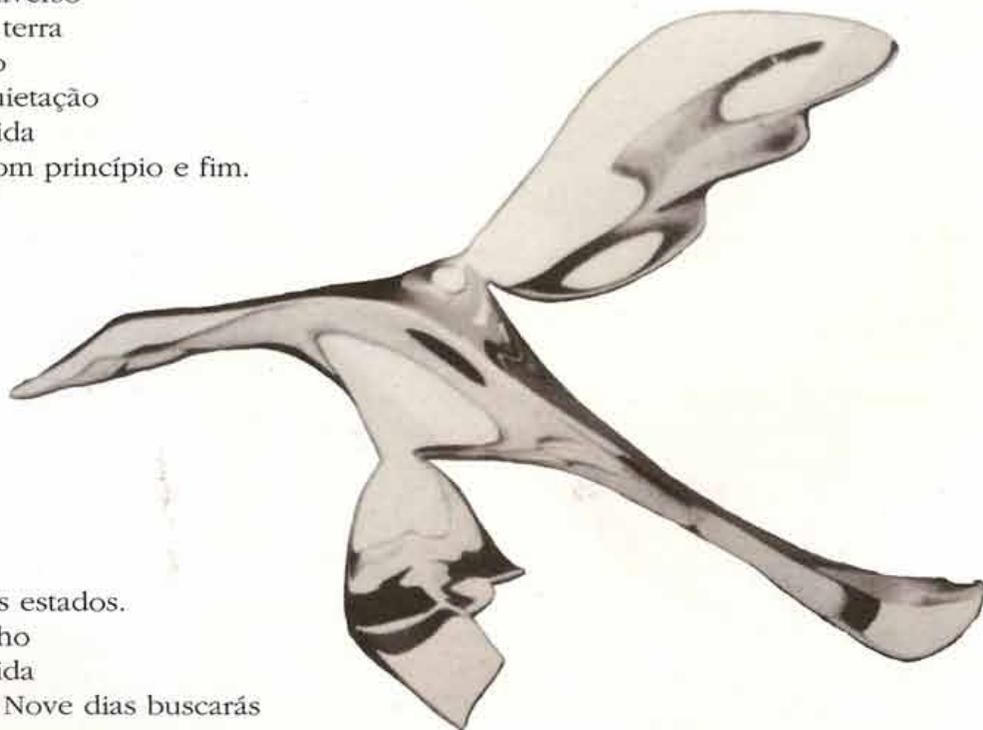
SETE

Em ti se repetirão
 Os sete dias do mundo.
 Sete espadas musicais
 Sangrarão teu silêncio
 Para que ouças o que as coisas
 Querem te dizer.
 Sete noites pousarão em tua vida
 Para que entendas o ouro do sol
 E o transformes em alma.
 Sonâmbulo, despertarás
 Além de teu corpo adormecido.



OITO

No centro do universo
 Serás a balança de braços invisíveis.
 Quatro pedras negras e quatro pedras brancas
 Oscilarão em teu equilíbrio.
 Em ti elas se transformarão
 Em queda ou ascensão
 Em dúvida ou certeza.
 No centro do universo
 Serás a mão e a terra
 O fruto e o lábio
 A carne e a inquietação
 A imagem refletida
 A semelhança com princípio e fim.



NOVE

Três vezes serás os três estados.
 Nevarás em teu caminho
 Serás nuvem em tua vida
 Choverás em tua sede Nove dias buscarás
 Tua sombra e o corpo
 Que a faz existir.
 Em nove momentos perderás o fio
 Que te conduz
 No labirinto do teu sangue.
 Se tuas nove espadas se fundirem
 Se teus nove gritos morrerem na garganta
 E tuas nove esperanças tombarem na noite,
 Evoca a força de teus mortos que jazem em ti
 Transformados em ti
 Clama pelas tuas vidas passadas
 Que moram em ti
 E verás que à medida que caminhas
 Nove portas de bronze se abrirão
 Para teus passos de neve
 Teus vôos de nuvem
 Tua impetuosidade de torrente.

DEZ

Junto à fonte
 O infinito.
 Na palma da estrela
 Acende-se outra estrela.
 Em nossos braços, dez pontas se iluminam;
 Caminhamos e nosso tato nos transmite
 O formato de outros rostos
 Tocamos outras cores
 Sentimos outros perfumes
 E percebemos na treva a existência
 De harmonias desconhecidas.
 Na fonte mergulhamos nossas mãos.
 Somos tocados pelo murmúrio.
 Amanhecemos.

THOT é uma publicação que não se limita a acompanhar as mudanças de idéias e fatos.

THOT intervém nas mudanças, levando ao leitor as novas visões de mundo que surgem nas áreas da filosofia, das ciências, das artes, da mitologia e das tradições.

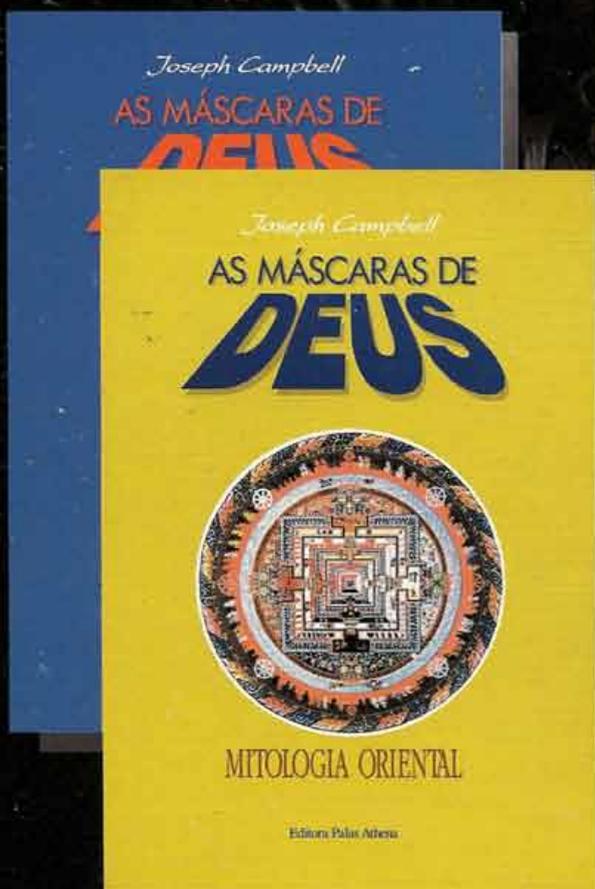
É nosso propósito refletir sobre a realidade interna e externa e compartilhar essa reflexão com nosso leitor: é ele o porta-voz dos novos rumos e aspirações que configuram o perfil de uma comunidade humana mais livre, responsável, compassiva e aberta. Assim é **THOT**.

Participe conosco dessa aventura no mundo das idéias e dos fatos.

**A Editora Palas Athena
apresenta**

AS MÁSCARAS DE DEUS *Joseph Campbell*

Volume I - MITOLOGIA PRIMITIVA
Volume II - MITOLOGIA ORIENTAL



As Máscaras de Deus é uma obra em quatro volumes que retrata amplamente a instigante visão campbeliana das mitologias do mundo. Adepto da teoria difusionista, em As Máscaras de Deus Campbell se interessa por deslocamentos de povos em busca de espaços mais propícios. Desses movimentos geográficos e históricos, de que resultam superposições e sincretismos de crenças e mitos, extrai a confirmação da unicidade da raça humana, não só em termos biológicos, mas também espirituais. O primeiro volume, Mitologia Primitiva, refere-se aos povos caçadores e coletores. O segundo, Mitologia Oriental, lançado recentemente, aborda as mitologias que se desenvolveram sobretudo no Egito, Índia, China, Tibete e Japão. A ser lançados, o terceiro volume compara temas de arte, rito e literatura ocidentais; o quarto aborda a mitologia criativa – a esfera filosófica, espiritual e artística da cultura moderna: o homem como criador de sua própria mitologia.

Mitologia Primitiva - 418 páginas
Mitologia Oriental - 448 páginas